

**UNIVERSIDADE ESTADUAL DE PONTA GROSSA
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIAS SOCIAIS APLICADAS**

PATRÍCIA MACHADO PEREIRA GIARDINI

**O ENSINO RELIGIOSO COMO POSSIBILIDADE PEDAGÓGICA À PROMOÇÃO
DE AÇÕES PELA CULTURA DE PAZ NO CAMPO EDUCACIONAL**

PONTA GROSSA

2021

PATRÍCIA MACHADO PEREIRA GIARDINI

**O ENSINO RELIGIOSO COMO POSSIBILIDADE PEDAGÓGICA À PROMOÇÃO
DE AÇÕES PELA CULTURA DE PAZ NO CAMPO EDUCACIONAL**

Dissertação apresentada como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Ciências Sociais Aplicadas, pela Universidade Estadual de Ponta Grossa. Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais Aplicadas. Área de Concentração: Cidadania e Políticas Públicas. Linha de pesquisa: Estado Direito e Políticas Públicas.

Orientador: Prof. Dr. Nei Alberto Salles Filho.

PONTA GROSSA

2021

G435 Giardini, Patrícia Machado Pereira
O Ensino Religioso como possibilidade pedagógica à promoção de ações pela Cultura de Paz no ambiente educacional / Patrícia Machado Pereira Giardini. Ponta Grossa, 2021.
174 f.

Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais Aplicadas - Área de Concentração: Cidadania e Políticas Públicas), Universidade Estadual de Ponta Grossa.

Orientador: Prof. Dr. Nei Alberto Salles Filho.

1. Ensino religioso. 2. Cultura de paz. 3. Educação para a paz. 4. Escola. 5. Religiões. I. Salles Filho, Nei Alberto. II. Universidade Estadual de Ponta Grossa. Cidadania e Políticas Públicas. III.T.

CDD: 370.114

TERMO DE APROVAÇÃO

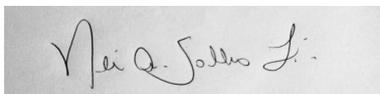
PATRÍCIA MACHADO PEREIRA GIARDINI

“O ensino religioso como possibilidade pedagógica à promoção de ações pela cultura de paz no campo educacional”.

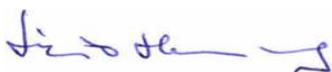
Dissertação aprovada como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre no Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais Aplicadas, Setor de Ciências Sociais Aplicadas da Universidade Estadual de Ponta Grossa, pela seguinte banca examinadora:

Ponta Grossa, 07 de dezembro de 2021.

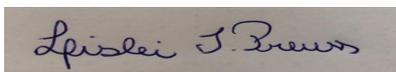
Assinatura pelos Membros da Banca:



Prof. Dr. Nei Alberto Salles Filho - UEPG - PR – Presidente



Prof. Dr. Lúcio Jorge Hammes - UNIPAMPA - RS - Membro Externo



Profª. Drª. Lislei Teresinha Preuss - UEPG-PR - Membro Interno

Prof. Dr. Constantino Ribeiro de Oliveira Júnior - UEPG - PR – Suplente Interno

Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson - UTFPR - PR - Suplente Externo

Aos meus amores Winston, Isabella, Luccas e Giovanna.

AGRADECIMENTOS

Gratidão! Fazer este mestrado foi para mim uma grande realização, um caminho que eu queria percorrer e lutei muito para conquistar.

Assim, este é um momento ímpar pois, pode ser a primeira e única vez que escreverei sobre meus próprios sentimentos e o turbilhão de emoções, positivas e negativas, que se revelaram durante este percurso.

Apesar da insegurança e cansaço físico/mental inerentes ao processo, desde as primeiras tentativas de ingresso até sua conclusão, reforçados pela experiência de evoluir e concluir a pós-graduação durante uma pandemia, são marcos que jamais serão esquecidos e que me fizeram crescer muito como pessoa e como pesquisadora.

Desse modo, a primeira palavra que me vem à mente é GRATIDÃO! Acredito que o sentimento que este valor humano provoca é reparador e dignificante pois, quando se agradece ao outro é a gente que se fortalece e apazígua!

Deus permita que possa sempre Dele me lembrar e agradecer, bem como de todos os que me foram importantes durante esta jornada, mas, se me esquecer de alguém, por favor, humildemente peço, seja o primeiro a sentir-se reconhecido!

Destarte, agradeço aos meus inesquecíveis avós, Isabel e Marcos, Cida e Nelson, bem como aos demais parentes que já não estão neste mundo, mas, que compõe um lugar sagrado no meu coração!

Aos meus amados pais, Celita e Fernando por me dar esta chance, pois sem eles, eu nada seria!

Às extensões do meu ser, meu amor Winston e nossas filhas e filhos, Giovanna, Isabella-Joshua e Luccas-Carolina, pois sem eles, eu nada teria!

À minha grande, querida e amada família, ora representada por minhas irmãs; sogra e sogro; cunhadas e cunhados, sobrinhas e sobrinhos, os quais é justo nominar: Maria e Walpheu; Paula e Poliana; Célia, Cláudia, Eiko e Miriam; Fábio, Jair, Keliton, Victor e William; Ana Laura, Caio, Diego, Guilherme, Lais, Leonardo, Letícia, Lucca, Mariana, Marina, Rafael e Vinícius, por todo apoio e incentivo! Às tias e tios, primos e primas!

À querida amiga/comadre Danielle Szesz, que colaborou neste trabalho, incentivando-o e revisando-o quanto à língua vernácula!

Aos queridos(as) e inúmeros(as) amigos(as), da infância, da adolescência e da vida adulta, aos atuais, aos passageiros e aos eternos. Como é bom ter amigos, pois estes podemos escolher!

A todos os meus professores, ora representados pela primeira, a Professora Dona Maria do Carmo, minha eterna lembrança e apreço!

Aos estimados alunos e professores do curso de Direito da UNISECAL, com quem divido os compromissos e as alegrias da docência!

Aos professores do Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais Aplicadas (PPGCSA) da Universidade Estadual de Ponta Grossa (UEPG)! Aos que compuseram a banca de admissão e, também me ensinaram: Jussara, Mirna e Nei; aos que repassaram seus ensinamentos: Augusta, Constantino, Dirceia, Gonçalo, João Irineu, Lenir, Lislei, Mirna, Sandra, Silmara e Silvana e a todos que não tive a honra de ter aulas durante o mestrado!

Aos colegas do PPGCSA-2019, em especial à Carolina e Fabiane amigas de todas as horas; às amigas do grupo de estudos, Estefany, Kelen, Michelle, Monia, e aos amigos João Maria e Lucas!

Aos amigos do Núcleo de Educação para a Paz de Ponta Grossa (NEP-PG) e do grupo de pesquisa Cultura de Paz, Direitos Humanos e Sustentabilidade (CPDHS), que também são colegas de orientação Carolina, Melissa, Rafael, Gilmara, Renata, Daniele, Letícia, Elis, Susana e Catharina.

À Secretaria Municipal de Educação e ao Grupo de Formação Humana/Ensino Religioso, ambos do município de Ponta Grossa-PR, pelo suporte durante a pesquisa de campo, bem como às professoras entrevistadas!

À banca examinadora, na pessoa dos professores Doutor Lúcio Jorge Hammes e Doutor Constantino Ribeiro de Oliveira Júnior, pelo carinho e atenção! Bem como aos suplentes Profa. Dra. Lislei Teresinha Preuss e Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson!

Muito especialmente ao professor orientador Doutor Nei Alberto Salles Filho, meus agradecimentos por me apresentar à Cultura de Paz, pelos exemplos, incentivo, entusiasmo e por me fazer querer ser um pouquinho do que ele é e representa para nossa sociedade! Gratidão também à sua esposa Virgínia!

Por fim, meus agradecimentos à querida UEPG, casa dos meus filhos e agora minha casa, onde pude realizar o sonho de fazer pesquisa, espero retribuir o bem que me fez!

Visto que o mais complexo comporta a maior diversidade, a maior autonomia, o maior grau de liberdade e o maior risco de dispersão, a solidariedade, amizade e o amor são o cimento vital da complexidade humana.

EDGAR MORIN, 2017

GIARDINI, P. M. P. **O Ensino Religioso como Possibilidade Pedagógica à Promoção de Ações Pela Cultura de Paz no Campo Educacional.** 2021. 177 f. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais Aplicadas) – Universidade Estadual de Ponta Grossa. Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais Aplicadas. Área de Concentração: Cidadania e Políticas Públicas. Linha de pesquisa: Estado Direito e Políticas Públicas, Ponta Grossa, 2021.

RESUMO

Diante da inserção legal trazida para a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional através da Lei nº13.663/2018, pela qual se preceitua que os estabelecimentos de ensino deverão promover ações em prol da Cultura de Paz no ambiente escolar, surgiu o questionamento de quais seriam os procedimentos possíveis para cumprir tal norma. Assim, este trabalho tem por objetivo central, verificar se o Ensino Religioso como área do conhecimento integrante da Base Nacional Comum Curricular pode ser considerado uma estratégia hábil à promoção da Cultura de Paz nas Escolas. Para tanto, buscou-se estudar os aspectos centrais acerca da Cultura de Paz, da Educação para a Paz, das Religiões e do Ensino Religioso, inclusive os seus conceitos, cujos referenciais teóricos se firmam em autores de áreas interdisciplinares como Educação, Sociologia, História e Direito. A partir da escolha destes quatro aspectos centrais, foram pesquisadas algumas noções a partir da Teoria da Complexidade para se configurar uma melhor compreensão da Cultura de Paz e da Educação para a Paz, em especial as possibilidades apontadas para resolução de conflitos de forma positiva. Em seguida, buscou-se conhecer algumas teorias religiosas estabelecidas por filósofos, bem como de modelos religiosos existentes no mundo. Para tanto, procurou-se uma convergência entre as principais Religiões no mundo, com o fim de se verificar as perspectivas para a aproximação da Cultura de Paz com o Ensino Religioso. A partir destes, a interrelação com a liberdade religiosa e a cosmovisão, com a religiosidade, a espiritualidade e os valores humanos. Assim, buscou-se descobrir pistas sobre a possibilidade de o Ensino Religioso laico, como consta da legislação educacional vigente, poder ser utilizado com o fim de promover a Cultura de Paz no ambiente escolar. Utilizou-se a metodologia da pesquisa qualitativa e de caráter exploratório. Assim, após esmiuçar o referencial teórico abarcado, escolheu-se o grupo de Formação Humana/Ensino Religioso do ensino fundamental, da Secretaria Municipal de Educação da cidade de Ponta Grossa-PR para pesquisa de campo. A coleta dos dados deu-se através de entrevistas semiestruturadas realizadas com educadoras ligadas ao referido grupo, com perguntas relacionadas a duas temáticas: Cultura de Paz e Ensino Religioso/Espiritualidade. Como resultados, dentre outros, descobriram-se as possibilidades advindas do resgate dos valores humanos para levar Cultura de Paz ao ambiente escolar. Bem como, que os mesmos valores podem ser incluídos nas diretrizes do Ensino Religioso.

Palavras-chave: Cultura de Paz. Educação para a Paz. Ensino Religioso. Escola. Religiões.

GIARDINI, P. M. P. **Religious Education as a Pedagogical Possibility to Promote Actions for the Culture of Peace in the Educational Field**. 2021. 177 f. Dissertation (Master in Applied Social Sciences) – State University of Ponta Grossa. Graduate Program in Applied Social Sciences. Area of Concentration: Citizenship and Public Policies. Line of research: State Law and Public Policies, Ponta Grossa, 2021.

ABSTRACT

Given the legal insertion brought to the Law of Directives and Bases of National Education through Law No. 13663/2018, which states that educational institutions should promote actions for the Culture of Peace in the school environment, the question arose what would be the possible procedures to fulfill this norm. Thus, this work has as its main objective, to verify if Religious Education as an area of knowledge and part of the Common National Curricular Base can be considered a strategy capable of promoting the Culture of Peace in schools. For that, it was sought to study the central aspects about the Culture of Peace, Education for Peace, Religions and Religious Education, including their concepts, whose theoretical references are based on authors from interdisciplinary areas such as Education, Sociology, History and Law. From the choice of these four central aspects, some notions from the Complexity Theory were researched to set up a better understanding of the Culture of Peace and Education for Peace, especially the possibilities pointed out for resolving conflicts in a positive way. Each school is formed by a community that reflects its routine, its conflicts and the way of being and acting of the people who are in that place, integrating a community, a neighborhood or a city according to their own aspects such as culture, access to goods and services, violence, among others. Thus, the actions for the Culture of Peace cannot be the same for all schools, because they will vary according to the place where it is located. Next, we tried to get to know some religious theories established by philosophers, as well as the religious models existing in the world. For this, a convergence among the main religions in the world was sought, in order to verify the perspectives for the approximation of the Culture of Peace with Religious Education. From these, the interrelation with religious freedom and worldview, with religiosity, spirituality, and human values. Thus, we sought to discover clues about the possibility that secular Religious Education, as stated in the educational legislation in force, can be used to promote the Culture of Peace in the school environment. The methodology used was qualitative and exploratory research. Thus, after analyzing the theoretical reference covered, the Human Formation/Religious Education group of the elementary school of the Municipal Department of Education of the city of Ponta Grossa-PR was chosen for the field research. Data collection was made through semi-structured interviews with educators connected to this group, with questions related to two themes: Culture of Peace and Religious Teaching/Spirituality. As results, among others, it was discovered the possibilities arising from the rescue of human values to bring a Culture of Peace to the school environment. The same values can be included in the Religious Education guidelines.

Keywords: Culture of Peace. Education for Peace. Religious Education. School. Religions.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Quadro 1 – Desenvolvimento histórico mundial da Educação para a Paz	35
Quadro 2 – Modelo Indiano: “Humanismo Espiritual”	65
Quadro 3 – Modelo Chinês: “A grandeza composta”	67
Quadro 4 – Modelo Japonês: “O refinamento do guerreiro”	69
Quadro 5 – Modelo Hebraico: “Povo de Deus”	70
Quadro 6 – Modelo Católico: “A felicidade não é desta terra”	71
Quadro 7 – Modelo Muçulmano: “Fé e conquista”	73
Quadro 8 – Modelo Protestante: “Graça e rigor”	76
Quadro 9 – Entrevista: primeira pergunta do eixo Cultura de Paz	109
Quadro 10 – Entrevista: segunda pergunta do eixo Cultura de Paz.....	110
Quadro 11 – Entrevista: terceira pergunta do eixo Cultura de Paz	112
Quadro 12 – Entrevista: quarta pergunta do eixo Cultura de Paz	113
Quadro 13 – Entrevista: quinta pergunta do eixo Cultura de Paz.....	114
Quadro 14 – Entrevista: primeira pergunta do eixo Ensino Religioso/Espiritualidade	115
Quadro 15 – Entrevista: segunda pergunta do eixo Ensino Religioso/Espiritualidade	117
Quadro 16 – Entrevista: terceira pergunta do eixo Ensino Religioso/Espiritualidade	118
Quadro 17 – Entrevista: quarta pergunta do eixo Ensino Religioso/Espiritualidade	119

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Organograma da Cosmovisão.....	85
Figura 2 – A primeira missa no Brasil.....	93
Figura 3 – Grade curricular 2º ano – anual.....	106
Figura 4 – Grade curricular 4º ano – anual.....	106

LISTA DE GRÁFICOS E FLUXOGRAMAS

Gráfico 1 – Recorrência dos temas nas entrevistas do apêndice A	120
Fluxograma 1 – Interrelação entre Cultura de Paz, Ensino para a Paz, Religiões e Ensino Religioso.....	122

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

BNCC – Base Nacional Comum Curricular

CF/88 – Constituição federal de 1988

DSF – Diário do Senado Federal

LDB – Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional

ONU – Organização das Nações Unidas

PLS – Projeto de Lei do Senado

SME – Secretaria Municipal de Educação

UNESCO - Organização das Nações Unidas para a Educação, Ciência e Cultura

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	15
1 A CULTURA DE PAZ SOB O OLHAR DA TEORIA DA COMPLEXIDADE	20
1.1 CONCEPÇÕES NECESSÁRIAS	21
1.2 INSERÇÃO DA CULTURA DE PAZ NA LDB.....	27
1.2.1 A importância do <i>status</i> de lei para a Cultura de Paz.....	29
1.2.2 Ações para os estabelecimentos de ensino promoverem a Cultura de Paz.....	31
1.2.3 Por que na Escola?	31
1.3 CULTURA DE PAZ E EDUCAÇÃO PARA PAZ.....	34
1.4 A CULTURA DE PAZ BASEADA EM VALORES.....	37
1.5 CULTURA DE PAZ E ALGUNS ASPECTOS SOBRE RELIGIÃO E ENSINO RELIGIOSO	40
2 A RELIGIÃO NO MUNDO, CARACTERÍSTICAS, INTERFACES E APROXIMAÇÕES COM A CULTURA DE PAZ	44
2.1 PLURALISMO RELIGIOSO	44
2.1.1 Modernidade.....	46
2.1.2 Secularização	47
2.1.3 Conceito de Religião.....	49
2.1.4 Estado Laico, Laicidade e Laicismo	51
2.2 TEORIAS RELIGIOSAS.....	52
2.2.1 Perspectiva religiosa a partir de Freud	54
2.2.2 Perspectiva religiosa a partir de Durkheim.....	55
2.2.3 Perspectiva religiosa a partir de Marx.....	58
2.2.4 Perspectiva religiosa a partir de Weber	60
2.2.5 Apontamentos sobre os quatro teóricos	63
2.3 MODELOS RELIGIOSOS	64
2.4 O DIREITO À LIBERDADE RELIGIOSA E O PROBLEMA DA INTOLERÂNCIA.....	77
2.5 INTERFACES DAS RELIGIÕES COM A CULTURA DE PAZ	80
2.5.1 As “Fórmulas da Paz” de Berger.....	80

2.5.2 Religiosidade e Espiritualidade	82
2.5.3 Cosmovisão	83
2.5.4 Neopentecostalismo e a exposição política e midiática	86
3 ENSINO RELIGIOSO E ESPIRITUALIDADE NA FORMAÇÃO HUMANA.....	92
3.1 BREVE HISTÓRICO DO ENSINO RELIGIOSO NO BRASIL	92
3.2 O CARÁTER ATUAL DO ENSINO RELIGIOSO NA EDUCAÇÃO BRASILEIRA	96
3.2.1 O Ensino Religioso na BNCC.....	97
3.3 ENSINO RELIGIOSO E ESPIRITUALIDADE.....	101
4 FORMAÇÃO HUMANA /ENSINO RELIGIOSO NO ENSINO FUNDAMENTAL DO MUNICÍPIO DE PONTA GROSSA-PR – PESQUISA DE CAMPO	103
4.1 BREVE ANÁLISE DOS REFERENCIAIS CURRICULARES PARA OS ANOS INICIAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL DE PONTA GROSSA - PR.....	104
4.2 METODOLOGIA, ENTREVISTAS E RESULTADOS	107
4.3 REFLEXÕES SOBRE O REFERENCIAL TEÓRICO DA PESQUISA	121
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	123
REFERÊNCIAS	126
APÊNDICE A – ENTREVISTAS PARA COLETA DE DADOS	133
APÊNDICE B – ENTREVISTAS	134

INTRODUÇÃO

Vivemos em um mundo conturbado, no qual a violência e a falta de diálogo têm permeado as relações humanas de forma a modificá-las de acordo com cada contexto histórico, cultural, político e social.

O homem parece ter perdido a noção do ser, pela de ter e diariamente, as realidades retiram de cena vidas preciosas do planeta, o qual parece ter perdido seus principais valores, como o respeito à vida e ao próximo, a empatia, a solidariedade, a honestidade, dentre outros.

A cada dia, o ser humano parece tentar buscar um caminho para estar em paz com sua consciência e com a sociedade em que vive, porém, o que raramente se pondera é como e onde se encontram tal sensação e ou sentimento.

Pode-se dizer que, a sensação de paz parece advir de fatores externos como, ausência de guerras, ausência de violência material e física o que denota uma reação, por outro lado, o sentimento de paz parece surgir através de fatores internos como, valores, espiritualidade e religiosidade, o que incita uma ação interna.

Ao participar como advogada, da Comissão de Liberdade Religiosa na Ordem dos Advogados do Brasil – Paraná, subseção de Ponta Grossa em 2018 (OAB/PR), foi possível perceber as dificuldades que ainda existem nesse campo, tanto quanto ao entendimento dos conceitos inerentes ao tema, quanto na aplicação deles.

Na mesma época, surgiu a possibilidade de integrar o grupo de pesquisa em Cultura de Paz, Direitos Humanos e Sustentabilidade da UEPG e lá descobrir acerca da promulgação da lei nº 16.663/2018 que inseriu na LDB, a necessidade de os estabelecimentos de ensino promoverem ações em prol da Cultura de Paz, o que despertou a ideia de estudar as questões dos conflitos religiosos que poderiam ser resolvidos através do diálogo interreligioso e logo, a direção ao tema desta pesquisa.

Assim sendo, pensou-se na necessidade de se cultivar a paz e promover ações para provê-la no mundo. Mas, por onde se pode começar?

Afinal, o que é Cultura de Paz? Segundo o conceito trazido pela Organização das Nações Unidas (ONU), através do primeiro artigo da Declaração e Programa de Ação sobre uma Cultura de Paz, 'uma Cultura de Paz é um conjunto de valores, atitudes, tradições, comportamentos e estilos de vida baseados' no respeito em diversos aspectos como, à vida; ao estado democrático de direito; aos direitos

humanos e liberdades fundamentais; e no compromisso à solução pacífica dos conflitos.

Este trabalho acadêmico, de caráter científico, tem como objetivo principal: verificar se o Ensino Religioso, como área do conhecimento, prevista na Base Nacional Comum Curricular (BNCC), é um instrumento hábil a promover ações em prol da Cultura de Paz nos estabelecimentos de ensino, conforme prevê a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB).

Os objetivos específicos se constituem em: analisar a Cultura de Paz à luz da Teoria da Complexidade, de modo a compreender os múltiplos aspectos da primeira, sobretudo em seu caráter paradoxal quanto aos lados positivo e negativo, quando da ocorrência dos conflitos.

Outro objetivo específico é descobrir o caráter das principais Religiões no mundo, com o fim de estabelecer uma convergência de valores que visem à aceitação da diversidade e o respeito às crenças de cada povo.

Mais um objetivo específico, é o entendimento do que representa ou pode representar para a educação, o Ensino Religioso, a espiritualidade e a liberdade religiosa em um país constitucionalmente laico, entretanto, empiricamente religioso e dogmático.

O último objetivo específico se constitui em conhecer o grupo de Formação Humana/Ensino Religioso da Secretaria Municipal de Educação (SME) do município de Ponta Grossa-PR e suas referências curriculares, com a finalidade de observar como o Ensino Religioso é utilizado como disciplina, bem como sua influência na formação dos alunos no município de Ponta Grossa-PR.

Deste modo, a presente dissertação será tratada em quatro capítulos, sendo que no primeiro, A Cultura de Paz sob o olhar da Teoria da Complexidade, pretende-se obter as noções científicas acerca da Cultura de Paz à luz da Teoria da Complexidade, ditada por Morin.

Assim, é necessário trazer algumas conceituações, falar sobre a importância da recente inserção da Cultura de Paz na LDB, a fim de se buscar o cumprimento da finalidade da legislação, qual seja, implementar ações e sua promoção nos estabelecimentos de ensino.

Para tanto, os conteúdos e perspectivas de Jares, acerca da Cultura de Paz e da Educação para a Paz significam importante referencial teórico para o assunto,

sobretudo quando se dá o início dos marcos que inauguram os movimentos do segundo tema no mundo, tratados como “ondas”.

O conceito de Educação para a Paz, segundo Jares (2002), revela-se como um processo educativo, onde serão abordados fundamentos baseados nos conceitos de paz e conflitos observados pela ótica positiva, de forma dinâmica, contínua e permanente, com vistas no desenvolvimento de uma nova cultura, ou seja, a Cultura de Paz, a fim de propiciar uma análise crítica e realística dos problemas sociais, com a finalidade de resolvê-los com afetividade e autonomia.

Ao final do capítulo, iniciam-se as considerações a respeito dos caracteres do tema Religião, como consequência lógica acerca do estudo que embasa a pergunta de partida do presente trabalho, qual seja: Pode o Ensino Religioso, conforme consta da legislação educacional vigente, ser uma estratégia hábil para as escolas estabelecerem ações em prol da promoção da Cultura de Paz, conforme previsto na LDB?

O segundo capítulo, cujo título é: A Religião no Mundo, características, interfaces e aproximações com a Cultura de Paz, possui a finalidade de viabilizar a concatenação da pesquisa, com alguns pontos necessários ao prosseguimento dos estudos.

Através de autores como Berger e outros, investigam-se temas como Modernidade, Secularização, conceitos de Religião, Estado Laico, Laicidade e Laicismo, todos estes relacionados ao Pluralismo Religioso.

Posteriormente, apresenta-se o estudo da Sociologia das Religiões, através de teorias religiosas de importantes sociólogos, relatadas por Pals.

Na sequência, são apresentados os modelos religiosos tratados por De Masi, que mostram um panorama conceitual, histórico e social acerca de várias Religiões nos diversos cantos do mundo para, em item posterior, falar sobre as questões da liberdade religiosa e da intolerância religiosa.

Torna-se importante abordar a religião como um direito de todo ser humano que desejar crer ou não crer, professar, realizar seus cultos de modo livre, sem interferência do Estado ou de quem quer que seja.

Neste contexto histórico, cultural e social, pretende-se reconhecer os valores humanos implícitos e abarcados em cada uma das referidas Religiões e o quanto eles podem servir como paradigma de pedagogias para a tolerância, o bem-estar e a não violência.

O último item deste capítulo, apresenta algumas interfaces das Religiões com a Cultura de Paz, com fórmulas para a paz, ditadas por Berger, as diferenças entre religiosidade e espiritualidade, a cosmovisão e a questão do neopentecostalismo.

Na continuidade, o terceiro capítulo, refere-se ao Ensino Religioso e Espiritualidade na Formação Humana, eis que o objetivo principal desta pesquisa, como já foi dito, se ocupa de constatar se o Ensino Religioso é uma alternativa para a criação de ações que estimulem a propagação da Cultura de Paz nos ambientes escolares, nada mais apropriado do que entender como deve ser repassado o Ensino Religioso aos alunos, nas escolas do Brasil.

Inicia-se com um breve relato sobre o histórico do Ensino Religioso, pelo olhar de Borin e outros autores, seguindo-se pelo caráter atualizado deste, de acordo com a legislação brasileira, ou seja, pautado na BNCC.

Segundo a BNCC o Ensino Religioso é oferecido de forma obrigatória como componente curricular da escola pública, aos alunos do Ensino Fundamental, porém sua matrícula é facultativa, sendo importante frisar, que a área do Ensino Religioso tem natureza e finalidade pedagógica à parte de confessionalidade.

Buscou-se compreender certos aspectos sobre o Ensino Religioso e a Espiritualidade, trazidos por Boff, visando enfatizar o caráter laico e não obrigatório da proposta educacional vigente, quanto a esta área do conhecimento.

Finalmente, procurou-se verificar se o Ensino Religioso pode realmente ser uma oportunidade viável para a construção de ações em prol da Cultura de Paz nos estabelecimentos escolares, conforme preconiza a lei.

Como a disciplina do Ensino Religioso, legalmente inserida no texto da LDB, lei nº 9.394/96, tem sido tratada, em contraposição ao art.5º, VI, da Constituição Federal de 1988 (CF/88) que prevê o Brasil como um Estado Laico?

Esta matéria pode ser uma estratégia para a elaboração de ações em prol da Cultura de Paz nas escolas, conforme prevê o art. 12 da referida lei, recentemente modificado através da lei nº 16.663/2018, ou seria uma fonte de discórdia e conflitos?

Já no quarto e último capítulo, que trata da Formação Humana/Ensino Religioso no ensino fundamental do município de Ponta Grossa-PR-, o foco passa a ser a pesquisa de campo, realizada junto à Secretaria Municipal de Ensino, em seu grupo chamado Formação Humana/Ensino Religioso, através de entrevistas com professoras de 1º a 5º ano, que se utilizam especialmente dos valores humanos para a sua construção pedagógica.

A metodologia utilizada possui abordagem qualitativa, sendo as entrevistas realizadas através de perguntas previamente estabelecidas, na modalidade semiestruturada, a fim de proporcionar melhor interação entre as partes, com os resultados analisados ao final do referido capítulo.

1 A CULTURA DE PAZ SOB O OLHAR DA TEORIA DA COMPLEXIDADE

Analisar a Cultura de Paz sob o olhar da Teoria da Complexidade não é tema inédito, mas de necessária compreensão para a abordagem proposta na presente pesquisa, que trará neste primeiro capítulo, algumas concepções importantes para o melhor entendimento da temática.

Serão abordadas algumas faces da Cultura de Paz e da Educação para a Paz, desde a sua origem formal, em instituições internacionais como a Organização das Nações Unidas - ONU, a Organização das Nações Unidas para a Educação, Ciência e Cultura - UNESCO, até a inserção na legislação educacional brasileira, através da LDB em 2018.

A Teoria da Complexidade, erigida por Morin, é importante para se analisar alguns aspectos que contribuem na composição de uma Cultura de Paz, baseada na Educação para a Paz, eis que a segunda decorre da primeira.

A primeira impressão, ao deparar-se com o termo Teoria da Complexidade pode ser a de que se trata de algo de difícil compreensão, portanto, de difícil acesso cognitivo.

Entretanto, o caráter que se busca alcançar por tal entendimento é o de verificar processos que possuem várias interfaces, devendo ser analisados sob o amparo de vários outros aspectos, porém, de modo claro e compreensível.

Falamos das interfaces correspondentes aos aspectos histórico, econômico, social e cultural, dentre outros que, se considerados de forma isolada, possuem um sentido, mas se analisados de modo concomitante, se tornam mais relevantes para decodificar algumas situações que, a princípio, podem parecer negativas ou estranhas ao senso comum em determinado lugar, porém, positivas para outros povos, locais e contextos.

Veja-se por exemplo, se perguntarmos sobre como se cultiva a paz, para uma determinada comunidade, esta poderá responder algo como: - evitando guerras e conflitos, por outro lado, dependendo de interfaces como, história, economia, sociedade e cultura dessa comunidade, a resposta poderá ser outra como: - enfrentando guerras e conflitos.

Assim, não é missão simples compreender o que cada povo entende por paz, eis que, para uns ela exige uma ação negativa (evitar) e para outros uma ação positiva (enfrentar), tornando a tarefa bem mais complexa.

Enfim, o que se deseja ponderar é que a Cultura de Paz se torna complexa porque depende de vários fatores, que são diversos para cada etnia, casta, povo, país, estado, bairro ou identidade.

Portanto, se questionarmos alguém sobre o que seja a Cultura de Paz, a resposta será de acordo com o seu pensamento, mas embasada na sua vivência junto à sua comunidade, a qual possui fatores que não são os mesmos para todos.

1.1 CONCEPÇÕES NECESSÁRIAS

O vocábulo Cultura de Paz foi formalizado através da UNESCO, com a finalidade de encontrar soluções para as situações de violência que ameaçam ou impedem o caminho para a paz e a segurança das pessoas, através de ferramentas como a conscientização, educação, prevenção e espiritualidade, por meio de vários atores como educadores, políticos e religiosos, dentre outros.

Desse modo, em 06 de outubro de 1999, na 107ª sessão plenária, o Comitê de Paz da ONU lançou em Assembleia Geral, o primeiro documento a levar o conhecimento acerca da Cultura de Paz para o mundo, através da Declaração e Programa de Ação sobre uma Cultura de Paz, com a finalidade de se estabelecerem as diretrizes para que governos, organizações internacionais e sociedade civil promovessem e fortalecessem tais ações para o século XXI, através de suas atividades e sugestões.

Tal documento é de suma importância para o tema, na medida em que apresenta para toda a humanidade, o conhecimento sobre a necessidade de consolidação dos propósitos existentes na referida declaração, com relação à necessidade de se estabelecer uma Cultura de Paz que abarque toda a sociedade, porém, respeitando suas identidades.

Portanto, a explicitação dos argumentos sobre a necessidade de se implantar esta Cultura de Paz no mundo consta do referido documento, que contém nove artigos, os quais entendemos serem de suma importância na efetivação das diretrizes para se melhorar a convivência entre os povos e seus grupos sociais, étnicos e culturais.

Inicialmente, a Declaração e Programa de Ação sobre uma Cultura de Paz traz alguns conceitos sobre o tema em estudo, ou seja, em seus artigos:

- 1^o e 2^o, procuram propiciar o desenvolvimento da Cultura de Paz, atribuindo-o à conquista de “valores, atitudes, comportamentos e estilos de vida voltados ao fomento da paz entre as pessoas, grupos e as nações”;

- 3^o, vincula o seu desenvolvimento pleno a vários fatores como exemplo, a resolução pacífica dos conflitos, a erradicação da pobreza, a eliminação do racismo, dentre outros.

- 4^o, delimita que, a Educação em todos os níveis é fundamental para a construção da Cultura de Paz;

- 5^o, atribui aos governos, função primordial de promover e fortalecer a Cultura de Paz.

- 6^o e 7^o, procuram engajar a sociedade civil e os meios de comunicação no propósito do comprometimento pleno do seu desenvolvimento e promoção;

- 8^o, inclui no papel de promotores da Cultura de Paz, dentre outros, pais, professores, políticos, jornalistas, religiosos e cientistas, enfim, toda a sociedade;

- 9^o, sugere que “as Nações Unidas deveriam seguir desempenhando uma função crítica na promoção e fortalecimento de uma Cultura de Paz em todo o mundo”.

O mesmo documento ainda aprova o “Programa de Ação sobre uma Cultura de Paz”, atribui seus “objetivos, estratégias e agentes principais”, coloca a “Consolidação de medidas que adotem todos os agentes pertinentes nos planos nacional, regional e internacional”, a fim de promover a Cultura de Paz por meio: da Educação, do “desenvolvimento econômico e social sustentável”, da promoção do respeito aos direitos humanos, da promoção da garantia da igualdade de gênero, da participação democrática e a “compreensão, tolerância e a solidariedade”, do apoio à comunicação “participativa e a livre circulação de informação e conhecimento” e

¹ Artigo 1^o: Uma Cultura e Paz é um conjunto de valores, atitudes, tradições, comportamentos e estilos de vida baseados: a) No respeito à vida, no fim da violência e na promoção e prática da não-violência por meio da educação, do diálogo e da cooperação; b) No pleno respeito aos princípios de soberania, integridade territorial e independência política dos Estados e de não ingerência nos assuntos que são, essencialmente, de jurisdição interna dos Estados, em conformidade com a Carta das Nações Unidas e o direito internacional; c) No pleno respeito e na promoção de todos os direitos humanos e liberdades fundamentais; d) No compromisso com a solução pacífica dos conflitos; e) Nos esforços para satisfazer as necessidades de desenvolvimento e proteção do meio-ambiente para as gerações presente e futuras; f) No respeito e promoção do direito ao desenvolvimento; g) No respeito e fomento à igualdade de direitos e oportunidades de mulheres e homens; h) No respeito e fomento ao direito de todas as pessoas à liberdade de expressão, opinião e informação; i) Na adesão aos princípios de liberdade, justiça, democracia, tolerância, solidariedade, cooperação, pluralismo, diversidade cultural, diálogo e entendimento em todos os níveis da sociedade e entre as nações; e animados por uma atmosfera nacional e internacional que favoreça a paz.

finalmente, impõe as suas medidas, com o objetivo de “promover a paz e a segurança internacionais”.

A partir deste documento, várias ações começaram a se concretizar, o que possibilita as análises seguintes acerca do tema que ora estudamos, sob o olhar do autor da Teoria da Complexidade, Morin e seus seguidores.

A palavra cultura tem como definição:

[...] um conjunto de saberes, saber fazer, regras, estratégias, hábitos, costumes, normas interdições, crenças, ritos, valores, mitos, ideias, o adquirido, tudo que se perpetua de geração em geração, reproduz-se em cada indivíduo e alimenta, para geração e regeneração, a complexidade individual e social. A cultura constitui assim um capital cognitivo, técnico e mitológico, não inato. (MORIN, 2017, p. 208)

Há uma conceituação diferente para a palavra, além da tradicional, pela qual a paz seria ausência de guerra, o autor interpõe um aspecto cultural ao conceito, trazendo ao conhecimento a paz positiva, calcada no pensamento de *Galtung*, pelo qual, sinteticamente, a paz não seria mais a ausência de guerra, mas sim a ausência de violência, eis que a guerra não seria o único meio de violência que assola a humanidade. Não existe somente a violência física, mas todas as que produzem sofrimento humano. (JARES, 2002, p. 123-124),

Assim, Cultura de Paz pode ser considerada:

[...] um conjunto de práticas humanas e sociais, composta pelas questões relacionadas às vivências e convivências, pautada na construção conjunta de valores humanos positivos, que alimentam constantemente os direitos humanos e que tenham como prática de vida os processos de mediação e restauração dos conflitos e o princípio da sustentabilidade do meio ambiente e da cidadania planetária. Isso significa que uma cultura de paz pauta-se por solidariedade, generosidade, respeito às diferenças, baseadas na escuta e no diálogo, evitando formas violentas de viver e conviver. (SALLES FILHO, 2019, p. 20)

Desse modo, os conceitos expostos acima, quer por sua lucidez, quer por sua complementaridade, dão conta da possibilidade de se estender os estudos para as questões atinentes à Educação para a Paz, corolário da Cultura de Paz.

A Educação para a Paz surge a partir da chamada Pesquisa para a Paz, que nasceu nos Estados Unidos, em 1957 através da revista *Journal of Conflict Resolution* e depois, em 1959, por meio do Center for *Research on Conflict Resolution*, na Universidade de Michigan. (JARES, 2002, p. 81-85)

Foi na Europa que se deu um maior desenvolvimento das pesquisas, em especial em países como Suécia e Noruega, e a partir de 1959 em Oslo, *Johan Galtung* constituiu um departamento de pesquisa sobre conflitos, o Instituto de Pesquisa Social; em 1964 lançou o *Journal of Peace Research*, que em 1966 foi transformado no *International Peace Research Institute Oslo*, e ambos passam a publicar o *Bulletin of Peace Proposals*. (JARES, 2002, p. 81)

No processo de evolução da Educação para a Paz, dentre vários pedagogos, destacam o brasileiro Paulo Freire, com sua obra *Pedagogia do Oprimido* (1968), citada em vários estudos acerca da superação das causas da violência estrutural. (DÍAS, 1979 *apud* JARES 2002, p. 85),

Faz-se importante ainda, apontar o seguinte conceito de Educação para a Paz:

[...] entendemos a EP como um processo educativo, dinâmico, contínuo e permanente, fundamentado nos conceitos de paz positiva e na perspectiva criativa do conflito, como elementos significativos e definidores, e que, mediante a aplicação de enfoques sociais e problematizantes, pretende desenvolver um novo tipo de cultura, a cultura da paz, que ajude as pessoas a desvendar criticamente a realidade para poder situar-se diante dela e atuar, em consequência. (JARES, 2002, p. 148)

Assim, nasce um novo conceito de Educação para a Paz, no qual os conflitos devem ser enfrentados e resolvidos de forma propositiva e não violenta.

Este cabedal de informações, colaboram para a compreensão da Teoria da Complexidade formada por Morin.

No mesmo sentido, “uma abordagem complexa constitui o cerne do entendimento da cultura de paz e da educação para a paz com dimensões fundamentais nos processos de convivência, entre saber ser e saber conhecer nos espaços educacionais”. (SALLES FILHO, 2019, p. 132)

Morin, construiu a Teoria da Complexidade nos últimos cinquenta anos, o que denota a consistência da sua doutrina, sendo que sua principal obra foi construída em seis livros, nominados *O Método*.

O primeiro volume (1977): *A natureza da natureza*; o segundo volume (1980): *A vida da vida*; o terceiro volume (1986): *O conhecimento do conhecimento*; no quarto volume (1991): *As ideias – Habitat, vida, costumes, organização*; no quinto volume (2001): *A humanidade da humanidade – A identidade humana* e no sexto e último volume (2002): *Ética*.

Desse modo, o autor arquiteta, sistematiza e sedimenta o seu olhar epistemológico, no sentido principal de que a Teoria da Complexidade percorre e entrelaça todas as áreas do conhecimento, tornando-as trans e interdisciplinares. Trans, porque perpassa as várias áreas e de pronto assimila a complexidade e Inter, porque relaciona uma área com a outra, a fim de torná-las compreensíveis.

Alguns exemplos sobre a afirmação acima, primeiro, “a fragmentação do conhecimento pela ciência clássica trouxe avanços tecnológicos jamais vistos, mas não conseguiu avançar tanto em termos humanos, sociais perante injustiças, desigualdades e degradação das relações humanas”. (SALLES FILHO, 2019, p. 19)

No segundo exemplo, a perspectiva de Morin traz seu “esforço intelectual que o afasta de rótulos e classificações acadêmicas fechadas, marcado por um autodidatismo que vai das artes e do cinema à filosofia, à sociologia, à antropologia, às neurociências e à biologia do conhecimento”. (SALLES FILHO, 2019, p. 24)

Fato é, que o autor em referência encontra na área da Educação sua principal inspiração para os estudos por ele desenvolvidos. Na obra *Os Sete Saberes Necessários à Educação do Futuro*, Morin (2011), elabora sete propostas para a educação no século XXI, amplamente utilizada pelos educadores em todo o mundo, inclusive no Brasil.

O educador Arnaldo Niskier, ocupante de uma das cadeiras da Academia Brasileira de Letras - ABL, relembra em texto publicado no *site* oficial da academia, um evento para inauguração de Escola de ensino médio na cidade do Rio de Janeiro em 2008, em que Morin compareceu como convidado.

Nessa oportunidade, Morin proferiu uma palestra “a partir do conceito universal de solidariedade”, em que abordou cada uma de suas sete propostas para a educação no século XXI de forma contextualizada, em parte à realidade brasileira, utilizando-se da metáfora “sete buracos negros da educação”, para confrontar e explicar cada uma delas, conforme se passa a comentar:

A primeira das propostas: “As cegueiras do conhecimento: o erro e a ilusão”, corresponde ao “primeiro buraco negro da educação” que é “o conhecimento”, para o qual o problema-chave seria “o erro e a ilusão”, no sentido de que o conhecimento está em constante mudança, bem como nossas crenças, através das quais, cada um percebe esse conhecimento de acordo com seus pontos de vista. Portanto, entender a existência de erros e ilusões e assim enxergar-se a realidade.

A segunda proposta: “Os princípios do conhecimento pertinente”, consiste exatamente em não se ensinar o conhecimento de forma pertinente, o “segundo buraco negro da educação”, onde para o “conhecimento pertinente”, o que importa não é a quantidade ou sofisticação de determinada área do conhecimento, mas sim a sua correspondência ao contexto real que se apresente.

A terceira proposta: “Ensinar a condição humana”, encontra o seu “buraco negro” na “identidade humana”, para a qual poderia se fazer afluir todas as ciências, que é fruto de relação “indivíduo-sociedade-espécie”, ou seja, essas três facetas precisam ser integradas.

Estes três aspectos se correlacionam, o que significa que todas as disciplinas voltadas para a identidade e para a condição humana convergem de modo a demonstrar a complexidade humana.

A quarta proposta, “Ensinar a identidade terrena”, diz respeito ao buraco negro da “compreensão humana”, que chama a atenção pelo fato de não se ensinar a compreender os outros, não se ensina o que é compreender, que teria o significado de “colocar junto todos os elementos de explicação”.

A compreensão humana abarca ainda os aspectos da empatia e da identificação, que seriam o entendimento da dor do outro através da experiência já vivida. Tais situações nem sempre são processos fáceis e positivos, pois podem trazer sentimentos opostos, como a raiva e a indiferença.

A quinta proposta, “Enfrentar as incertezas” diz respeito às incertezas que permeiam nosso cotidiano e que não podem ser transpassadas sem o devido enfrentamento.

A vida é feita de acontecimentos e decisões interligadas que podem acarretar dificuldades inesperadas, pois não se tem certeza do que está por vir, o que acaba por fomentar a coragem. Assim, se propõe a “ecologia da ação”, que consiste na reação à ocorrência de uma situação indesejada e inesperada, que espera uma atitude.

A sexta e penúltima proposta proferida durante a palestra, é “Ensinar a compreensão” que corresponde ao buraco da “condição planetária” onde, para o autor, ocorre a partir da conexão planetária que se deu com a colonização da América, a partir de quando toda a humanidade passou a ser interligada.

O ponto nevrálgico desses acontecimentos é processar e organizar todas essas informações de forma assertiva, em favor da sobrevivência da Terra em seus

diversos aspectos (econômicos, ideológicos, sociais e outras ordens), o que se dará quando todos tiverem “consciência planetária”.

Enfim, sobre a sétima proposta “A ética do gênero humano”, Morin o chama de buraco “antropo-ético”, dado à diversidade de culturas e natureza humana. Neste aspecto, há uma interligação dentro da antropo-ética que se compõe para o desenvolvimento comum, já que partilhamos o mesmo destino, representada pelo tripé: autonomia pessoal, participação pessoal e participação no gênero humano.

Para Morin, faz-se necessária a presença da democracia (ainda que não absoluta), no sentido de que através dela, cada um se sentiria solidário e responsável por toda a sociedade, o que se materializaria através do seu voto consciente.

Tais conceitos propõem desafios, que por si só, denotam a importância e o enredamento do tema, bem como nos impõe a responsabilidade sobre o nosso próprio futuro, quando nos convida a repensar nossa história e transformar nossa sociedade, a fim de fazer algo maior, ou seja, reconstruir e preservar nosso planeta, nossa casa.

1.2 INSERÇÃO DA CULTURA DE PAZ NA LDB

A inserção da Cultura de Paz na LDB em 2018, se deu após um movimento social e legislativo longo que, devido ao teor desta pesquisa, merece melhor análise, ainda que breve.

Em tese, a história de violência familiar vivida e relatada pela Sra. Iolanda Keiko Miashiro Ota que, em 1997 teve seu filho Ives sequestrado e mantido em cárcere com a finalidade de obtenção de resgate em dinheiro, em troca da vida do refém. Porém, por circunstâncias que envolveram a elucidação do sequestro, seu filho foi morto por essas pessoas criminosas. (OTA, 1999)

Após sua morte, inspirados por passagens cotidianas da vida do filho, que sempre lhes demonstrou temperamento pacificador, Keiko e sua família decidiram fundar o “Movimento pela Paz”. (OTA, 1999)

Tal movimento se demonstrou um processo de aprendizado em suas vidas, pois, iniciou levantando a bandeira pela aprovação da lei pela prisão perpétua para crimes hediondos, e depois se transformou em atitudes de perdão, compreensão da realidade do outro e caridade, passando a se chamar “Movimento pela Paz e Justiça Ives Ota”. (OTA, 1999)

Continuando com a sua luta pela não violência, em 2011 a Sra. Iolanda Keiko Miashiro Ota foi eleita Deputada Federal pelo PSB/SP e a partir daí pode dar início e seguimento a vários projetos de lei na temática, transformados em lei², em especial o PL nº 5826/2016, com a Ementa: “Acrescenta incisos IX e X ao art. 12 da Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, para incluir o combate a todas as formas de violência e a promoção da cultura de paz entre as incumbências dos estabelecimentos de ensino”, o que resultou na lei nº 13.663/2018, um dos objetos deste estudo.

Desse modo, a legislação alterou a LDB, acrescentando dentre as incumbências da Escola: estabelecer ações destinadas à promoção da Cultura de Paz nas escolas (inciso X), bem como, promover medidas para a conscientização, prevenção e combate da violência no ambiente escolar (inciso IX), conforme consta do artigo 12 da referida lei.

As informações oficiais advindas da Câmara dos Deputados, revelam que o regime legal foi o da tramitação ordinária, que é destinado para propostas que não seguem o regime de urgência.

Após, o respectivo PLS foi aprovado em decisão terminativa, pela Comissão de Educação, Cultura e Esporte e posteriormente encaminhado à Câmara dos Deputados, resultando nas alterações propostas.

Destaque-se ainda que, em nível de Senado Federal, o trâmite legislativo acerca de temática similar se deu entre 2009 e 2018, iniciando com o Projeto de Lei do Senado nº 178, de 2009 - PLS nº178/2009, de autoria do então Senador Paulo Paim (PT-RS), sendo publicado no Diário do Senado Federal – DSF, em 12 de maio de 2009, e apresentado inicialmente com a seguinte ementa: “Altera os arts. 3º, 14 e 67 e acresce o art. 67-A a Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece a LDB, para fortalecer a cultura da paz nas escolas e nas comunidades adjacentes”.

A inclusão legislativa não surgiu do acaso, mas foi fruto de debates sobre violência nas escolas, que cresceu nos últimos anos no Brasil, ante os episódios de agressão, *bullying* e até de assassinatos dentro das escolas. (SALLES FILHO; SALLES, 2018).

² PL nº 2839/2011, com a Explicação: “Estabelece a prioridade de tramitação em todas as instâncias de processos de crime hediondo”; o PL nº 6128/2013, com a Ementa: “Institui o Dia Nacional do Perdão”; o PL nº 5568/2013, com a Explicação: “Criminaliza a embriaguez no trânsito” https://www.camara.leg.br/internet/sileg/Prop_lista.asp?Autor=0&ideCadastro=160659&Limite=N&tipoProp=2 acesso: em 21 jan. 22

Por isso que, dialogar sobre as possíveis formas de prevenção e combate à violência no ambiente escolar e fora dele, se tornou indispensável.

Certamente, a docência estará mais fortalecida diante de tal previsão legal, não somente para mediar conflitos e melhorar os processos de aprendizagem, mas também, para poder organizar e planejar ações com vistas à Educação para a Paz, portanto, para promover a Cultura de Paz.

1.2.1 A importância do *status* de lei para a Cultura de Paz

Sem dúvida, a inclusão da Cultura de Paz na LDB pode ser considerada importante legislação em nível nacional, voltada à educação, porque trouxe maiores possibilidades de segurança para os educadores em geral, bem como certa robustez ao tema.

Na medida em que torna legal o dever de promover ações em prol da Cultura de Paz nas escolas, nasce mais uma incumbência educacional, surgindo mais um item de observância e ação para o educador.

Desse modo, os educadores e demais atores do processo educacional se sentirão mais envolvidos, prestigiados e avalizados à realização de tais ações preconizadas pela lei, em prol da Cultura de Paz.

Os saberes docentes são sempre transformados e redimensionados, sendo principalmente no ambiente escolar que a educação deve ser voltada para a formação sob o enfoque dos “direitos humanos, mediação intercultural e Cultura de Paz”. (PINTO; MAIATO, 2016, p. 388).

Na área do Direito surge importante reflexão sobre o fato de, a partir da legislação em estudo, aparecer esta incumbência a mais aos estabelecimentos de ensino, qual seja, estabelecer ações destinadas a promover a cultura de paz nas escolas. Todavia, em níveis práticos, o que isto significa?

Há muitos equívocos acerca do sentido da palavra lei: há “leis éticas”, que trazem diretivas para o comportamento, também conhecidas como normas, podem ser “morais, jurídicas e as de trato social ou costume social”. (REALE, 1999, p.162).

A norma jurídica ou legal, “por natural variação semântica, se denomina pura e simplesmente ‘lei’. Quando, por conseguinte, nos domínios do Direito, se emprega o termo lei, o que se quer significar é uma regra ou um conjunto ordenado de regras”.

Ainda para o autor:

Lei, no sentido técnico da palavra só existe quando a norma escrita é constitutiva de direito, ou, esclarecendo melhor, quando ela introduz algo de novo com caráter obrigatório no sistema jurídico em vigor, disciplinando comportamentos individuais ou atividades públicas. O nosso ordenamento jurídico se subordina, com efeito, a uma gradação decrescente e prioritária de expressões de competência de todo sistema normativo. Nesse quadro, somente a lei, em seu sentido próprio, é capaz de inovar no Direito já existente, isto é, de conferir, de maneira originária, pelo simples fato de sua publicação e vigência, direitos e deveres, a que todos devemos respeito. (REALE, 1999, p. 163).

Por isso, essa inovação significa ao mesmo tempo, uma conquista e um desafio para o campo educacional.

A partir de maio de 2018, o que as escolas precisam fazer para cumprir a legislação ora estabelecida? Quais devem ser as ações destinadas a promover a Cultura de Paz nas escolas? Como os estabelecimentos de ensino irão operacionalizar essa promoção da Cultura de Paz e cumprir a legislação vigente?

Importante dizer que não está se adentrando em um território sem dono, pois muito se tem discutido sobre o tema.

Em nível legislativo já havia, antes da lei em comento, a existência de espaço de debate sobre violência e Cultura de Paz no Plano Nacional de Educação - PNE - Lei nº 13.005/2014, com vigência até 2024.

O PNE elegeu como uma das estratégias para a sua Meta 7, a que trata do fomento da qualidade da educação básica:

[...] 23. garantir políticas de combate à violência na escola, inclusive pelo desenvolvimento de ações destinadas à capacitação de educadores para detecção dos sinais de suas causas, como a violência doméstica e sexual, favorecendo a adoção das providências adequadas para promover a construção da cultura de paz e um ambiente escolar dotado de segurança para a comunidade;

Entende-se que a Escola seja um ambiente propício não somente à implementação dessas ações, como também visando à ampliação para a participação de toda a comunidade exterior.

Quais as ações possíveis para a promoção da Cultura de Paz nos estabelecimentos de ensino, como prescreve a lei?

1.2.2 Ações para os estabelecimentos de ensino promoverem a Cultura de Paz

Os primeiros olhares sobre o texto da lei podem nos dar a sensação de que a inserção da Cultura de Paz na LDB foi colocada de forma muito ampla, sem pontuar efetivamente, quais seriam as ações necessárias a fim de promover a Cultura de Paz nas escolas.

Veja-se que, o artigo 12 e inciso X da lei preconiza:

Os estabelecimentos de ensino, respeitadas as normas comuns e as do seu sistema de ensino, terão a incumbência de:
 [...]

X – Estabelecer ações destinadas a promover a cultura de paz nas escolas.
 [...]

Desse modo, ficou aparentemente lançada uma expectativa sobre a legislação acima, que deixou ao encargo de cada estabelecimento de ensino, criar e gerir as ações que devem ser implementadas para promover a Cultura de Paz.

Talvez para o leigo reste esta dúvida, porém não para o educador e gestores, pois para se preencher essa lacuna, é necessário o entendimento de que a Escola é o *locus* onde habita a diversidade em vários matizes e que cada realidade é diferente, variando de acordo com cada região, cada povo e cada comunidade.

Justamente por causa dessa diversidade, é preciso planejar as ações, de acordo com as características e aspectos existentes em cada sociedade, a fim de atendê-las em suas necessidades.

Como já foi dito, esta diversidade pode variar, tanto em sentido macro, em aspectos que envolvam grande quantidade de pessoas, como um país, estado ou município, como quanto em sentido micro, ou seja, em um bairro, comunidade ou Escola, de acordo com vários aspectos identitários, como o histórico, o social, o econômico, o cultural, dentre outros.

1.2.3 Por que na Escola?

O local, foco desta pesquisa é o ambiente escolar e o senso comum remete à ideia de que a Escola deve ser um lugar de paz, onde se aprendem os ensinamentos das várias áreas do conhecimento, bem como as lições obtidas a partir das experiências, advindas das convivências escolares.

Em nosso imaginário afetivo, seria onde podemos obter os melhores amigos e as melhores lembranças da nossa vida.

Certo que a Escola, quase sempre, é o espaço no qual a criança e o jovem passam boa parte de sua infância e adolescência, sendo, sem dúvida, um local de formação educacional, não somente a intelectual, mas também moral, afetiva e espiritual.

O ambiente escolar é propício para, através de práticas lúdicas e de cooperação, se buscar o aumento das capacidades individuais, através de planejamentos e promoções de “momentos coletivos entre as crianças”, estimulando a “resolução de situações-problema através do diálogo e do exemplo positivo, com o intuito de proporcionar às crianças a vivência dos valores humanos”. (SARAIVA *et al*, 2016, p. 92-93).

“O ser humano ou a sociedade, são multidimensionais: assim, o ser humano é, ao mesmo tempo, biológico, psíquico, social, afetivo e racional; já a sociedade comporta as dimensões histórica, econômica, sociológica, religiosa...”. (MORIN, 2011, p. 35).

Todas estas facetas concomitantes, eis que elas não poderiam se dar de forma isolada porque uma interfere na outra, refletem muito bem a diversidade pertencente ao ambiente escolar, no espaço de cada Escola.

Desse modo, num país com as dimensões geográficas, densidade demográfica e desigualdade social como o Brasil, é possível afirmar que em cada Escola podem ser encontradas muitas realidades diferentes em diversos aspectos como já mencionado, o que por si só é capaz de denotar o caráter complexo do ambiente escolar brasileiro.

O contexto escolar, enquanto espaço de manifestação e vivência da realidade subjetiva do sujeito, a despeito do reconhecimento e da relevância dos demais campos nos quais esse se insere, apresenta-se como locus privilegiado de observação e intervenção frente a esta realidade. Espaço de formação e aprendizagem, a instituição educativa envolve uma ação para além do aspecto cognitivo ou da prática curricular, constituindo um campo de interações sociais, crescimento integral e construção cultural. (DUSI, ARAÚJO E NEVES, 2005).

Nesse sentido, o aspecto social é aquele que abarca a ideia de que a Escola possui diferentes atores com papéis específicos, ou não, entretanto, é também o

espaço dentro de uma comunidade, em que as pessoas convivem com a sua multidimensionalidade.

Isto quer dizer que a Escola é um lugar com uma delimitação física, onde se encontra um verdadeiro universo de dimensões, as quais devem ser tratadas de forma individual ou com interação social, mas que, além disso, está inserida em uma comunidade ainda mais complexa, dentro de uma cidade ou região com suas especificidades e assim por diante.

O aspecto econômico explica que o espaço escolar reflete as realidades existentes em nível de desigualdade social e econômica em cada comunidade, e o quanto tal fator é crucial para delimitar os objetivos dessa Escola frente à necessária formação e aprendizagem.

Por exemplo, em uma determinada escola pública, a realidade econômica impõe que antes de iniciar uma aula com conteúdo das áreas do conhecimento, muitas vezes haja a necessidade de oferecer uma refeição, que poderá ser o único alimento que aquele aluno terá acesso durante o seu dia.

Destaca-se que neste momento faz-se necessário a utilização do termo escola pública, pois que nos apresenta a realidade da maior parte dos estudantes brasileiros, que são os que não podem pagar para obter o conhecimento educacional básico, como de seu direito e onde se encontra em caráter mais ampliado, a multidimensionalidade ditada por Morin.

Ao deparar-se com o aspecto cultural, talvez seja este o que mais reflita a identidade de determinada comunidade com o ambiente escolar.

E o aspecto espiritual é o que acaba por ser um norteador de esperança diante de tantos obstáculos que podem barrar o crescimento integral, a prosperidade a que todos, em tese, temos direito.

Todavia, a faceta espiritual é também grande foco de conflitos, pois quando se fala em religião, por exemplo, apesar do caráter constitucional de laicidade do Estado, não se pode negar que as igrejas e os templos estão inseridos de forma abrangente em cada comunidade.

Estas Religiões disputam fiéis e se utilizam, algumas vezes, do que temos de mais inerente em nível de espiritualidade, ou seja, as crenças e as crenças de nossas famílias, assunto que trataremos de forma mais densa nos próximos capítulos.

Entretanto, faremos ainda neste capítulo uma breve análise sobre a Cultura de Paz e o Ensino Religioso, conforme consta da nossa legislação educacional, ou seja, laico e opcional.

Contudo, a seguir trataremos sobre o desenvolvimento histórico do movimento internacional da Educação para a Paz, que pode ser considerado, consequência pedagógica da Cultura de Paz, como aponta Salles Filho (2019), ou corolário desta, como já mencionado.

1.3 CULTURA DE PAZ E EDUCAÇÃO PARA PAZ

Certo que a Cultura de Paz pode e deve, em sentido amplo, fazer parte de qualquer ambiente histórico e social, pois perpassa por todas as áreas do conhecimento, durante todo o processo de ensino.

É o que, por exemplo, deseja a ONU, através da Agenda 2030³ para o Desenvolvimento Sustentável, na qual em seu preâmbulo prevê quanto ao tema Paz:

Estamos determinados a promover sociedades pacíficas, justas e inclusivas que estão livres do medo e da violência. Não pode haver desenvolvimento sustentável sem paz e não há paz sem desenvolvimento sustentável. Porém, aqui, trataremos da área educacional, que pode ser considerada, um palco fértil às propagações que o tema merece, envolvendo todos os atores desse sistema, sob o respaldo da Educação para a Paz.

Jares é um dos autores mais importantes da Educação para a Paz, autor de diversos livros na área educacional como, Educação e Direitos Humanos, 1998; Educação e Conflito, 2001; Educação para Paz sua Teoria e sua Prática, 2002; Educar para a paz em tempos difíceis, 2007.

A Educação para a Paz é “baluarte fundamental” da Cultura de Paz. (JARES, 2002, p. 37).

Educar para a paz está se tornando uma expressão e uma necessidade educativa cada vez mais conhecida e assumida por boa parte dos que se dedicam a tarefas formativas, tanto na educação formal como na educação não-formal. No plano jurídico, também obteve seu reconhecimento, tanto

³ A Agenda 2030 é um plano de ação para as pessoas, o planeta e a prosperidade, que busca fortalecer a paz universal. O plano indica 17 Objetivos de Desenvolvimento Sustentável, os ODS, e 169 metas, para erradicar a pobreza e promover vida digna para todos, dentro dos limites do planeta. São objetivos e metas claras, para que todos os países adotem de acordo com suas próprias prioridades e atuem no espírito de uma parceria global que orienta as escolhas necessárias para melhorar a vida das pessoas, agora e no futuro.

entre as finalidades do sistema educacional como na inclusão no currículo de temas chamados temas transversais, entre os quais está a Educação para a Paz (EP). Ao mesmo tempo, não podemos deixar de assinalar as disposições dos convênios, das declarações, das recomendações e dos pactos internacionais firmados pela maior parte dos estados, fundamentalmente por iniciativa da Unesco e das Nações Unidas, nos quais se exortam a Educação para a Paz, a compreensão internacional e as liberdades fundamentais e os direitos humanos. Dessa perspectiva, além das razões pedagógicas, sociais, políticas e ecológicas que a sustentam e demandam, educar para a paz converte-se, portanto, em um imperativo legal. (JARES, 2002, p.15).

Observa-se que o referido autor amplia os horizontes da Educação para a Paz, abordando a necessidade de introduzi-la tanto no âmbito do ensino formal quanto o não-formal, o que denota que as lições sobre o tema vão além do que deve ser ensinado nos bancos escolares.

Da mesma forma que abordado em tópico anterior sobre a importância da inserção da Cultura de Paz nas leis educacionais brasileiras, o autor se atenta para a importância da inclusão da Educação para a Paz no “plano jurídico” das diretrizes educacionais de cunho internacional, quando assevera que educar para a paz se tornou um “imperativo legal”. (JARES, 2002, p. 15).

No congresso intitulado “A paz pela escola”, realizado no ano de 1927, em Praga, foi que se fundamentou “psicopedagogicamente” a Educação para Paz. (JARES, 2002, p.37). Historicamente a Educação para a Paz passou por marcos significativos, o autor denomina como ‘ondas’, conforme quadro abaixo:

QUADRO 1 – Desenvolvimento histórico mundial da Educação para a Paz

Marcos da Educação para a Paz	Incidência	Características	Enfoque
Primeira onda	Início do século XX na Europa e 1ª Guerra Mundial	Escola Nova= Caráter internacionalista + amplitude do modelo	Desde grandes problemas sociais até a transformação do meio escolar
Segunda onda	Final de 1945 com o nascimento e participação da UNESCO	Educação para a Paz + Educação em Direitos Humanos + Educação para o desarmamento	Melhora dos manuais escolares e o conhecimento mútuo dos povos
Terceira onda	Continente asiático, inicialmente no âmbito religioso	Não violência (Gandhi) + novo conceito de conflito	Dia Escolar da Não-Violência e da Paz Grupos não violentos
Quarta onda	Pós Segunda Guerra Mundial Estados Unidos (1959) Suécia (1966) Unesco (1981) Espanha AIPAZ (1997)	Pesquisa para a Paz (Galtung) = novos conceitos de paz = Paz positiva	A Educação para a Paz a partir da pesquisa para a Paz

Fonte: Baseado na obra de Jares, Educação para a paz: sua teoria e sua prática. (2002, p. 16-18).

Seguem, alguns aspectos sobre a Educação para a Paz, que se tornam relevantes para este estudo, dada a sua completude e coerência. São eles:

a) é um “ramo pedagógico”: em uma linguagem menos específica se poderia dizer que a Cultura de Paz é gênero, cuja Educação para a Paz é espécie, ou melhor, um braço. Mas, o “braço dominante” pois, é o “ramo pedagógico dessa cultura”, o que denota o significado da Educação para a Paz no processo contínuo por uma Cultura de Paz;

b) tem “campo conceitual próprio”: como espécie da Cultura de Paz, a Educação para a Paz tem conceitos próprios, advindos de um estudo de longo prazo realizado, em especial, na Europa desde a 1ª. Guerra Mundial, nos Estados Unidos e posteriormente na América Latina e Brasil, a partir dos anos 2000;

c) novidade do tema: no Brasil se trata de tema novo e ainda frágil como objeto de pesquisa, tanto por não haver consenso, quanto por uma maior difusão desses conhecimentos;

d) práticas: amplamente utilizadas nos espaços educacionais, as práticas são direcionadas “à educação em valores, mediação de conflitos, prevenção de violências, direitos humanos, meio ambiente” dentre outras;

e) pedagogia: assim, temas importantes como os mencionados acima, são tratados “pedagogicamente” e de forma interconectada às escolas e outros espaços destinados à educação;

f) complexidade do tema: quando se trata de prevenção às violências e conflitos, não se está diante de problemas com soluções simplistas, pois violências e conflitos, na maioria das vezes, são gerados devido a situações mais complicadas e que não se resolvem sem um conjunto de ações integradas;

g) visão transdisciplinar: a abordagem pedagógica de situações tão complexas como a violência e os conflitos deve ser tratada através de uma visão transdisciplinar, ou seja, que proporcione uma visão holística acerca da Educação para a Paz em todos os níveis da “educação formal, não formal e informal”;

h) ecoformação: os estudos pautados em áreas como a sociologia, psicologia e neurociências, associados à convivência, às relações humanas, interpessoais ou coletivas podem gerar ou não a violência, solucionar ou não o conflito, de maneira satisfatória para as partes, isso é o que traduz, em síntese, a “ecologia humana ampliada” ou “ecoformação”;

i) subjetividades: embora a Educação para a Paz não possa abranger todos os eventos, ela contribui com as subjetividades relacionadas às emoções, que podem ser decisivas para uma determinada ação violenta ou não. Assim, questões como “espiritualidade, alegrias e tristezas humanas”, devem ser valorizadas desde o início para que não repercutam em futuras violências/conflitos perante a sociedade;

j) ponto de encontro: a Educação para a Paz pode ser considerada um ponto de encontro para soluções que se abrem através do princípio da tolerância e o respeito à diversidade em todos os seus matizes, para se alcançar uma identidade de paz. (SALLES FILHO, 2019, p. 180-182).

Desse modo, a Educação para a Paz se torna um caminho indispensável para a construção de uma Cultura de Paz em toda a sociedade, vez que não é somente o ambiente escolar que será beneficiado, mas toda a comunidade e por conseguinte, as cidades, os estados e o país.

Uma das dimensões pedagógicas mais efetivas para a Educação para a Paz construir esse percurso em prol da Cultura de Paz é a educação através dos valores e da formação humana, conforme se verá a seguir.

1.4 A CULTURA DE PAZ BASEADA EM VALORES

A educação embasada e construída de acordo com os valores é apenas uma das dimensões e possibilidades para a tornar factível o implemento da Cultura de Paz nas escolas, porém, se acredita que seja das mais efetivas para a sua concretização.

Tratam-se dos valores intrínsecos à sociedade, aqueles que vão além do conhecimento formal oportunizado em sala de aula através das ciências exatas, humanas ou biológicas, pois transcendem o conhecimento científico, se baseando em convivências, espiritualidade, costumes familiares e ditos populares, o que se reflete em sentimentos como respeito, solidariedade, honestidade, gratidão, empatia, resiliência, bondade, afetividade, perdão, portanto, dimensões que não nascem prontas, mas cabe a cada um conhecê-las, buscá-las e levar ao outro, bem como aos atores educacionais colocá-las em prática, no cotidiano das salas de aula.

São condutas éticas que aprendemos com os nossos pais, avós, família, professores, amigos e até com os chamados inimigos. Não se fala aqui de lições de moral, do certo ou errado, bom ou ruim, mas daquilo que escutamos e apreendemos frente às situações apresentadas em nosso cotidiano particular, e no de cada família,

de cada Escola, de cada comunidade e assim por diante, ao lembrar dos conselhos e exemplos repassados a cada geração.

Portanto, se apresenta a possibilidade do ensino para além dos saberes tradicionais:

Este é outro saber indispensável à prática docente. O saber da impossibilidade de desunir o ensino dos conteúdos da formação ética dos educandos. De separar prática de teoria, autoridade de liberdade, ignorância de saber, respeito ao professor de respeito aos alunos, ensinar de aprender. Nenhum destes termos pode ser mecanicistamente separado, um do outro. (FREIRE, 1996, 49).

A Escola e seus atores não devem se preocupar somente com os “saberes organizados, mas desenvolver uma educação emancipatória capaz de possibilitar mudanças significativas, na possibilidade de proporcionar uma convivência saudável”; quanto à prática educativa, os autores propõem a utilização de ações para o respeito mútuo e interativo. (CARNEIRO E ALMEIDA, 2015, p. 138).

Pode haver um olhar global sobre esses valores, ou seja, “se até agora predominava uma ética traduzida nas várias morais, próprias de cada cultura ou região do planeta”, daqui pra frente se faz necessário o que ele chama de, a criação de um “ethos global e planetário”, para o qual importa um consenso, não somente no aspecto cultural de cada povo ou região, mas no aspecto preponderantemente holístico e universal, se entendendo “a Terra como totalidade físico-química, biológica, socioantropológica e espiritual, una e complexa; numa expressão: nossa casa comum”. (BOFF, 2009, p. 23).

Nesse sentido, ao se estabelecer uma relação entre a proposta pelo “ethos mundial” com a Cultura de Paz, se poderia correlacionar às ideias dos valores humanos inseridos nas dimensões complexas do ser humano, eis que esse consenso mínimo teria o condão de englobar toda a humanidade.

Para tanto, somos induzidos de forma positiva a refletir acerca da “Ética de Religião” de Morin, em O Método 6:

O ser humano percebe o outro como um eu simultaneamente diferente e igual a ele. O outro partilha assim uma identidade comigo embora conservando a sua diferença. Quando aparece como semelhante carrega um potencial de fraternidade. Quando aparece como diferente, carrega um potencial de hostilidade. Daí os ritos de encontro com o outro, apertos de mão, saudações, fórmulas de cortesia, praticados para atrair sua benevolência ou desarmar sua hostilidade. (MORIN, 2017, p. 103).

Portanto, o ser humano carrega em si um “programa” aparentemente paradoxal, pois tem um lado que se mostra “egocêntrico” e outro que se revela “altruísta”, o primeiro é tido como um “fechamento” e o segundo como uma “abertura” para a aceitação do outro, uma ética que religa, pois “que exige manter a abertura do outro, salvaguardar o sentimento de identidade comum, consolidar e tonificar a compreensão do outro”, o que certamente propicia uma educação baseada em valores humanos. (MORIN, 2017).

O autor acredita que “cortesia” e “civildade” são disposições eficazes para o reconhecimento “do outro como pessoa”, o que traz uma impressão de cordialidade.

São sinais potencializados pelas Éticas “de tolerância” que poderiam se traduzir numa rejeição com respeito àquilo que está posto dentro de cada um, através de nossas próprias ideias e crenças; “de liberdade” que nos convida a agir de modo a propiciar mais escolhas ao outro, “de fidelidade à amizade” a qual propõe que a escolha que divide pode até reclamar o sacrifício da amizade, mas nunca a sua traição e “do amor” sendo a que nos leva à realização da nossa união, onde o amor verdadeiro se traduz em igualdade e liberdade mútuas. (MORIN, 2017).

Dentre as chamadas Cinco Pedagogias para a Paz⁴ está a Pedagogia dos Valores Humanos, para a qual vivemos uma situação crítica quanto ao comportamento escolar, com ações de indisciplina e violência e por isso acredita: “uma educação baseada em valores humanos parece inquestionável nas escolas”. (SALLES FILHO, 2019, p. 244).

Porém, os Valores Humanos podem ser considerados complexos também, eis que dependem de vários aspectos já citados como a etnia, cultura, religião e a economia de cada lugar, não se esquecendo das questões educacionais repassadas pelas escolas.

Assim, “os valores humanos como pano de fundo não são evidentemente apenas de fundo, mas emergem com força em palavras, gestos e atitudes cotidianos na escola”. (SALLES FILHO, 2019, p. 249).

⁴ O autor, em sua tese de doutorado pela Universidade Estadual de Ponta Grossa, intitulada, CULTURA DE PAZ E EDUCAÇÃO PARA A PAZ: OLHARES A PARTIR DA TEORIA DA COMPLEXIDADE DE EDGAR MORIN, estabeleceu *As Cinco Pedagogias da paz*, que consiste em temas integrados da Educação para a Paz, sendo elas: a Pedagogia dos Valores Humanos, a Pedagogia dos Direitos Humanos, a Pedagogia da Conflitologia, a Pedagogia da Ecoformação e a Pedagogia das Vivências/Convivências. (SALLES FILHO, 2016)

Portanto, formar um indivíduo através dos valores humanos, pode se tornar um roteiro gratificante e exitoso para quem o percorre com o entendimento aberto para a diversidade e a dialogicidade em busca da efetivação da Cultura de Paz em toda a sociedade.

1.5 CULTURA DE PAZ E ALGUNS ASPECTOS SOBRE RELIGIÃO E ENSINO RELIGIOSO

Conforme já mencionado, o principal objetivo desse trabalho é pesquisar se o Ensino Religioso, nos moldes preconizados pela LDB é uma estratégia hábil à promoção da Cultura de Paz nas escolas.

Porém, a partir deste momento, se faz necessário ampliar o objeto de estudo a fim de buscar correlacionar Cultura de Paz e Religião e depois os dois, com o Ensino Religioso.

Também é importante destacar que nos capítulos seguintes, os temas Religião e Ensino Religioso serão abordados com maior profundidade, a fim de se procurar alcançar os resultados da presente pesquisa.

Assim, sobre a Religião, antes de prosseguir a pesquisa é preciso prenotar o quanto é delicado e perigoso acreditar que somente esta possa nos proporcionar um ambiente de paz, eis que, diante de tantas guerras por motivos religiosos, isso até poderia ser considerado um contrassenso.

Um raciocínio interessante sobre o paradoxo existente entre os conflitos em relação às guerras devidos à motivação religiosa, nos reporta a uma pergunta que quase todos fazemos para nós mesmos, sobre a chamada “guerra de religiões”. (BEOZZO, 2019).

O autor questiona: se as Religiões seriam “fator de paz ou contribuiriam para agravar tensões e conflitos com um componente explosivo, pois falam em nome de Deus e trabalham com a noção de absoluto inclusive ético?”. (BEOZZO, 2019).

Reflitamos que embora no Brasil não haja guerras declaradas, os conflitos calcados nas preferências religiosas são inúmeros, sendo que as notícias demonstram o aumento significativo de ocorrências violentas sobre intolerância religiosa.

Segundo o canal governamental Disque 100⁵, de acordo com os registros houve: “776 ocorrências de intolerância religiosa em todo país, um aumento de 36,5% em relação ao ano anterior. De 2014 para 2015, a situação foi ainda mais dramática. Os relatos passaram de 149 para 556, um crescimento de 273,1%”.

No que diz respeito às Religiões hegemônicas, de acordo com o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística - IBGE, os resultados acerca dos últimos quatro Censos (1980, 1991, 2000 e 2010) sobre as maiores Religiões em número de adeptos, Católicos e Evangélicos revelam que, de acordo com “a curva de crescimento e decrescimento das maiores igrejas mostra que estamos diante de um campo religioso bastante dinâmico e em franco processo de mudança”. (RIVERA, 2015, p. 28).

A Igreja Católica perdeu adeptos para outras Religiões, mas mantém a maioria, já os Evangélicos, ao mesmo tempo crescem e se dividem em algumas frentes como: “de Missão”, “Pentecostais” e “não Determinados”. (RIVERA, 2015, p. 29).

Sobre os possíveis conflitos entre essas Religiões dominantes, o mesmo autor afirma que há uma disputa por seguidores entre elas, que formam um “campo religioso mobilizado, energizado, dinamizado e efervescente”. A mídia entra na divulgação e apoio diante das “ofertas religiosas”. Nesse sentido, há uma inédita liberdade religiosa entre essas denominações, porém, o mesmo não ocorre dentre os que não desejam ter uma religião. (RIVERA, 2015, p. 31).

Recente pesquisa efetuada pelo instituto de pesquisas Datafolha e publicada no jornal Folha de São Paulo em janeiro de 2020, demonstra a mesma tendência, ou seja, os Evangélicos continuam avançando, a Igreja Católica continua perdendo adeptos.

Interessante observar através de matéria do jornal Gazeta Digital (2017), o Brasil possui pelo menos 140 credos catalogados, o que revela o sincretismo religioso existente em nosso país, tornando-o multirreligioso.

Diante de tantas denominações religiosas, certo que eventuais conflitos possam surgir no ambiente escolar, assim, os educadores precisam estar preparados

⁵ Considere-se que o Disque 100 é um canal governamental de denúncias, relacionadas aos Direitos Humanos, portanto, recebe notificações de diversos grupos e temas, como discriminação étnica e racial, trabalho escravo, população LGBT, criança e adolescente, dentre outros temas e grupos.

paras as atuações necessárias quando se fala do Ensino Religioso, como matéria do conhecimento.

Cediço que no decorrer da história, a inclusão do Ensino Religioso nas escolas é assunto polêmico, pois os pais que podem escolher a Escola de seus filhos, seja pública ou privada, podem desejar a verificação de como são ministradas chamadas aulas de religião.

Sendo assim, uns desejam que seus filhos frequentem escolas que sigam os preceitos de sua crença ou de qualquer religião, outros preferem que a Escola seja neutra e não misture a religião com outras áreas do conhecimento.

Há ainda os que não se importam com a vida escolar dos seus tutelados e deixam à Escola a função de educar, o que, obviamente, se torna um fator negativo, diante da necessidade premente de a família se juntar na atuação em conjunto na formação de crianças e adolescentes.

O que acontece é que as pessoas confundem o Ensino Religioso com o Ensino de Religião. A matéria de Ensino Religioso, como preceitua a LDB, é tratada como “uma disciplina científica do currículo escolar, centrada na antropologia religiosa, que atende uma sociedade pluralista e laica”. (LEÃO; PERES, 2014 p.103).

Assim, o aluno não terá aulas da sua ou outra religião, nem será obrigado a ter uma religião, pois o Ensino Religioso tem o objetivo de educar, como qualquer outra matéria, e não formar o aluno conforme este ou aquele preceito doutrinário ou mesmo difundir qualquer igreja que seja. (LEÃO; PERES, 2014, p. 106).

Ademais, a epistemologia que sustenta o Ensino Religioso tem como princípio educar o aluno para a totalidade da vida, em suas variadas dimensões, bem como, que na qualidade de disciplina, faz parte da grade curricular nacional, com a mesma importância que as demais matérias. (LEÃO; MATOS, 2015, p. 84).

As características e diferenciações de termos como: laicidade, laicismo e secularização; estado laico, estado confessional e aconfessional serão abordadas no próximo capítulos, que tratarão sobre a religião e o Ensino Religioso no Brasil, seu contexto histórico, político e social.

Portanto, o pluralismo e a diversidade religiosa existentes no país, devem ser considerados e tratados como campo fértil ao diálogo inter-religioso, ao respeito mútuo e à solidariedade, o que potencializa e amplia o conhecimento no contexto de cada realidade.

Desse modo, estas considerações podem denotar uma aparente pacificação do campo religioso no Brasil, o que já vimos que não revela a total realidade quanto às tensões existentes.

É num contexto muito próximo a este que os educadores irão atuar a fim de implementar as necessárias ações em prol da Cultura de Paz.

Diante das reflexões propostas, somos levados a pensar mais uma vez, sobre o caráter complexo que permeia o tema, não que cada religião ou só uma delas seja complexa, porque quase todas o são por natureza, mas pela forma que as pessoas lidam com suas crenças, muitas vezes com paixão e violência, e de outras vezes, de modo amistoso e acolhedor.

Este último é o que mais nos interessa porque traz a possibilidade de uma ressignificação da paz através do Ensino Religioso, aliado às diversas realidades e contextos brasileiros.

2 A RELIGIÃO NO MUNDO, CARACTERÍSTICAS, INTERFACES E APROXIMAÇÕES COM A CULTURA DE PAZ

O presente capítulo se dedica a analisar alguns aspectos sobre a religião, como o pluralismo, a secularização, a modernidade, as teorias religiosas, os modelos religiosos de mundo, a liberdade religiosa, a cosmovisão, a religiosidade, a espiritualidade e então, verificar suas influências, interfaces, perspectivas e potencialidades para promoção da Cultura de Paz como um todo, em especial no ambiente escolar.

Para tanto, utilizaremos os pensamentos dos autores: Berger (2017), para tratar do pluralismo religioso, da modernidade, da conceituação de religião, das “fórmulas para a paz”; Pals (2019), para traçar as “teorias das religiões” através do olhar de alguns importantes filósofos; De Masi (2014), para analisar como os diversos mundos se comportam no aspecto religioso a partir de sua perspectiva histórica; Sloterdijk, (2019); Boff, (2009); Hathaway; Boff, (2012); Rossi e Junqueira, (2015), dentre outros.

A linguagem utilizada no estudo das Religiões envolve muitas terminologias, com significados e nuances próprias do tema, o que faz com que precisemos recorrer à história, à sociologia e às culturas religiosas para compreendê-las, conforme veremos a seguir.

2.1 PLURALISMO RELIGIOSO

O Pluralismo Religioso tem para o senso comum, o sentido de reconhecimento da existência de inúmeras crenças religiosas no mundo. Delas, derivam suas várias dissidências.

Assim, as Religiões que foram historicamente reveladas por Maomé, Moisés e Jesus, podem conter variações que atendam aos gostos de todos os seus adeptos, sem perder, em tese, sua essência primitiva.

Este olhar se aproxima do entendimento de Berger pois aduz que o termo pluralismo não possui a conotação de “um fenômeno na mente de um pensador filosófico, mas um fato empírico na sociedade, experimentado por pessoas comuns”. Tal significado teria sido desbravado pelo filósofo *Horace Kallen* (1882-1974), da Nova Escola de Pesquisa Social da cidade de Nova York, nos Estados Unidos, que teria se

utilizado de um experimento social num lugar boêmio habitado por diversos “tipos humanos”, o que propiciou ao descobridor, filho de um rabino, concluir que aquele país seria uma “nação multicultural”. (BERGER, 2017, p.19).

Este ainda justifica o termo, explicando que já se utilizou da palavra “pluralidade”, mas que o sufixo “ismo” define melhor o sentido ideológico do vernáculo. Sua definição para a pluralismo é: “uma situação social na qual pessoas de diferentes etnias, cosmovisões e moralidades vivem juntas pacificamente e interagem amigavelmente”. (BERGER, 2017, p.20).

Ou seja, as pessoas conversam, sem a existência de subordinação à hierarquia social e onde a liberdade de expressão se torna realidade e a influência mútua, uma possibilidade concreta, a qual o autor chama de “contaminação cognitiva”.

Nesse sentido, em nível de Pluralismo Religioso, o termo novamente incita uma reflexão quanto à possibilidade de convivência pacífica em um mundo pluralista, pois, diante de tanta violência oriunda das disputas religiosas por território, pelo poder e pela supremacia, será que é realmente possível esta coexistência?

Fato que o pluralismo se configura em várias fases históricas: “na tradição das culturas da Ásia Oriental, especialmente na China e no Japão” e na Índia, antes do Islamismo, onde durante vários séculos, países ao longo da “Rota da Seda”, conviviam “com cristãos, maniqueus, zoroastrianos, hindus, budistas e intelectuais confucianos”, que também interagem entre si. (BERGER, 2017, p.24).

Deste modo, o fato narrado no texto budista “As Perguntas do Rei Milinda”, o qual consiste em uma conversa entre um sábio budista e um rei helenista que, sob a sua própria perspectiva filosófica, questiona o sábio de entendimentos religiosos tão diferentes dos seu, mas que ao seu final, proporciona uma mútua compreensão através do diálogo e de uma boa conversa. (BERGER, 2017, p.24).

Durante a história pré-moderna, na Alexandria, o pluralismo se faz “muito mais antigo que a imprensa e a máquina à vapor”, “dois poderosos agentes do pluralismo moderno”. (BERGER, 2017, p. 26).

São estes exemplos da antiguidade que permitem concluir que a coexistência e a convivência pacífica, relativamente tranquila e segura, se tornou possível nos dias de hoje, o que nos remete intuitivamente à evolução, ao progresso e à modernidade.

2.1.1 Modernidade

Pode-se definir de forma concisa a modernidade “como um produto das mudanças provocadas pela ciência e pela tecnologia criadas nos últimos séculos - um processo cada vez mais acelerado, com consequências que afetam um número cada vez maior de áreas da vida humana”, assim, “de certa forma, todo o planeta se torna uma enorme cidade” e todos podem fazer suas escolhas, não sendo fadados ao fatalismo, nem no âmbito tecnológico, nem no âmbito intelectual ou moral, ou mesmo o da escolha religiosa. (BERGER, 2017, p.26).

No mesmo sentido, “uma sociedade como moderna, quando ela admite um pluralismo de fontes de inspiração - digamos: um mercado de confissões”. Acredita-se assim, que a modernidade esteja aliada à liberdade de escolha de acordo com “entusiasmo e inspiração” de cada um, bem como à possibilidade de não se escolher uma única via, ou seja, não se ter uma única possibilidade de crença. (SLOTERDIJK, 2019, p. 242).

Ao falar destas escolhas, o sociólogo alemão “Arnold Gehlen (1904-1976)” o qual se utiliza de dois “planos” hipotéticos, o “plano de fundo” e “primeiro plano”, explica que em todas as áreas, pelo fato de sermos menos intuitivos do que outros animais, o homem se acerca das “instituições” para agir e fazer suas escolhas, o que também se dá na área da religião. (BERGER, 2017, p. 27-28).

Assim, sua ideia é a de que, o “plano de fundo é fortemente institucionalizado”, “o reino do destino”, e o “primeiro plano é desinstitucionalizado”, “o reino das escolhas”. (BERGER, 2017, p. 28).

Por isso o autor afirma que, se tivéssemos apenas o “plano de fundo”, seríamos como robôs seguindo sempre as mesmas regras, e se vigorasse apenas o “primeiro plano” teríamos que escolher todos os dias coisas diferentes para as mesmas ações. (BERGER, 2017, p. 29).

A partir dos conceitos acima, em se tratando de escolhas religiosas, se poderia dizer que, o “plano de fundo” consiste naquilo que está pronto, ditado pelas instituições, ou seja, os dogmas e certezas preexistentes em uma doutrina religiosa, que devem ser aceitos por todos os seus seguidores, sem nenhuma oposição.

E o “primeiro plano”, as dissidências religiosas que ocorrem em virtude das escolhas que os adeptos fazem ou passam a fazer e que, por não se compatibilizarem mais com a religião original, resolvem mudar para outras que aceitem suas novas

escolhas, ou até mesmo fundam outras Religiões de acordo com suas próprias crenças, restando assim desinstitucionalizados.

Isso tudo, aliado às características da modernidade aqui explicitados, em âmbito do assunto religião, nos proporciona alguma clareza quanto ao que está por vir, ou seja, que há a necessidade de conhecimento, diálogo e compreensão para que o Pluralismo possa trazer melhor panorama para este tema, sem desconsiderar a sua aridez.

2.1.2 Secularização

Trata-se de assunto controverso, como quase tudo o que se relaciona com a religião, por isso merece nossa análise diante dos seus efeitos e importância, eis que se trata de um processo acerca do recrudescimento desta sobre as diversas situações inerentes à sociedade moderna e não apenas com respeito à sua separação do Estado.

O processo da secularização refere-se a uma dimensão sociocultural e traduz o declínio da influência da religião nas esferas seculares, na cultura e na moralidade pública. O processo relaciona-se com o enfraquecimento dos comportamentos religiosos. Caracteriza-se por um processo sócio-histórico de declínio da religião como paradigma para os diversos âmbitos da vida pública. secularização não significa desaparecimento das práticas religiosas. (GASDA, 2015, p. 40).

Sobre este tema, Berger, durante seu trabalho sobre as Religiões, inicialmente, acreditava que a Teoria da Secularização tinha como premissa o seguinte fato: “a modernidade acarreta necessariamente um declínio da religião”, posteriormente mudou sua opinião no sentido de que “ela não pode mais se sustentar diante da evidência empírica. É necessário um novo paradigma”. (BERGER, 2017, p. 9).

E qual seria este paradigma? O que o autor observou, foi que o fenômeno pluralista influencia muito neste novo posicionamento, o qual propõe dois pluralismos para esse novo modelo: “a coexistência de diferentes religiões e a coexistência de discursos religiosos e seculares”. Observa ainda que “Esta coexistência ocorre não somente nas mentes dos indivíduos, mas também no espaço social”. (BERGER, 2017, p. 9).

Assim, o sociólogo e outros estudiosos, alteraram seus posicionamentos, baseados na interação existente entre religião e modernidade, pois acreditavam que o Pluralismo seria apenas mais um fator de sustentação da secularização e não o principal.

Assim, esta alteração demarca que “[...] o pluralismo, a coexistência de diferentes cosmovisões e sistemas de valores na mesma sociedade, é a maior mudança provocada pela modernidade em relação ao lugar da religião, tanto nas mentes dos indivíduos, quanto na ordem institucional”. (BERGER, 2017, p. 10).

O mundo atual é muito mais religioso do que secular e apenas alguns estudiosos ainda defendem a Teoria da Secularização, porém acredita que, caso se decida desistir dela “precisamos de uma teoria do pluralismo para substituí-la”. (BERGER, 2017, p. 11-13).

Das ideias acima, é possível extrair que o segundo posicionamento é bem mais contemporâneo, haja vista a multiplicidade de Religiões advindas das outras, ditas principais.

Fato que hoje a humanidade convive com uma grande diversidade religiosa, o que suscita algumas perspectivas de tensões em vários níveis, como social, político, econômico, midiático, dentre outros.

Neste sentido, traz mais um aspecto muito importante acerca do que ele chama de “religião global contemporânea”, citando a “ascensão meteórica do evangelicalismo”, e destacando a versão pentecostal. Traz ainda os embates nos Estados Unidos da América com a sobreposição dos republicanos do “Cinturão do Sol” (Sun Belt) sobre os democratas conservadores do “Cinturão Bíblico” (Bible Belt) e a conflituosa relação do Islã com a modernidade. (BERGER, 2017, p. 13).

No Brasil, o fenômeno do crescimento das igrejas evangélicas e do neopentecostalismo, bem como o envolvimento destas e outras Religiões com a política nacional e a mídia, denotam uma certa desconstrução do caráter secular, representado pelo menos legalmente pela manutenção do Estado Laico, pregado pela CF/1988.

Os temas em comento serão analisados com mais subsídios ainda neste capítulo.

2.1.3 Conceito de Religião

A conceituação do termo religião traz uma variedade de resultados, eis que está atrelado à diversas culturas e crenças. Entretanto, certamente não há um único conceito para essa terminologia.

Os conceitos podem ser “desmontados” a fim de refletir sobre a complexidade de determinada realidade ou de determinado olhar. (BERGER, 2017, p. 47).

Sobre este olhar complexo:

[...] graças a Prigogine, Varela, Maturana, Edgar Morin e outros recentemente alcançou grande sucesso no Ocidente, sustenta que, com o avanço dos conhecimentos humanos, ampliam-se as fronteiras daquilo que ainda há para ser explorado e conhecido. O objetivo da ciência, segundo essa teoria, não é somente expandir o conhecimento através de um maior número de explicações racionais para os fenômenos naturais, mas também o de continuamente descobrir novas zonas de mistérios a serem desveladas, recorrendo ao sonho humanamente impossível de um conhecimento total. (DE MASI, 2014, p. 41).

Portanto, uma conceituação para este tema não deve ser fechada, pois pode englobar interfaces de cunho histórico, cultural, social, político, econômico, científico dentre outros, o que não se perfaz de forma simplista ou rudimentar, conforme já mencionado.

Para se ter ideia, somente acerca de uma das culturas existentes e suas diversas facetas:

[...] uma cultura é um conjunto de saberes, saber fazer, regras, estratégias, hábitos, costumes, normas, interdições, crenças, ritos, valores, mitos, ideias, o adquirido, tudo aquilo que se perpetua de geração em geração, reproduz-se em cada indivíduo e alimenta para a geração e regeneração, a complexidade individual e social. A cultura constitui assim um capital cognitivo, técnico e mitológico não inato. (MORIN, 2017, p. 2018).

Partindo-se da ideia de que “o indivíduo humano, mesmo na sua autonomia, é 100% biológico e 100% cultural, bem como apresenta-se como ponto de um holograma que contém o todo (da espécie, da sociedade) mesmo sendo irreduzivelmente singular” e “carrega a herança genética e, ao mesmo tempo, o *imprinting*⁶ e a norma de uma cultura”, se conclui que para o ser humano, a

⁶ O *imprinting* é a marca sem retorno imposta pela cultura, primeiramente familiar, depois social, e que se mantém na vida adulta. Inscreve-se no cérebro desde a primeira infância por estabilização seletiva

importância acerca de sua cultura se dá no mesmo patamar que o da existência biológica. (MORIN, 2017, p. 19).

Isso tudo motiva a análise de alguns conceitos de religião, considerando o prisma da complexidade, se iniciando, pelo menos em tese, através do significado mais singelo e corriqueiro, para depois avançar de acordo com os teóricos utilizados nesta pesquisa.

Assim, acredita-se inicialmente que, em sentido sociológico é um meio de nos religarmos ou nos conectarmos a Deus:

A palavra Religião tem origem no latim *Religare*. Aquilo que une as pessoas em torno de algo em comum, profundamente relacionado à crença e às práticas do grupo. A religião é uma dimensão pela qual as pessoas se associam e estabelecem um padrão mínimo de consenso em torno de diversos aspectos sociais que lhes permitem estabelecer relações de solidariedade que se baseiam numa ética que toma como base a crença do grupo. (BRAGA JUNIOR, 2016, p. 16).

Contudo, para além do caráter de “religação com a Fonte” é preciso haver um certo cuidado para que as Religiões, suas igrejas, tradições e culturas não fiquem esquecidas, por isso, elas possuem uma “função educacional” que pode ensinar a todos a criar um senso de como respeitar e reverenciar todas as criaturas, frutos da criação divina, sem esquecer dos textos e lugares sagrados inerentes à cada crença. (HATHAWAY; BOFF, 2012, p. 454).

Nesse mesmo caminho:

As religiões universalistas, abertas em princípio a todos os seres humanos, era e são religações fechadas que exigem fé em suas próprias revelações, obediências aos próprios dogmas e ritos. Trata-se de uma religação de tipo superior da qual os filhos deste planeta necessitam. (MORIN, 2017, p. 36).

Sob outro olhar, Religião é:

[...] uma teoria que explora a relação entre o homem e a esfera sobrenatural. É uma íntima familiaridade do indivíduo com o sagrado, que às vezes fica limitada às crenças e atitudes estritamente pessoais, às vezes se move no âmbito de uma fé monoteísta ou politeísta, ou então abarca de forma panteísta o inteiro universo. A religião também é uma série coerente de comportamentos, hábitos, práticas, ritos e cerimônias. É uma Eclésia sobrenatural de santos. É uma instituição terrena de fiéis, com suas hierarquias e estruturas, que remonta a um determinado fundador e ao seu

das sinapses. Essas inscrições vão marcar irreversivelmente o espírito individual no seu modo de conhecer e de agir. A isso se acrescenta e combina a aprendizagem que elimina ipso facto outros modos possíveis de conhecer e de pensar. Cf. *O Método 4* (MORIN, 2017, p.210)

paradigma teológico. É um conjunto de textos, narrativas, lugares e objetos sagrados, ao qual a comunidade dos fiéis tributa seus cultos. É uma visão total da vida e do mundo – um ‘modelo’, podemos dizer no nosso caso – correspondente a um sistema de regras, virtudes e proibições; é um critério distintivo entre o bem e o mal, entre o terreno e o ultraterreno, entre o eterno e o temporal; é uma tradição do passado, uma previsão do futuro. (DE MASI, 2014, p. 28).

Entende-se ainda que:

[...] muito provavelmente a palavra religião nunca conseguiu dizer, de forma satisfatória, a relação que há entre o homem e as divindades no extremo oriente, isto é, o que povos e civilizações entendiam e sentiam com relação a seus mitos, ritos e experiências com o sagrado ou mesmo com as sociedades e as culturas. O vocábulo demorou séculos para ser interpretado e, mesmo assim, estas religiões possuem características próprias que impossibilitam uma leitura única de suas manifestações sagradas a partir dessa palavra. (2015, p. 139).

Foi a religião que, na maior parte da história, forneceu a linguagem para que as pessoas se comunicassem entre si, “com o mundo exterior, e com nosso comportamento diante das forças incontroláveis fora da vida diária”. (HOBBSAWN *apud* SOUZA, 2015, p. 154).

Portanto, ao se analisar as concepções acima, diante da abrangência e complexidade de um tema que está atrelado e integrado a diversos aspectos, bem como revelados através das várias culturas e suas relações com suas respectivas sociedades, é preciso se aprofundar um pouco mais, em busca da essência de cada teoria religiosa, o que se fará adiante.

2.1.4 Estado Laico, Laicidade e Laicismo

Pode haver alguma confusão quando se trata de terminologias afins no âmbito das Religiões e seu envolvimento com o Estado, como Estado Laico, Laicidade e Laicismo.

Entretanto, estas derivam do mesmo radical, “Na democracia, laico (do grego laikós) é um princípio pétreo. Significa povo ou população.” (GASDA, 2015, p. 41).

Estado Laico é aquele que não professa, nem promove ideias e ou ideologias religiosas. A contrário senso, o Estado Confessional acata os preceitos de determinada religião. Portanto, é diferente de um Estado Aconfessional, que ao

contrário do que se possa deduzir da palavra, apesar de não apoiar os ditames de uma única religião, aceita apoiar várias crenças. (GASDA, 2015, p. 41).

A palavra Laicidade traz “um conceito político que identifica um Estado moderno cuja legitimidade repousa na soberania do povo”. Significa uma relação autônoma entre o poder do Estado e da religião, o que denota que “é um fenômeno político e não um problema religioso. O Estado se firma como independente de qualquer outra soberania que não seja o povo”. (GASDA, 2015, p. 41).

Este autor aponta outro importante viés, no qual “A laicidade possibilita uma mútua libertação. Por um lado, o poder político se livra da tentação teocrática. Por outro lado, as Religiões e os fiéis ficam imunes de governos que manipulam a religião e a fé dos cidadãos em defesa de seus interesses políticos.” (GASDA, 2015, p. 41).

Já o laicismo, “fundamenta-se na igualdade universal entre todos os membros do gênero humano”. É muito mais intenso do que a laicidade, possui vários sentidos, dos quais se destacam, um negativo e outro positivo. O primeiro, estaria relacionado com um embate contra as manifestações públicas das Religiões. E o segundo, iria além da laicidade, extrapolando as relações entre religião e Estado, conferindo a este somente os fatores das liberdades civis e políticas. (GASDA, 2015, p.41).

Atualmente, a laicidade se faz representar por formas diversificadas, de acordo com a “cultura, história e modelos de regimes constitucionais”. Países como “Itália, Espanha, Portugal, Polônia, Suécia e Panamá” separam religião e Estado, contudo, mantêm preferência religiosa por alguma crença. Já a Costa Rica, Inglaterra, Grécia e Dinamarca preferem acolher a “religião de Estado”. (GASDA, 2015, p. 44).

Há um outro lado a ser ponderado que é o da religião atrelado à política de partidos ou ideológica, que hoje assusta por sua incidência, seu poder de influência, radicalidade e popularidade.

À frente procuraremos enfatizar esse fenômeno que tem ocorrido em nossa sociedade e que coloca em risco a nossa liberdade religiosa.

2.2 TEORIAS RELIGIOSAS

Tratar de algumas das principais teorias religiosas difundidas no decorrer da história pelo mundo afora, não é o caráter principal desta pesquisa, todavia neste momento, faz-se necessário trazer o pensamento dos principais filósofos sobre o assunto.

A palavra teoria, se trocada uma pela outra e de forma simplista, poderia ser definida como, “explicação”.

As teorias que se pretende cuidar neste item, são as formuladas por importantes e conceituados pensadores, descritas e analisadas pelo autor Pals em sua obra *Nove Teorias da Religião*.

Desse modo, uma teoria seja “um tipo de explicação - uma tentativa de explicar algo que não é no início compreendido. Ela responde à questão ‘Por que?’”. (PALS, 2019, p. 24).

Entretanto, em que consiste uma teoria científica? Pode-se dizer que são fatos cientificamente comprovados? Como se daria a comprovação?

Certo é que um fato científico deve ser analisado, medido e ou comprovado diversas vezes até que se torne uma verdade.

E no caso de uma teoria religiosa? “Como poderiam as antigas certezas da fé alguma vez se misturar a um programa de estudos dedicados a experimento, revisão e mudança? Como poderiam esses dois inimigos aparentemente mortais se encontrar sem se destruir?”. (PALS, 2019, p. 13).

Esta foi uma proposta iniciada em 1870, pelo alemão *Friedrich Max Müller* que, ao tentar estudar os livros de conhecimento sagrado dos antigos Vedas da Índia, desejava promover “a ciência da religião”, numa época em que o contexto científico era marcado por discussões fervorosas acerca da “Teoria das Espécies” de Darwin, a qual revelava a evolução através da seleção natural. (PALS, 2019, p.13).

Como foi dito, o referido autor se propõe a analisar algumas teorias da religião, consubstanciado na certeza de que, como explica, “uma explicação de religião não é difícil de entender, mas, uma vez mais, quanto mais nos aprofundamos na tarefa de explicá-la, mais complexa se torna”. (PALS, 2019, p. 25).

Isso se dá por duas razões, a primeira devido à sua “origem”: “pré-histórica” (os primeiros adeptos de uma religião); “psicológica ou social” (respostas às necessidades grupais ou individuais); “intelectual” (crença em certas afirmações); “histórica” (surgidas por profecias ou eventos). A segunda, por caráter “substantivo” (explicadas intelectualmente através de ideias) ou “funcional” (algo mais profundo e oculto). (PALS, 2019, p. 25).

De qualquer modo, é muito difícil nos dias de hoje manter uma boa conversa sobre o assunto religião, sem cairmos em conflitos e ou discordâncias apaixonadas e infundadas.

Disso decorre a necessidade de estudarmos e compreendermos os pensamentos e perspectivas religiosas de alguns importantes teóricos.

Para tanto, utilizaremos algumas das escolhas de Pals (2019), na citada obra, na mesma ordem de apresentação que se deu em seu livro, ou seja, Freud, Durkheim, Marx e Weber.

Além de escolher os teóricos a partir da referida obra, procurou-se prestigiar também os estudos efetuados na matéria de “Epistemologia e Método nas Ciências Sociais” do Programa de Mestrado em Ciências Sociais da Universidade Estadual de Ponta Grossa - UEPG.

2.2.1 Perspectiva religiosa a partir de Freud

Sigmund Freud nasceu em 1856 na Morávia, império Austro-Húngaro. De família judia, ao mudar para Viena, quando menino, sentiu-se desconfortável em morar numa cidade predominantemente católica. (PALS, 2019, p. 66-76).

Porém, o referido contexto trouxe-lhe ensinamentos tanto da religião judaica, por herança familiar, quanto do cristianismo, o que lhe serviu como base para os entendimentos futuros, embora sua posição fosse de completa rejeição da crença religiosa.

Em 1881 concluiu o curso de medicina, iniciou seu trabalho no Hospital Geral de Viena e anos depois se casou com Martha Bernays, com quem teve seus seis filhos.

Desenvolveu teoria no campo da psicanálise e do inconsciente, em 1900 escreveu “A interpretação dos sonhos”, e a partir daí: “A psicopatologia da vida cotidiana” (1901) e “O Chiste e sua relação com o inconsciente” (1905), “Três ensaios sobre a teoria da sexualidade” (1905), “Totem e tabu” (1913), “Lições introdutórias sobre a psicanálise” (1916-1917), “Além do princípio do prazer” (1920), “Ego e o Id” (1923), “A questão da análise leiga” (1926), “O futuro de uma ilusão” (1927), “Moisés e o monoteísmo” (1938), e os dois últimos, somados ao “Totem e tabu” traduzem as ideias do autor sobre religião, as quais trabalharemos a seguir. (PALS, 2019, p. 68).

Assim, no campo da religião, Freud também desenvolveu uma teoria, embora não fosse um religioso em si, muito pelo contrário. Ele considerava que a psicanálise traria resposta para todas as indagações sobre religião.

Sua abordagem no artigo intitulado “Ações obsessivas e práticas religiosas”, de 1907, reflete a existência de “uma estreita semelhança entre as atividades das pessoas religiosas e os comportamentos de seus pacientes neuróticos”, tais atividades e comportamentos podem ser exemplificados como: agir de forma padronizada e com cerimônia; sentimento de culpa quando não seguem seus rituais de modo perfeito; cerimônias com repressão de instintos básicos, gerando neuroses psicológicas de cunho sexual; repressão do egoísmo e seus instintos. E conclui que, “do mesmo modo que a repressão sexual resulta em uma neurose obsessiva individual, a religião, que é praticada amplamente na raça humana, parece ser uma neurose obsessiva universal”. (PALS, 2019, p. 77) .

Neste sentido, em “O futuro de uma ilusão”, item III, Freud inicia e termina seu texto com perguntas:

Em que reside o valor peculiar das ideias religiosas? [...] Não obstante, tal como são, essas ideias - ideias religiosas no sentido mais amplo - são prezadas como o mais precioso bem da civilização, como a coisa mais preciosa que ela tem a oferecer a seus participantes. São muito mais altamente prezadas do que todos os artifícios para conquistar tesouros da terra, prover os homens com o sustento, evitar suas doenças, e assim por diante. As pessoas sentem que a vida não seria tolerável se não ligassem a essas ideias o valor que é para elas reivindicado. E é aqui que surge a questão: o que são essas ideias à luz da psicologia? De onde derivam a estima em que são tidas? E, para dar mais um tímido passo, qual é seu valor real? (FREUD, 1927).

Na mesma obra, Freud reforça a ideia de que aquilo que se apreende dos ensinamentos religiosos não provém de uma revelação divina, nem tampouco de evidências confirmadas pela ciência, sendo então realizações dos desejos humanos de que sejam verdadeiros. Portanto, a força destes ensinamentos reside na força dos desejos. (PALS, 2019, p. 83).

Freud não era considerado um sociólogo, ainda assim seus posicionamentos sobre religião trataram de modificar o pensamento da sociedade à sua época, eis que seu entendimento se dava no sentido de que a religião poderia influenciar as pessoas, não sendo uma realidade em si mesma.

2.2.2 Perspectiva religiosa a partir de Durkheim

Émile Durkheim, que é considerado o pai da Sociologia, acredita que a iniciativa humana está presente em todos os atos da vida social.

Assim, as leis e a moralidade, o trabalho, o lazer, a família e a personalidade, a ciência, a arte e a religião, eram vistas por ele como parte da dimensão social. Nenhum destes fatores existiriam, se não fosse a sociedade. Tal pensamento não era revolucionário, mas incomum para a época. Tudo na sociedade se dava através do chamado “fato social”. (PALS, 2019, p. 98).

Para Durkheim, “devemos explicar os indivíduos em, e por meio da sociedade”, ainda religião e sociedade eram indissociáveis. “No processo de tentar compreender o social em todas as suas ocultas e poderosas dimensões, achou-se contínua e repetidamente atraído para o religioso”. (PALS, 2019, p. 99).

Nascido em Épinal, na França, no ano de 1858, faleceu em Paris no ano de 1917, aos 59 anos. Filho de um rabino, foi aluno brilhante de um professor católico. Afetado por pensamentos sobre religião, quando jovem se declarava agnóstico. Casou-se em 1887 com Louise Dreyfus e tiveram dois filhos. (PALS, 2019, p. 100).

A partir deste pensamento, o autor explica o homem através da sociedade em que vive, o que se reflete em suas obras, sendo que o seu primeiro grande livro foi A divisão do trabalho, publicado em 1893. (PALS, 2019, p. 100).

Em As regras do método sociológico (1895), Durkheim tem o objetivo de estudar os fatos sociais. Para ele é conveniente definir estes fatos pelas características externas, facilmente reconhecíveis, a fim de se evitar preconceitos. (PALS, 2019, p. 100).

Define os fatos sociais em síntese, como toda maneira de agir, de pensar e de sentir, exteriores ao indivíduo e que são dotados de um poder de coerção em virtude do qual esses fatos se colocam a ele, “para designar mais ou menos todos os fenômenos que se dão no interior da sociedade, por menos que apresentem, com certa generalidade, algum interesse social”. (DURKHEIM, 1995, p. 1).

Tais fatos possuem três características: uma geral, ou seja, coletiva ou um estado comum ao grupo; a segunda é exterior, ocorre involuntariamente; por fim, a coerção, que leva a sociedade a se conformar com as regras sociais. Assim, Durkheim acredita que os fatos sociais devem ser tratados como coisas exteriores invisíveis e de difícil acesso. (DURKHEIM, 1995, p. 1).

Na obra As Formas Elementares da Vida Religiosa (1912), a mais importante para consubstanciar a ‘teoria da religião’ do pensador em análise, seleciona uma determinada religião australiana, com o objetivo de fundamentar seus estudos sobre religião. (DURKHEIM, 2002).

Assim, utilizou-se de uma religião mais simples e conhecida, uma religião primitiva, que não tinha nenhuma outra elementaridade e sem elementos anteriores a serem explicados. (DURKHEIM, 1978, p. 205).

Segundo ele, é possível comparar as Religiões por seus aspectos em comum. Porém, trata-se de tema árduo, devido às complexidades de cada uma delas, como as Religiões do Egito, Índia e da antiguidade clássica. Por isso, é preciso reduzir ao indispensável/essencial, sem o qual não se poderia haver aquela religião. (DURKHEIM, 1978, p. 208).

Pode-se observar que o objeto secundário do estudo é investigar as noções fundamentais do pensamento ou categorias, acreditando em sua origem religiosa e social, renovando a teoria do conhecimento, acreditando-se que, se a filosofia e as ciências sociais nasceram da religião, é porque a própria religião começou por ocupar o lugar das ciências e da filosofia. (DURKHEIM, 1978, p.211).

Quanto menos complicada a sociedade, menos será difícil a compreensão da origem da religião.

A religião é uma coisa eminentemente social. As representações religiosas são representações coletivas que exprimem realidades coletivas; os ritos são maneiras de agir que nascem no seio dos grupos reunidos e que são destinados a suscitar, a manter ou a refazer certos estados mentais desses grupos. Mas então, se as categorias são de origem religiosa, elas devem participar da natureza comum a todos os fatos religiosos: elas também devem ser coisas sociais, produtos do pensamento coletivo. (DURKHEIM, 1978, p. 212).

Através dos resultados obtidos em face à religião escolhida, que os ritos, apesar de serem uma tradução exterior de estado interno, quando repetidos, trazem impressões de alegria e paz. Também que a verdadeira função da religião é a de nos fazer agir e nos auxilia a viver. Mas seria simplificar arbitrariamente as coisas, quando se vê a religião somente por seu lado idealista, pois ela é realista à sua maneira. (DURKHEIM, 1978, p. 206).

Durkheim, distingue a principal característica das crenças e rituais religiosos, entre “o Sagrado”, elemento sobrenatural e “o Profano”, elementos ordinários, portanto naturais, e destaca a importância maior dada à primeira, inclusive quanto à união da comunidade moral, que é chamada de igreja, “o sagrado pode ser bom ou mau, mas nunca profano; o profano pode ser bom ou mau, mas nunca sagrado”. (PALS, 2019, p.109-110).

Portanto, apenas o homem tem a faculdade de conceber o ideal e de acrescentar o real, assim ele tem a sensação de transformação do meio ao seu redor.

2.2.3 Perspectiva religiosa a partir de Marx

Karl Marx nasceu na Alemanha em 1818 e faleceu na Inglaterra em 1883, era considerado um filósofo social e escreveu diversas obras, das quais, inicialmente, se destacam: O Manifesto Comunista em autoria com Engels (1848) considerado um tratado político e O Capital (1867), uma análise da sociedade capitalista. (GIANNOTTI, 1985, p. 59-73).

Embora nenhuma de suas obras trate especificamente do assunto religião, Marx sempre menciona suas ideias sobre o tema, fazendo-o quase sempre de modo indireto.

Sobre este importante sociólogo, foca-se inicialmente na vida e antecedentes intelectuais de Marx, depois em seu pensamento, para só então trazer sua visão sobre religião.

Desse modo, seus quatro avós eram rabinos, mas diante das leis “antijudaicas” da Prússia, seu pai se converteu ao cristianismo antes mesmo de Marx nascer e, ao contrário do genitor, este tinha temperamento impetuoso, sem demonstrar emoções, apesar de ser intelectualmente dotado. (PALS, 2019, p.133).

Casou-se com Jenny, a filha de seu ‘mentor informal’, Barão Von Westphalen, com quem teve seis filhos. (PALS, 2019, p.133).

Quando entrou na Faculdade de Berlim, passou a comportar-se como um aluno sério, e a se identificar com os pensamentos idealistas de Hegel (1770-1831). (PALS, 2019, p.134).

O princípio geral do pensamento de Marx caracteriza-se por aquilo que é fundamentalmente real sobre o mundo, como o que pode ser encontrado em forças materiais e não em conceitos mentais, sendo está a âncora filosófica para todo o pensamento posterior:

Em particular, subjaz a dois temas que assumiram o estágio central enquanto seu pensamento se desenvolvia: (1) a convicção de que as realidades econômicas determinam o comportamento humano e (2) a tese de que nossa história é a história da luta de classes, o cenário de um conflito perpétuo em toda a sociedade entre aqueles que possuem coisas - os ricos - e aqueles que devem trabalhar para sobreviver - os pobres. (PALS, 2019, p. 134).

Sua conhecida amizade com Friedrich Engels se deu através da grande compatibilidade de ideias, e a partir de 1945 os dois passaram a escrever e atuar em parceria. (PALS, 2019, p. 135).

Enquanto Marx era original, filósofo, algumas vezes obscuro e profundo, Engels era comunicativo, de ideias claras precisas e persuasivas. Os dois são considerados criadores do Marxismo, como hoje conhecido. (PALS, 2019, p. 135).

O pensamento de Marx sobre religião se aproxima da ideia de que, quanto mais o homem coloca suas possibilidades em Deus, mais ele esquece a si mesmo, deixando de ser uma individualidade e se submetendo à vontade da sociedade e do próprio Estado.

Por isso os religiosos são o fruto de uma sociedade sofredora e oprimida, especialmente os cristãos, por conta da preocupação pessoal e de ajudar o próximo, na medida do que fosse possível, mas estes não eram revolucionários e para Marx, havia a necessidade de uma revolução do presente, sem acreditar no 'porvir'.

Além da sua conhecida afirmação "a religião é o ópio do povo", a qual se analisará adiante, a ideia Marxista faz crítica com a alienação da essência humana através da religião, o que, para ele, fomenta a existência e separação de classes. (PALS, 2019, p. 149).

Marx não se interessou pelo estudo das Religiões, porque retrataria uma ideologia. Mas de qualquer modo, em seus ensaios sobre política e filosofia: Sobre a questão judaica (1843), Manuscritos econômicos e filosóficos (1844), A sagrada família: ou uma crítica sobre todas as críticas (1845) e outros, expressou ideias-chave sobre história e sociedade, economia e política, direito, moral, filosofia e religião.

Considerava-se ateu, escreveu um artigo na revista *Deutsch-Französische Jahrbücher*, oportunidade em que Marx definiu sua conhecida ideia de religião como "o gemido da criatura oprimida, o sentimento de um mundo sem coração, o espírito de uma condição de vida privada de espiritualidade. Ela é o ópio dos povos", anotando também uma instância crítica, "denúncia indireta da insuportabilidade da vida real assim como essa fora se estruturando". (DE MASI, 2014, p. 481-482).

Ao trazer à religião o atributo de uma espécie de narcótico, Marx queria dizer que o ser humano deveria aceitar a religião de modo a dominá-lo, bem como, que a sociedade e o Estado influenciavam o povo através da criação das Religiões com os dogmas que desejassem e que deveria ser o contrário, ou seja, o povo ser o dono da religião.

Portanto, se por um lado algumas pessoas podem ser salvas pela religião, outras caem na sua pieguice, fragilizando o seu lado emocional. Desse modo, Marx desejava eliminar a religião, porquanto felicidade ilusória.

O referido teórico também acreditava na existência de uma base ou estrutura, o que significava que os fatos econômicos criaram a vida social e com isso a divisão do trabalho, da luta de classes e da alienação humana. Era esse o foco de sua pesquisa e crítica, era a superestrutura que consistia em criações subjacentes à luta de classes, ou seja, outras esferas de atividade, pouco visíveis na vida cotidiana, coisas moldadas pela base econômica, como o Estado, família, artes, religião etc, para aliviar a animosidade que poderia surgir entre os poderosos e os impotentes. (PALS, 2019, p. 144).

Marx também teve influência de *Feuerbach*, o qual acreditava diferentemente de Hegel, que falar sobre Deus ou um ente absoluto era o mesmo que falar sobre a humanidade.

Todavia foi o seu entendimento sobre o tema que acabou por influenciar o pensamento no século XX, tanto pelo fato de ser uma teoria, quanto pela ação política, em vários lugares da antiga União Soviética e da China. Para muitas pessoas daquela cultura, o marxismo com sua oposição à religião, era a única filosofia de vida possível. (PALS, 2019, p. 152).

Assim, sua crítica à religião se dava no sentido de ser negativa, ilusionista, má, controladora da vida material e culpada pela divisão de classes.

2.2.4 Perspectiva religiosa a partir de Weber

Economista, sociólogo e filósofo, o alemão Karl Emil Maximilian Weber, o Max Weber nasceu na cidade de Erfurt, em 1864 e faleceu em Munique, no ano de 1920. Autor de várias obras, se preocupou com diversos assuntos além da sociologia, como o direito, a filosofia, a política, bem como a religião. (PALS, 2019, p. 164).

Cursou história legal e econômica, bem como filosofia e teologia, na Universidade de Heidelberg, a partir de 1882. Em 1889 se tornou doutor e foi trabalhar com o direito nas cortes de Berlim e em 1892 se tornou professor universitário. Em seguida casou-se com *Marianne Schnitger*, sua prima distante. (PALS, 2019, p. 165).

Em 1895 tornou-se professor em regime integral de Economia Política em Freiburg e depois na Universidade de Heidelberg. Sua vida pessoal, quanto à relação

marital e familiar, era pouco conhecida, sabendo-se apenas que não teve filhos. (PALS, 2019, p. 166).

Quanto aos seus escritos sobre religião, Weber tinha seu método de pesquisa voltado para o “entrelaçamento” da economia com a sociedade, sem desacreditar da relação com o tema religioso. (PALS, 2019, p. 174).

Através dos primeiros capítulos da obra de Weber “Economia e Sociedade”, publicado pela primeira vez em 1922, é possível entender que sociologia é a ciência que visa compreender e interpretar a ação social e que esta é qualquer comportamento humano que traz um valor para aquele que o pratica. É necessária a reflexão acerca do sentido que existe nas ações e não apenas sua repercussão na sociedade, não se podendo ver a ação social de forma isolada, mas em conexão com outras ações. (WEBER, 2000).

A ação social é aquela orientada ao outro, e quando elas se confluírem haverá uma relação social. A racionalidade é uma característica das sociedades modernas e comporta quatro tipos de ação: com relação aos fins -fim específico objetivado pelo agente-; com relação a valores –meios-; afetiva –sentimentos- e tradicional -costumes e tradições.

Weber aborda os “tipos ideais” no processo ou construção do conhecimento, como sendo os conceitos utilizados pelos pesquisadores com o fim de orientar as pesquisas, auxiliando na compreensão dos fenômenos sociais, que devem ser entendidos a partir do contexto histórico e social do agente. (PALS, 2019, p. 170).

Assim, *Ideal-Typus*, ou tipo ideal “é um conceito geral, mas é diferente do que é conhecido como uma generalização na ciência natural” [...] “A chave é que o tipo ideal fornece uma estrutura na qual todos os casos podem ser postos em análise” [...] “Praticamente tudo que encontramos na análise social pode ser adaptado a um tipo ideal, e as fórmulas podem variar enormemente em tipo e escopo”. (PALS, 2019, p. 170).

Assim, Weber é o precursor da chamada teoria da dominação, para a qual, em relação às ações e relações sociais, o agente segue a vontade dos outros e não a sua. Desse modo, a dominação poderá ser tradicional, legal ou carismática:

No caso da autoridade tradicional, as pessoas reconhecem um padrão de poder que parece ter ‘sempre existido’, como nas sociedades tribais, onde o governo dos mais velhos tem sido aceito desde tempos imemoriais. [...] Inversamente, a autoridade mais comum para as sociedades modernas pode ser definida como legal, ou racional. Ela encontra a mais pura expressão na

burocracia moderna, que presume o consentimento entre todos para agir de acordo com um conjunto de regras consistentemente aplicadas por profissionais treinados e especializados pagos, que trabalham em uma hierarquia escalonada e com senso de dever profissional. [...] Em contraste, o terceiro dos tipos -a dominação carismática- é o mais dinâmico, e possui uma importância especial na esfera da religião. Está claramente exibido nos profetas e sábios da história mundial, embora se aplique, igualmente bem aos guerreiros ou estadistas. Em tais casos, a liderança é adquirida por meio de uma característica única: o magnetismo pessoal irresistível de um ou alguns indivíduos. [...] O carisma é o agente mais persuasivo de mudança na sociedade e na história. (PALS, 2019, p. 171).

Entre 1904 e 1905, Weber escreveu “A Ética Protestante e o Espírito do Capitalismo”, sendo que “poucos livros acadêmicos tornaram seus autores mais do que uma celebridade intelectual do que essa surpreendente aventura na análise cultural, que Weber publicou pela primeira vez como um par de artigos no *Archiv* logo após se tornar um de seus editores”. (PALS, 2019, p. 175).

Tal obra trata da influência da religiosidade na construção social de uma prática capitalista. “Ela expressa que existe uma conexão estreita entre religião, o surgimento do capitalismo econômico e o nascimento da civilização moderna na Europa Ocidental”. Eis a conhecida “Tese de Weber”! (PALS, 2019, p. 175).

Na análise de Weber, os protestantes se mostravam mais bem sucedidos no campo financeiro, em comparação aos católicos. Não porque fossem menos espirituais, eis que os “protestantes eram com frequência, muito intensamente religiosos, mantendo diários nos quais registravam cuidadosamente seus esforços diários para seguir a vontade de Deus em suas vidas”. (PALS, 2019, p. 175).

Martinho Lutero, revolucionário quanto à religião e conservador no que dizia respeito à sociedade e política, afirmava que para Deus todas as pessoas eram iguais, o que lhe trazia uma concepção diferente para o trabalho dos homens, eis que na Europa Medieval, o trabalho das pessoas mais simples não era reconhecido, servia apenas para subsistência. Já as pessoas que ocupavam funções religiosas eram tidas como vocacionados, porque teriam sido chamados por Deus. (PALS, 2019, p. 175).

Para o teórico, o homem deve se dedicar à sua vocação e ao seu trabalho, que é considerado parte fundamental da sua vida e elemento agregador de outras virtudes, afastando-o do ócio. Esta ética religiosa, centrada na vocação, apresenta estreita relação com ‘o espírito capitalista’, não na forma que será descrita no “capitalismo moderno”, mas, em suas consequências. (PALS, 2019, p.179).

No primeiro capítulo da obra “A Visão do Mundo”, o ponto central é a crítica ao plano de uma ciência verdadeira e que, como tal, se pretenda absoluta e universal.

O autor destaca as questões: dispersão e antagonismo, advindas do seu pensamento, eis que, a primeira (dispersão) diz respeito aos campos da metodologia da ciência da filosofia, ressaltando a importância do 'periférico' na medida em que não visa à centralização de um núcleo, e na segunda (antagonismo) repousa sua essência na irreduzibilidade a que comporta frente a qualquer sistema. (FREUND, 2003, p. 9-32).

Sobre essas duas questões, dimensiona-se e fundamenta-se o capítulo inicial, desejando mostrar como Weber analisa a ciência, levando em conta o processo de mutação temporal. Assim, devido a essa incompletude da ciência, todo o sistema seria um 'ponto de vista', não se podendo generalizá-lo. (FREUND, 2003, p. 9-32).

Outro elemento importante da obra mencionada é a distinção entre valor e fato, no campo das ciências humanas. Que entendimento e realidade se distanciam, e o primeiro não reproduz o segundo do ponto de vista em que é dado. Sendo assim, embora a busca do conhecimento traga o uso dos conceitos, esses não conseguem reprodução integral daquela. (FREUND, 2003, p. 9-32).

Em 1914 Weber escreveu grande parte do texto intitulado A Sociologia da Religião, que mais tarde tornou-se um capítulo da sua obra póstuma, Economia e Sociedade, publicada em 1922.

Sobre o capítulo V, A Sociologia da Religião (tipos de relações comunitárias religiosas), este "é um texto mais difícil de sumarizar do que a ética protestante. Trata menos de afirmar uma tese do que embarcar em uma exploração". Assim, ao iniciar o capítulo, Weber cita o papel dos líderes religiosos e depois da influência das classes e grupos sociais, continua com as formas de crença e comportamentos religiosos para finalmente explorar a interação da religião com aspectos diversos da vida em sociedade. (PALS, 2019, p. 180-181).

Como cientista social, Weber sabia da complexidade do pensamento humano e era exatamente esse entendimento, a mola propulsora da sua pesquisa.

2.2.5 Apontamentos sobre os quatro teóricos

Marx, através de suas concepções sobre o Comunismo influencia até hoje importantes sociedades, como a China e a Coreia do Norte, bem como suas divisões de classes e Religiões.

Ao estudar Weber, "se tomarmos Freud, Durkhem e Marx conjuntamente, uma coisa parece clara: cada um desenvolve uma visão decididamente funcional de

religião”, os três optam por investigar até a profundidade do pensamento humano. Assim, acreditam que abordagens funcionalistas levam a conclusões reducionistas. (PALS, 2019, p. 163-164).

Tal concepção difere do pensamento de Weber, que acreditava na complexidade do comportamento humano e a este dedicou boa parte de sua trajetória como cientista social.

No entender de Freud, Durkheim e Marx, “parece óbvio que a religião deveria sempre ser considerada um efeito e nunca identificada como uma causa”, mas para Weber, a religião nem sempre é causa ou efeito, muitas vezes pode ser os dois ou um de cada vez, devendo ser analisada conforme a circunstância. (PALS, 2019, p. 164).

Nesse contexto, quando se analisa o fenômeno de sincretismo religioso existente no mundo, bem como a intolerância religiosa que permeia diversas sociedades, ao ponto de ceifar milhares de vidas por este motivo, é possível entender o que queria dizer cada um dos pensadores trabalhados neste estudo e dar razão a Weber, na medida do caráter de complexidade que este deu ao estudo do tema.

2.3 MODELOS RELIGIOSOS

Qual a melhor religião? As pessoas podem responder que a sua é a melhor, que todas são boas, que nenhuma é boa ou até que não existe um ser supremo, um Deus, criador do universo.

Fato que, no decorrer da história, muitos foram os mundos e as crenças que desejavam ser o modelo perfeito, com o melhor modo para se viver.

Analisar esses modelos, sob o olhar de Masi (2014), pode ser considerada uma viagem à luz da ciência, atrativa e segura para entender as Religiões, suas histórias, culturas e tradições, o que se faz importante para este estudo.

Assim, o autor abarca em sua obra aspectos do vernáculo “modelo” em diversas áreas do conhecimento. Esse sentido da palavra modelo, *pattern* em inglês, é o que buscaremos destacar da sua obra, através dos seguintes quadros com os modelos, suas Religiões e destas, os principais conceitos e características:

QUADRO 2 – Modelo Indiano: “Humanismo Espiritual”

(continua)

MODELO	RELIGIÃO	CARACTERÍSTICAS
<p>INDIANO</p> <p>“A Índia é um estado laico onde cada um é livre para professar a própria fé.”</p> <p>As religiões mais difundidas são o hinduísmo, praticado por 80% da população, o Islã predominantemente xiita, praticado por 13% da população, o jainismo, o budismo, o siquismo, o cristianismo, o parsismo e o judaísmo.”</p> <p>O <i>Dharma</i> é o ponto de união entre as religiões indianas, “É quase óbvio identificar esse ponto de união na religião ou, melhor dizendo, no censo religioso resultante do amálgama entre hinduísmo, budismo e outros, que leva a um certo comportamento diante da vida e da morte, do tempo e do espaço, sedimentado pela cadeia milenar de elaborações doutrinárias, usos e costumes, arte e conflitos.”</p> <p>De Masi, 2014, p. 36</p>	<p>HINDUÍSMO</p> <p>“É a religião da tolerância: é possível ser hindu mesmo sendo ateu ou de outra religião.”</p> <p>“No Nepal, são ainda 86%, nas ilhas Maurício 54%. O resto encontra-se espalhado pela Ásia Central e oriental, Ilhas Fiji, Trindade, Bali, Guiana, Suriname, América e Europa”.</p> <p>“É a religião mais antiga do mundo, o hinduísmo é praticado por cerca de um bilhão de fiéis, dos quais 828 milhões estão na Índia, quase superando 80% da população”.</p> <p>“Devemos relacionar a origem do hinduísmo ao Veda, coletânea de textos transmitidos oralmente durante séculos antes de ser transcrito entre 2000 e o 1100 a.C.”</p> <p>De Masi 2014, p. 36-38</p>	<p>-Karma: lei de retribuição das ações humanas, que refletem um futuro determinado pelas ações, cujos efeitos são desencadeados e sentidos na vida passada e presente;</p> <p>-Castas: “O Veda possui quatro blocos”, e um deles, o <i>Rgveda</i> possui subdivisões em castas (dependendo da ascendência), como <i>brāhmana</i> (a mais alta), <i>ksatriya</i> (guerreiros), <i>vaisya</i> (pessoas comuns), sendo que esses três primeiros são considerados nobres e conhecidos por <i>varna</i>, <i>sūdra</i> (maioria de prisioneiros de guerra). Ainda há os <i>avarna</i> (sem casta);</p> <p>-<i>Dharma</i>: indica a manutenção necessária para o equilíbrio do universo, ao obedecer aos mandamentos das Escrituras (valores), ao se adequar ao mundo natural e ao sistema social, conquistará a fama enquanto vivo e a felicidade após sua morte;</p> <p>- <i>Brāmane</i>: a figura do sacerdote surge entre os séculos XI e IX a.C, da casta mais alta os Brāhmana, “que racionaliza o ritual de sacrifício, utilizando-o para explicar os eventos, antes atribuídos à intervenção divina”;</p> <p>-As Cinco Dívidas: com o nascimento os hindus assumem dívidas: para com os Veda, paga com adoração e sacrifícios; para com os antigos sábios pagas por meio do estudo; para com os antepassados, pagas por meio da procriação e para com os mestres, paga com doações; para com a humanidade que se paga com a hospitalidade; para com todos os seres que se paga com o oferecimento de sobras das refeições aos animais;</p> <p>-Condição da mulher: submissas segundo os textos sagrados, independente de idade, condição ou casta. Deve servir e adorar ao marido, como se fosse um deus.</p> <p>De Masi, 2014, p. 39-41</p>
	<p>BUDISMO</p> <p>“É uma religião, uma filosofia, um método de meditação baseada na interioridade, ao qual interessa sobretudo, o despertar do indivíduo e a superação dos sofrimentos.”</p> <p>Adotou o “caminho do meio” sem extremos, diferente do hinduísmo, o Budismo dirigiu-se a todos, sem distinção de</p>	<p>-Surgimento: no século VI antes de Cristo (um período instável de profundas crises no nordeste da Índia), através dos ensinamentos do Buda, segundo algumas fontes, nascido em 566 e morto em 486 a.C;</p> <p>-Buda, “o desperto”, depois de ter alcançado o grau máximo de iluminação, desenvolveu uma prática pedagógica de sabedoria e purificação que interpretada e transmitida de geração em geração pode se tornar uma prática salvadora para toda humanidade, de hoje e de amanhã;</p> <p>-Questões existenciais: o budismo tem a absoluta certeza de possuir respostas definitivas para vários problemas fundamentais,</p>

QUADRO 2 – Modelo Indiano: “Humanismo Espiritual”

(conclusão)

MODELO	RELIGIÃO	CARACTERÍSTICAS
	<p>gênero, bens ou casta. Indica o caminho para a felicidade e libertação de cada vida, composta de nascimentos, mortes e renascimento para todos (<i>samsāra</i>).</p> <p>Mesmo sendo, acima de tudo, uma religião e uma filosofia sem aspirações político-sociais, o budismo influenciou a vida da Índia, da China, do Japão e de muitos outros países asiáticos. Basta pensar em sua influência na arquitetura, na escultura e nas artes visuais.</p> <p>De Masi, 2014, 42-43</p>	<p>como: Em que consiste a vida? O que é sofrimento como ele é gerado? Quem são os sofredores? Há diferença entre o próprio sofrimento e o dos outros? Através de quais transformações interiores o indivíduo pode alcançar a dissolução? O que vem depois da morte: o nada ou o renascimento sob outras formas?</p> <p>-É expressado através de técnicas de meditação, rituais, introspecção, sensação constante de quietude e práticas de vida oriundas das diversas interpretações do Dharma, ou seja, da doutrina budista que interpreta a ordem cósmica, as verdades reveladas pelo Buda, o seu ensinamento, mas também a realização dessas ideias no plano humano: ordem, direito, justiça, deveres, moralidade etc. Ser humano é um valor em si: cabe ao homem desenvolver à perfeição esse valor inato.</p> <p>-Não há escrituras autênticas de Buda, o que propicia a transmissão discípulo a discípulo, surgindo assim, outras vertentes, de acordo com o guru, país e tradições.</p> <p>De Masi, 2014, p. 39-41</p>
	<p>ZEN</p> <p>É versão do budismo, centrada na meditação, refuta as escrituras budistas, sendo sua autoridade “a compreensão da realidade”, que mais do que uma intuição foca “na visão do coração das coisas”</p> <p>“Pelo termo Zen entende-se uma série de escolas budistas japonesas que derivam das escolas chinesas Chán.”</p> <p>De Masi, 2014, p. 45</p>	<p>-Próximo do século XIV, por uma série de causas, o budismo se extinguiu na Índia, e reapareceu apenas na segunda metade do século XX. Mas, se manteve vivo e difundiu-se no Ceilão, no Tibete, na China e no Japão, onde prevaleceram as versões Zen.</p> <p>- O zen, que propõe uma participação ativa e consciente no mundo, mesmo se percebido na sua dimensão de vacuidade, inspirou a poesia-<i>haiku</i>- a cerimônia do chá - <i>chado</i> -, a arte de trabalhar com flores - <i>ikebana</i> -, a arte da grafia - <i>shodo</i>, a pintura - <i>zen-ga</i> -, o teatro - <i>no</i> -, a gastronomia - <i>zen ryori</i> - as artes marciais- karatê, judô etc- arte da espada - <i>kendo</i> e o tiro com arco - <i>kydo</i>.</p> <p>De Masi, 2014, p. 45-46</p>

Fonte: (DE MASI, 2014).

O quadro acima relata o mundo religioso da Índia, considerado um estado laico, no qual todos são livres para professarem a sua fé e tem como alguns de seus aspectos centrais: dividir-se em três principais Religiões, Hinduísmo, Budismo e Zen.

A primeira se destaca por ser a religião mais antiga do mundo, bem como seu grande número de fiéis, ou seja, mais de um bilhão de adeptos espalhados pelo planeta, sendo a maior concentração na própria Índia. Prega a existência de um carma, o que pode ser resumido em uma lei de ação e reação. Possui algumas castas, sendo considerada a religião da tolerância.

A segunda foi criada por Buda e pode ser vista como um método de meditação interior com vistas à superação do sofrimento e ao contrário da primeira, não possui diferenciação de castas, gênero ou bens.

E a terceira é uma versão do Budismo, todavia, não se utiliza das escrituras budistas e é mais focada na meditação.

QUADRO 3 – Modelo Chinês: “A grandeza composta”

(continua)

MODELO	RELIGIÃO	CARACTERÍSTICAS
<p>CHINÊS</p> <p>“O modelo de vida Chinês deriva da tradição confuciana [...] é impossível compreender a China sem compreender o Confucionismo.”</p> <p>De Masi 2014, p. 61</p>	<p>CONFUCIONISMO</p> <p>“Não se trata de uma religião propriamente dita, mas de uma visão filosófica, ética, política e ritualística, um modelo de vida baseado na antiga sabedoria chinesa e nos ensinamentos de Confúcio, que jamais tratou de questões sobrenaturais, imitando intencionalmente suas reflexões à experiência humana.”</p> <p>“Confúcio fundamentava seu modo de pensar e agir em dois pontos principais desse Caminho: lealdade e empatia”.</p> <p>De Masi, 2014, p. 61,</p>	<p>- “Não há conflito entre imanência e transcendência: o indivíduo é parte integrante do todo. Mesmo que existam eventos extraordinários, realidades misteriosas e antigas divindades, estes não são objetos de culto, veneração ou análise. O que interessa é a cotidianidade. A vida e as qualidades morais do homem são dons do Céu, mas o Céu não se expressa, mesmo que, ao lado da Terra, intervenha com a provisão de recursos, alegrias e dores. Compete à música, à dança, à poesia e às cerimônias rituais estabelecer uma conexão entre presente e passado, entre o céu e a terra, e educar a sensibilidade estética do indivíduo, preparando-o para o controle dos instintos e provendo-o com Emoções felizes.”</p> <p>- “A morte nada tem de misterioso ou de traumático: depois da vida terrena, não há outra melhor.”</p> <p>- “Confúcio, assim como Buda, Jesus e Maomé, não deixou seus pensamentos em escritos. [...] Por isso, [...] suscitou infinitas interpretações e, em consequência, infinitas escolas e correntes de fé.”</p> <p>- Há cinco virtudes que devem inspirar a vida do indivíduo e governantes: benevolência, retidão, sabedoria, observância às normas rituais e fidelidade.</p> <p>- “Os carros-chefe de Confúcio e do confucionismo são a união primordial com os antepassados, a disciplina e o aperfeiçoamento interior, as relações humanas, as virtudes, o senso de justiça, o respeito aos pais, a força da história, a arte do bom governo, a transmissão da cultura antiga,</p>

QUADRO 3 – Modelo Chinês: “A grandeza composta”

(conclusão)

MODELO	RELIGIÃO	CARACTERÍSTICAS
		<p>o estudo assíduo e a reflexão silenciosa, a transformação das práticas ritualísticas em um sistema coerente de normas morais, o ‘não impor aos demais aquilo que não deseja para si’, o envolvimento com a família e a comunidade, a vergonha e a indignação diante de ações contrárias à moralidade, a capacidade de se colocar no lugar do outro, a visão da justiça. Concluindo: o imperativo categórico de fazer de si mesmo um Homem.”</p> <p>- “Meritocracia e formação são os dois pilares do sistema confuciano.”</p> <p>De Masi, 2014, p. 61-64</p>
	<p>TAOISMO</p> <p>“Não se sabe nem a data nem local de nascimento do taoísmo. Desde o oitavo século antes de Cristo, o ideograma chinês em que se escreve ‘Tao’ significa caminho, percurso, itinerário, ensinamento do caminho correto. A partir do primeiro século depois de Cristo, a palavra ‘tao’ passou a significar uma filosofia religiosa específica, panteísta, originária da China.”</p> <p>De Masi, 2014, p.</p>	<p>- “Os textos sagrados não têm a importância da qual gozam no islamismo, no judaísmo ou no cristianismo, e geralmente os fiéis não fazem uso deles.”</p> <p>- “A partir da dinastia Tang 620 a 906 d. C, o taoísmo preocupou-se em imaginar como dar ao homem a imortalidade após a morte.”</p> <p>- “As melhores pessoas, praticando certos regimes alimentares, místicos, alquímicos e sexuais, podem ser longevas, invulneráveis, carismáticas, alcançando, assim certo tipo de transcendência, que se manifesta pela capacidade de manipular melhor as forças que a cercam.”</p> <p>- “Os instrumentos indicados para atingir esse objetivo consistem em algumas virtudes morais para nutrir o espírito (de vida, ações meritórias, meditação, reconhecimento das próprias culpas, arrependimento) em algumas práticas para nutrir o corpo (dietas, técnicas respiratórias, comportamentos sexuais, preceitos alquímicos).”</p> <p>De Masi, 2014, p. 66</p>

Fonte: (DE MASI, 2014).

O mundo religioso do modelo chinês deriva da tradição confuciana e se traduz na existência do Confucionismo e do Taoísmo como Religiões.

A primeira é totalmente centrada nos ensinamentos do sábio chinês Confúcio, o qual fundamentava suas ações e entendimento no caminho da lealdade e da empatia.

A segunda é representada pelo ideograma chinês “tao”, com o significado de “caminho” correto, que após o Cristo significaria, uma religião de filosofia panteísta.

QUADRO 4 – Modelo Japonês: “O refinamento do guerreiro”

MODELO	RELIGIÃO	CARACTERÍSTICAS
<p>JAPONÊS “O Japão não é violento nem melancólico. O budismo zen e o xintoísmo conferiram-lhe também leveza e vitalidade. Sobre o budismo, já falamos a propósito da Índia e da China. Foi a partir daí, no século VI, que essa religião chegou ao Japão para então encontrar caminhos originais, influenciando profundamente a cultura local.”</p> <p>De Masi 2014, p. 78</p>	<p>BUDISMO “O budismo, como sabemos, é, ao mesmo tempo, uma doutrina religiosa e um modelo de vida, ambos caracterizados por uma surpreendente flexibilidade. Tendo vindo da China graças ao longo intercâmbio de monges e mestres, essa doutrina e modelo deu origem a uma miríade de escolas, sub escolas e contraescolas religiosas, bem como, a associações laicas derivadas do budismo.”</p> <p>De Masi, 2014, p. 79</p>	<p>- “Em 592 d.C, a Imperatriz Suiko impôs o budismo como religião de Estado, enquanto príncipe Umayado, seu Regente, inspirando-se no pensamento de Confúcio, reestruturava as instituições e introduzia a novidade de designar os cargos públicos, não mais com base na família do nomeado, mas no mérito.”</p> <p>- “Em 604 d.C foi promulgada a constituição, que fixa as regras comportamentais dos governantes e de súditos no âmbito de uma sociedade budista: uma constituição que, exceto em alguns períodos de crise, vigoraria até o século XIX, influenciando juntamente com o confucionismo, a administração estatal e toda a cultura japonesa.” “Apesar das suas infinitas variações doutrinárias e rituais, todas as escolas do zen budismo são centradas na prática meditativa e na transmissão do pensamento da mente do mestre à mente do discípulo sem recorrer às palavras, através de uma intuição repentina que gera a profunda iluminação.”</p> <p>De Masi, 2014, p. 78-79</p>
	<p>XINTOÍSMO “Consiste em um politeísmo imanente que se concretiza na adoração animista das divindades chamadas kami, isto é, todas as coisas e presenças espirituais majestosas, solenes, excelentes, virtuosas, que provocam a sensação de maravilha: o sol, mas também uma cachoeira, o vento, a lua, uma vereda, o fogo, os fundadores das aldeias, os fantasmas, os dragões, os vulcões, os penhascos, os lagos e assim por diante. Tudo o que existe é manifestação cósmica do divino: logo, é sagrado e permeado pelo musubi, uma energia primordial, correspondente ao Tao no taoísmo, que une todas as coisas do universo, preside sua origem e evolução, cria o laço entre os seres humanos e os kami.”</p> <p>De Masi, 2014, p. 81-82</p>	<p>- “O sucesso do xintoísmo deriva da sua simplicidade: não há dogma, não há pregações, não há um corpus codificado de doutrinas, não há uma autoridade eclesiástica central, e o sacerdócio é aberto também às mulheres. Quem se converte ao xintoísmo não precisa fazer nada de especial: basta que acredite em seus kami e em seus valores, deles retirando inspiração para sua vida prática. E isso é tudo.”</p> <p>- “Diferente do budismo, que veio da China, xintoísmo é uma religião originária do Japão, mesmo que tenha sido influenciada pela cultura chinesa e como mencionamos, tenha se entrelaçado com o budismo.”</p> <p>- “No final das contas, a doutrina xintoísta se reduz a recomendação de viver uma vida simples, em harmonia com a natureza e com próximo, demonstrando sinceridade, disponibilidade para com os outros, harmonia e humildade, importando-se primeiro com o bem-estar da comunidade e em seguida com a família e o indivíduo. Diferente do budismo, particularmente atento à vida após a morte, o xintoísmo está mais interessado na felicidade terrena.”</p> <p>De Masi, 2014, p. 82</p>

Fonte: (DE MASI, 2014).

O modelo de vida japonês se retrata em nível religioso através do Budismo e do Xantóismo, que lhe conferiram uma leveza e vitalidade, bem como trazem iluminação.

O primeiro, advindo da China é, ao mesmo tempo, uma doutrina religiosa e um modelo de vida advindos dos mestres e monges, o que terminou por gerar várias outras contraescolas religiosas dissidentes.

Já o segundo se baseia na simplicidade, sem dogmas ou pregações e ao contrário do primeiro é originário do Japão, é considerado politeísta pelo fato de adorar suas divindades, sendo que tudo o que existe, seria sagrado por ser uma manifestação cósmica do divino.

QUADRO 5 – Modelo Hebraico: “Povo de Deus”

(continua)

MODELO	RELIGIÃO	CARACTERÍSTICAS
<p>HEBRAICO</p> <p>“A entidade do modelo hebraico baseia-se em uma tríade: torá, povo e terra.”</p> <p>De Masi 2014, p. 131</p>	<p>HEBRAICA ou JUDAÍSMO</p> <p>“A Torá ou Lei, texto sagrado por excelência, confiada por Deus a Moisés, corresponde ao que os cristãos chamam de pentateuco, isto é, os cinco primeiros livros do velho testamento que descrevem a origem da humanidade: -a aliança estabelecida por Deus com seu povo escolhido através de Abraão, Isac e Jacó; - o cativo dos judeus no Egito; -a sua libertação, ao que parece no século 12 antes de Cristo, sob a liderança de Moisés, o maior dos Profetas; -a chegada à Terra Prometida; - a entrega da lei a Moisés no Monte Sinai, quarenta e nove dias depois da fuga do Egito. “A Torá, além de impor aos judeus os mandamentos que valerão para todos os seres humanos, alcançam os demais especificamente por meio daqueles, de modo a garantir-lhes a diversidade, a singularidade, a predileção.”</p> <p>De Masi, 2014, p. 131</p>	<p>- “Hoje os judeus são 15 milhões em todo mundo. A maior parte - 5,704 milhões, reside em Israel e quase o mesmo número nos Estados Unidos - 5,275 milhões. Outros 484 mil vivem na França; 375 mil no Canadá; 292 mil no Reino Unido; 205 mil na Rússia, no Brasil, são 96 mil e, na Itália 28 mil.”</p> <p>- “O povo é composto pelos judeus natos e pelos convertidos à religião Judaica. O parlamento israelense definiu como judeu ‘aquele que é nascido de mãe judia ou que se converteu ao Judaísmo e não pertence a outra religião.’”</p> <p>- “A Terra é a Palestina, da qual os judeus foram expulsos por Nabucodonosor em 587 a.C, e depois outra vez expulsos pelos Romanos no século I a.C, ocasionando o que se chama de diáspora. Nasceu então a organização atípica de um povo que desejava permanecer em uma nação mesmo que já não possuísse uma Pátria.”</p> <p>- “Durante 26 séculos consecutivos, o que servirá de elemento aglutinador desse povo, apesar de sua dispersão geográfica, será a tríplice força centrípeta da Fé de um Deus único, da Torá ou da Lei, e da Esperança na chegada do Messias, e também a ‘guetização’ e a perseguição que lhe foram infringidas por outros povos.”</p> <p>- “Cada uma das três forças centrípetas, de fato, será objeto de perseguição: o antijudaísmo, de marca predominantemente Cristã e medieval, a visão religiosa dos judeus; o antissemitismo, iniciado na segunda metade do século 18, contestará a sua consistência enquanto povo e lhes imputará uma identidade de raça: o antissionismo, contemporâneo ao Estado de Israel,</p>

QUADRO 5 – Modelo Hebraico: “Povo de Deus”

(conclusão)

MODELO	RELIGIÃO	CARACTERÍSTICAS
		<p>contestará a legitimidade da ocupação da Palestina pelos judeus cada uma dessas três perseguições servirão como o ulterior elemento aglutinador de uma multidão dispersa que jamais desistirá de considerar esse povo e também nação.”</p> <p>De Masi, 2014, p. 130-131</p>

Fonte: (DE MASI, 2014).

O modelo hebraico tem sua religião denominada como Hebraica ou Judaísmo, sendo regida pelo livro sagrado chamado de Torá, o qual teria sido revelado por Deus para Moisés.

Tal texto é composto pelos cinco primeiros livros do antigo testamento e por isso é conhecido por pentateuco.

Moisés e seu povo, escolhidos por Deus seguiram em direção à terra prometida a fim de salvar os judeus do cativeiro.

QUADRO 6 – Modelo Católico: “A felicidade não é desta terra”

(continua)

MODELO	RELIGIÃO	CARACTERÍSTICAS
<p>CATÓLICO “Para compreender o modelo católico, que, segundo o anuário pontifício de 2012, envolve 1 bilhão e 196 milhões de batizados distribuídos por todo mundo, é necessário partir do Antigo Testamento e do povo Judeu, que, mais que qualquer outro, nele funda a própria identidade, extraindo daí grande parte das regras de comportamento individual e coletivo.” “O modelo de vida proposto pelo cristianismo é traçado no ‘Sermão da</p>	<p>CATOLICISMO “A Igreja Católica, majoritária entre as igrejas cristãs, tem como referência um cânone de sagradas escrituras que - segundo compêndio do catecismo - compreende 46 escritos do Antigo Testamento e 27 do novo.”</p> <p>- “Vértice supremo do catolicismo é o Papa, que, ‘enquanto Bispo de Roma e sucessor de São Pedro, é o perpétuo e visível princípio e fundamento da unidade da igreja. É o Vicário de Cristo, cabeça do Colégio dos</p>	<ul style="list-style-type: none"> - Dogma da Imaculada Conceição: ou seja, o dogma em que Maria se manteve virgem desde a concepção de Jesus até a eternidade; - O catecismo representa um detalhado <i>vade mecum</i> para a santificação da vida cotidiana; - Sacramentos: batismo, reconciliação ou confissão, eucaristia ou comunhão, confirmação ou crisma, unção ordem sacra e matrimônio; - “O Concílio Vaticano II define a vida religiosa como protótipo, quintessência de qualquer vida cristã. Entre as várias formas de vida religiosa, a monástica representa o modelo existencial mais adequado às beatitudes.” - “A essência da conduta monástica reside em uma vida cristã assaz intensa, vivida na mais absoluta integridade evangélica, na incansável busca por Deus e na total imitação de Deus sob o duplo aspecto do asceticismo e da mística: asceticismo como mortificação, caridade, renúncia a si próprio e às coisas do mundo; mística como recolhimento, prece, desejo de atingir a visão de Deus, contemplando-o e

QUADRO 6 – Modelo Católico: “A felicidade não é desta terra”

(conclusão)

MODELO	RELIGIÃO	CARACTERÍSTICAS
<p>Montanha’ (Mateus 5:1-12) [...] ‘E Jesus vendo a multidão subiu a um monte, e, assentando-se, aproximaram-se dele os seus discípulos; E, abrindo a boca, os ensinava, dizendo: Bem-aventurados os pobres de espírito porque deles é o reino dos céus...’ “</p> <p>De Masi, 2014, p. 144 e 152</p>	<p>Bispos e pastor de toda a igreja, sobre a qual tem, por divina instituição, poder pleno, supremo, imediato e universal’.”</p> <p>De Masi, 2014, p. 151-152</p>	<p>dialogando com ele.”</p> <p>- 166 “O catolicismo crê em Deus uno, e transcendente, atribuiu primazia ao bispo de Roma e confia à sua instabilidade a interpretação das escrituras e dos Sinais dos Tempos.”</p> <p>-Encíclicas Papais centradas na questão social e que cobrem o arco de 100 anos: -A <i>rerum novarum</i> - ‘ sobre a condição dos operários’ - publicada por Leão XIII em 1891, enquanto a Europa se industrializava e crescia o conflito entre burguesia e proletariado, entre liberalismo, socialismo e Marxismo, ela influenciou de forma determinante o mundo católico quando ele sofria a superação econômica por parte do mundo protestante; - Na <i>Quadragesimo anno</i> 40 anos após, Pio XII a definia - ‘a magna carta da ordem social’ - ditando um modelo de vida, criando associações cristãs e corporações capazes de unir ‘à vantagem econômica, a cultura das almas’, instaurando ‘uma verdadeira sociologia católica’; -A <i>Mater et magistra</i>, em 1961 tratava sobre recentes avanços da questão social, João XXIII a definia ‘ Imortal Encíclica’; -76 anos depois, na <i>Populorum progressio</i>, Paulo VI em 1967, a descrevia como ‘grande encíclica’ dizendo ainda que ‘é um grito de angústia de dor diante da constatação de que os povos da fome interpelam hoje de modo dramático os povos da opulência’; 100 anos depois, João Paulo II a celebrava como Imortal documento, dedicando por sua vez, a encíclica <i>Centésimus annus</i>, promulgada por este em 1991, um século depois da <i>rerum novarum</i>, exatamente para recordar-lhe e atualizar-lhe os preceitos.</p> <p>De Masi, 2014, p. 144-203</p>

Fonte: (DE MASI, 2014).

A religião Católica tem uma composição representada por uma tríade por Deus, Jesus e o Espírito Santo, conhecida como a Santíssima Trindade, que é uma, ou seja, todos representam o criador do céu e da terra.

Possui hierarquia, tendo como seu principal representante o papa, que em verdade é considerado o representante do apóstolo Pedro, o fundador da religião católica na terra.

O modelo católico é bem conhecido no mundo ocidental, tendo suas principais revelações contidas nas sagradas escrituras (Bíblia Sagrada)⁷, através do antigo e novo testamento e, portanto, integra o grande grupo das Religiões cristãs no mundo.

QUADRO 7 – Modelo Muçulmano: “Fé e conquista”

(continua)

MODELO	RELIGIÃO	CARACTERÍSTICAS
<p>esotéricos, os místicos; sociológicos - tradicionalistas e modernizadores, integralistas e ocidentalizados.”</p> <p>“E uma permanente instabilidade política que, mesmo em anos recentes culminou em movimentos revolucionários desde o Oriente Médio até o norte da África, onde a população jovem, o alto desemprego entre jovens, o alto nível de corrupção e a pretendida introdução das ‘repúblicas hereditárias’, a falta de democracia, a ínfima taxa de participação das mulheres na produção e na vida social, o atraso na pesquisa científica, o isolamento em relação às correntes culturais externas e o senso de injustiça diante dos descarados privilégios das oligarquias corruptas e violentas</p>	<p>ISLAMISMO:</p> <p>“Os países com população majoritariamente muçulmana são em torno de cinquenta: 20 no Oriente Médio; 15 na África; 8 na Ásia e 6 na antiga União Soviética. Trata-se de países muito diferentes entre si, por clima, extensão, densidade demográfica, composição por faixa etária, índice de emprego e distribuição da riqueza.”</p> <p>“O mínimo denominador comum desses países é o monoteísmo, a contínua referência aos princípios fundamentais do Islã, atenção existencial entre tradição e inovação que, em alguns casos, extrapola em lutas fratricidas. Disso resulta uma condição social caracterizada por integralismo, mínima liberdade individual,</p>	<p>- “Nem todos os muçulmanos são árabes, apesar de Maomé tê-lo sido, de o Corão ter sido escrito em árabe e a grande expansão do Islã, sobretudo, no ‘período de ouro’ compreendido entre os séculos IX e XII, ter sido obra dos árabes, que difundiram a mensagem de Alá, dos Pirineus ao Indo, da Europa ao Oriente Médio, da Ásia a Pérsia e ao Magreb. Bagdá, então tinha um milhão de habitantes, quando Roma - que chegou a ter 1,2 milhão na época Imperial - já foram reduzidas a 30 mil residentes. Hoje apenas 15% de todos os muçulmanos são compostos de árabes. Nem todos os Árabes são muçulmanos, 10% por cento destes pertencem a religiões cristãs. O país islâmico mais populoso é a Indonésia. Seja na Itália, com 500 mil fiéis, seja na França, com 1,5 milhão de seguidores, o Islã representa a segunda religião.”</p> <p>- No Brasil estima-se que os islâmicos sejam cerca de um milhão.</p> <p>“A religião Hebraica existe há 5770 anos; a védica, há 3500; a Cristã, há 2000; e a islâmica, há 1400 anos. Trata-se então, do nascimento mais recente do instinto espiritual dos seres humanos. Nascimento mais recente completo porque, segundo os muçulmanos, depois de mais ou menos 20 profetas, que vão de Adão a Abraão, de Moisés a Salomão e a Jesus, Maomé é o último da série na ordem temporal e na ordem absoluta, tendo completado a revelação Divina de uma vez por todas.” 208</p> <p>- Para saber o que Alá pensa sobre os assuntos sobre os quais deve ser sempre</p>

⁷ A palavra Bíblia vem do grego **Biblos** que significa livro. Considerava-se que esses escritos formavam por si mesmos um conjunto concreto e determinado, sendo superiores às demais obras literárias existentes. Assim, a Bíblia é conhecida como as Sagradas Escrituras, conteúdo que a eleva à categoria de livro por excelência. O Novo Dicionário Bíblico ilustrado destaca que a Bíblia não é meramente um livro, e sim um grande número de livros, e que o emprego do termo “escritura” ilustra a importância da diversidade de redatores, vê-se nela uma maravilhosa unidade que revela uma direção inteligente, que não deixou de agir duramente mais de mil anos, período em que se estendeu sua redação. Assim a Bíblia pode ser definida como livro sagrado que é a Palavra de Deus escrita por diferentes autores mediante revelação do Espírito Santo.

<https://monografias.brasilecola.uol.com.br/religiao/a-biblia.htm> Acesso em 13 de mar. de 2021

QUADRO 7 – Modelo Muçulmano: “Fé e conquista”

(continuação)

MODELO	RELIGIÃO	CARACTERÍSTICAS
<p>determinaram a revolução dos Jasmins na Tunísia, a da praça Tahrir, no Egito, e outras mais, com a consequente queda de alguns regimes e o arrastar desastroso das guerras civis. Mas hoje, talvez, o que mais coloca em crise o modelo tradicional islâmico em suas numerosas facetas não seja a luta de classes, não seja o fundamentalismo ou modernismo religioso, não sejam os velhos partidos conservadores nem os de esquerda ou tampouco os movimentos islamitas, como os irmãos muçulmanos, de matriz <i>neo</i> tradicionalista, ou extremistas, prontos a usar o terrorismo contra as demais correntes religiosas ou sociológicas desviantes: são os jovens digitais, apolíticos, tocados e atraídos pelo consumismo ocidental, frequentadores entusiastas das redes sociais, frustrados pela modernidade negada desejosos de liberdade, dignidade e trabalho.”</p> <p>“Para compreender o modelo dos muçulmanos seria de fato impossível, tão inexplicável e tão abrangente é a união entre sua fé e sua existência individual e coletiva. [...] antes de agir tem a obrigação de</p>	<p>baixa liberdade de expressão, machismo acentuado e analfabetismo difundido.” 207</p> <p>De Masi, 2014, p. 206-207</p>	<p>consultado, deverá saber e deduzir a partir do que o anjo Gabriel disse à Maomé através: do Corão, livro sagrado; da <i>sunna</i>, a partir do que Maomé disse sobre qual seria uma conduta correta; o <i>ijma</i>, consenso dos doutores da lei (normas e consenso comunitário) sobre leis morais e de culto e a <i>qiyàs</i>, analogia de acordo com casos passados.</p> <ul style="list-style-type: none"> - As fontes acima não são tem sua autenticidade unânime pelo fato de que Maomé não deixou nada escrito (era analfabeto), o que provoca constantes incertezas e disputas sobre o seu significado. - “Maomé nasceu em 570, em Meca [...] homem de ação, líder militar e político, Maomé receberá a revelação divina em duas etapas e em dois lugares diferentes em meca, entre 610 e 622.” - “Sempre com a inspiração do criador, em um contexto de idolatria primitiva e ignorante, Maomé fundou uma comunidade de muçulmanos - a uma – tão perfeita que deveria ser perpetuada tal como era, na sua alcançada perfeição, sem nada modificar e sempre a defendendo sem piedade dos idólatras.” 211 - “A nova religião, agora monoteísta foi imposta a golpes de sermões e cimitarras” - “Com a morte de Maomé, a incontrolável expansão do Islã continuou por obra de seus sucessores - os califas -, que pouco a pouco conquistaram, a oeste, o Norte da África e, posteriormente, a Espanha, chegando aos Pirineus, enquanto a Leste, chegaram até as margens do Indo.” - “Toda religião é conservadora; [...] para os católicos são os dogmas, para os islâmicos, os cinco pilares. Para o Islã não existem milagres, mas existem anjos, a predestinação, a vida pós a morte, o juízo universal, o inferno e o paraíso. - Para 90% não há padres, hierarquias eclesiásticas e nem confissão, pois um muçulmano não confiaria seus pecados para outro homem. - Não existe paz pois, “Todos os islâmicos, independentemente da nacionalidade, são unidos pela mesma tradição e religiosidade. [...], Mas, diferente da Igreja católica, que tem um papa infalível, substituto de Deus [...] o Islã não tem nem clero, nem autoridade central a quem é designada a interpretação autêntica das escrituras e da tradição. Daí a miríades de grupos, seitas, diásporas, separações e recomposições dos fiéis [...].” - A condição feminina: monogamia, proibição de anticoncepcionais, sem liberdade de

QUADRO 7 – Modelo Muçulmano: “Fé e conquista”

(conclusão)

MODELO	RELIGIÃO	CARACTERÍSTICAS
perguntar a si mesmo qual a escolha seria aprovada ou desaprovada por Alá.” De Masi, 2014, p. 206-209		iniciativa, e até de ir e vir em alguns casos. Utilização do véu, mais como símbolo de proteção do que segregação. [...] O que deve ser considerado um progresso, posto que, outrora “o pai podia enterrar vivas as filhas indesejadas.” ²¹⁷ De Masi, 2014, p. 206-217

Fonte: (DE MASI, 2014).

O mundo dos muçulmanos é representado por Maomé e composto pela religião Islâmica.

É uma das maiores Religiões da terra em número de adeptos que seguem Alá e seus preceitos.

Esses preceitos são considerados fundamentalistas o que se denota pelo clima bélico em que se instalou seu povo por conta da liberdade individual e de expressão muito restritas, discriminação entre os gêneros e analfabetismo.

QUADRO 8 – Modelo Protestante: “Graça e rigor”

(continua)

MODELO	RELIGIÃO	CARACTERÍSTICAS
PROTESTANTE “ <i>Solus Christus, Sola Gracia, Sola Fide, Sola Scriptura</i> : são essas as bases do pensamento luterano, que encontra o seu primeiro terreno fértil nos países do sacro império romano e que, diferente do catolicismo, dispensa a mediação sacerdotal entre homem e Deus, instaurando o sacerdócio Universal, segundo o qual todos os que creem são iguais em dignidade e importância, mesmo que nas diversas vocações e nos diversos serviços. A graça está no centro do	PROTESTANTISMO “Segundo Lutero, Deus não é um juiz inflexível. Ele doa aos pecadores a salvação pela graça, baseada na fé (<i>Sola Fide</i>) e por mérito exclusivo de Cristo. Isso exige a substituição da ritualidade descaradamente exterior, pela íntima edificação pessoal; do poder temporal do papado pelo poder eterno do verbo divino, revelado através da Bíblia; da intermediação dos ministros do culto pela leitura e a interpretação individuais das	- A Reforma Protestante: “Não se tratou de uma empreitada simples nem no plano teórico, nem no plano prático. Foi chamada de Reforma, mas foi uma revolução em todos os sentidos. No plano organizativo, foi reestruturado o sistema paroquial; foram confiscados monastérios e conventos; foi reorganizada a administração do Estado; os direitos dos bispos passaram aos príncipes; os valores confiscados foram destinados à assistência aos pobres e à sua instrução, foi introduzida a liturgia luterana no lugar dos ritos cristãos.” ²³⁷ - Durante o protestantismo houve uma extraordinária produção de obras-primas da música, a começar pelas obras imortais de Bach, por conta de “uma atmosfera propensa à fé.” ²³⁷ - Ações e omissões deveriam ser pautadas na capacidade para ler e interpretar a Bíblia. “Em que língua? Em que versão? Feita e garantida por quem? Se podiam surgir infinitas dúvidas acerca do significado de um determinado termo, imagine quantas diferentes

QUADRO 8 – Modelo Protestante: “Graça e rigor”

(conclusão)

MODELO	RELIGIÃO	CARACTERÍSTICAS
<p>protestantismo, proveniente das famosas 95 teses que segundo a tradição, Lutero afixou nas portas da igreja de Wittenberg, em 31 de outubro de 1517.”</p> <p>“Ainda que o homem praticasse todas as virtudes, isso não bastaria para salvá-lo sem a intervenção amorosa da Graça de Deus. A salvação, de fato, depende exclusivamente dos méritos de Cristo e da Graça concedida pela Vontade Divina; todavia, o indivíduo, sabidamente falível,</p>	<p>Sagradas Escrituras.”</p> <p>“Para Lutero, tanto na esfera pública como na privada, a vida está inserida diretamente na teologia. O poder político vem diretamente de Deus e não há necessidade da intermediação da igreja, que, ao longo dos séculos, com essa intermediação, obteve de maneira corrupta vantagens exorbitantes. Amar a Deus, compreender e obedecer aos seus mandamentos, servir ao próximo com amor é tudo uma coisa só.”</p> <p>De Masi, 2014, p. 237-239</p>	<p>interpretações poderiam surgir das várias possíveis versões dos textos vertidos do hebraico para o latim, do latim para o alemão, para o inglês, para o holandês e assim por diante. [...] Para Lutero e Calvino, a única fonte doutrinária deve ser sempre e apenas as Escrituras.”</p> <p>- “O tempo demonstrou que não apenas os ignorantes, mas também o estudioso foi obrigado a render-se diante da obscuridade ou da ambiguidade de certas passagens bíblicas.” Diante de tal injunção surgiram fragmentações do povo protestante.</p> <p>- “Nas décadas seguintes à morte de Calvino, no âmago das igrejas reformadas, formaram-se numerosas igrejas ‘separadas’ (anglicanas, puritanas, valdenses etc.), reunidas por sua vez, em diversas assembleias.</p> <p>- Max Weber, em 1904, através de seu método científico faz uma constatação estatística que consta de sua obra A ética protestante e o espírito capitalista: “nas regiões da Alemanha onde coexistem comunidades católicas e comunidades protestantes, são sempre aqueles pertencentes ao segundo grupo a buscar e obter mais riqueza e mais poder. [...] Daí a hipótese de que seria a religião protestante, sobretudo a calvinista, a base do espírito capitalista através da qual os empreendedores, por meio de uma organização racional, buscam sucesso e lucro, disso fazendo um uso socialmente útil.”</p> <p>De Masi, 2014, p. 237-247</p>

Fonte: . (DE MASI, 2014).

Enfim, o modelo protestante, cujo principal precursor foi Martinho Lutero, que não mais desejava se submeter aos desmandos dos líderes da igreja católica.

Os preceitos são muito próximos aos do catolicismo, porém inicialmente, sem tanta submissão ao Estado e suas facilidades em dominar a população.

Atualmente, muitas igrejas consideradas como evangélicas, são dissidentes do protestantismo.

A partir das características e conceitos de mundos religiosos acima anotados, é possível observar várias possibilidades positivas para se buscar o ambiente de paz almejado por aqueles que acreditam que preceitos religiosos possam, realmente estar aptos a colaborar para a Cultura de Paz através de seus valores.

Desse modo, quer através de valores como a tolerância, revelada pelo “Humanismo Espiritual” do modelo Indiano quanto à diversidade de crenças (Hinduísmo, Budismo e Zen); quer pelos caminhos da lealdade e empatia indicados pelo modelo Chinês através do Confucionismo “A grandeza composta”; ou ainda, com o exemplo do “Refinamento do Guerreiro”, advindo da paz oriental do Budismo, pelo modelo japonês; ou quem sabe o “Povo de Deus” do modelo Hebraico composto pela Torá (lei), Povo (libertação) e Terra (prometida).

Todavia, caso não seja possível encontrar valores e a sua paz em nenhum dos modelos acima, ainda se tem a possibilidade do modelo católico, através do qual se compreende através de Jesus Cristo que, “A felicidade não é desta terra”; há ainda o modelo muçulmano que prevê “Fé e conquista” através do amor a Alá e o modelo protestante da “Graça e rigor” para um mundo de predestinados.

Enfim, em todos os modelos acima apresentados pode-se encontrar paz e valores, contudo, faz-se necessário apontar novamente o seguinte contraponto para reflexão: diante de tantas guerras por motivações religiosas, contar com as Religiões a fim de alcançar a paz no mundo através de uma cultura pacificadora, não poderia ser considerado um contrassenso?

2.4 O DIREITO À LIBERDADE RELIGIOSA E O PROBLEMA DA INTOLERÂNCIA

A CF/1988 consagra o Princípio da Igualdade, expresso em seu artigo 5º, o qual declara que “todos são iguais perante a lei, sem distinção de qualquer natureza, garantindo-se aos brasileiros e aos estrangeiros residentes no país a inviolabilidade do direito à vida, à liberdade, à igualdade, à segurança e à propriedade”. Desse modo,

a liberdade é um direito fundamental, disponível a todos, sem distinção de raça, cor, religião, gênero, dentre outros.

No seu inciso VI, a referida norma constitucional prevê proteção à liberdade religiosa, dizendo ser “inviolável a liberdade de consciência e de crença, sendo assegurado o livre exercício dos cultos religiosos e garantida, na forma da lei, a proteção aos locais de culto e a suas liturgias”.

Desse modo, a liberdade religiosa é um direito que se consubstancia no exercício pleno, livre e desimpedido da profissão de fé de cada pessoa, bem como na possibilidade de exteriorização através da adoração para com aquilo em que acredita, englobando também o direito de não professar ou exteriorizar qualquer religião ou crença.

Assim, são três as vertentes constitucionais advindas da liberdade religiosa: “Liberdade de Crença”, “Liberdade de Culto” e “Liberdade de Organização Religiosa”.

A Liberdade de Crença se compõe da faculdade de não crer, com o intuito de combater a discriminação de quem crê aos que não creem, ou vice-versa, possuindo relação com o ateísmo. Já a “Liberdade de Culto”, se caracteriza pela manifestação particular ou pública, individual ou em grupo, de orar e praticar a sua crença e a “Liberdade de Organização Religiosa” leva em consideração a possibilidade de se fundar uma igreja, não havendo necessidade de autorização especial.

A Liberdade de Crença respeita a independência para a escolha da religião, para aderir a uma seita religiosa e para poder mudar essa crença, bem como está livre para se declarar ateu ou agnóstico. (SILVA, 2013, p. 250).

Quanto à Liberdade de Culto:

[...] a religião não é apenas sentimento sagrado puro. Não se realiza na simples contemplação do ente sagrado, não é simples adoração a Deus. Ao contrário, ao lado de um corpo de doutrina, sua característica básica se exterioriza na prática dos ritos, no culto, com suas cerimônias, manifestações, reuniões, fidelidades aos hábitos, às tradições, na forma indicada pela religião escolhida.. (SILVA, 2013, p. 251).

Por fim, no que concerne à Liberdade de Organização Religiosa, esta é vista como a possibilidade de formação de igrejas, templos e lugares considerados sagrados por aqueles que professam a fé e praticam os cultos, sem a interferência do Estado. (SILVA, 2013, p. 250).

Assim, o direito à liberdade religiosa, em nível constitucional, está alocado dentre os principais direitos de um cidadão. São aparentemente simples e óbvios, como exemplo, o direito à vida, à família, à alimentação, à educação, ao trabalho, à liberdade, à religião, à orientação sexual e a um ambiente sadio.

Porém, estes nem sempre são respeitados, o que faz com que sua conquista e manutenção sejam palco de luta constante por toda a sociedade, em especial dos hipossuficientes.

Segundo a Declaração Universal dos Direitos Humanos de 1948:

Todo o homem tem direito à liberdade de pensamento, consciência e religião; este direito inclui a liberdade de mudar de religião ou crença e a liberdade de manifestar essa religião ou crença, pelo ensino, pela prática, pelo culto e pela observância, isolada ou coletivamente, em público ou em particular.

Ainda sobre o sentido de Religião:

Não nos esqueçamos dos significados primevos envolvendo o verbete “religião”, do latim, religare, unir, ligar, religar. A religião une as pessoas em torno de uma crença, logo, crenças díspares não unem as pessoas, separam-nas. Muitas das imposições de crenças visam unificar as pessoas em torno de um único ideal, catalizador de seus processos e formas de conduta. Então, como unir pessoas que acreditam em coisas diferentes? ou pior, como aceitar uma crença sem desacreditar a outra? (BRAGA JUNIOR, 2019, p. 75).

Tais questionamentos nos fazem repensar (item 3.5) acerca do caráter paradoxal em torno do assunto religião. Ou seja, como que algo criado, em tese, para trazer paz interior, sublimar os conflitos e unir as pessoas, pode também ser objeto de disputa do poder, violência, orgulho e desamor, discriminação, guerras e mortes? Por que o sentido do vocábulo que leva ao significado de algo que é sagrado e religião pode se tornar potencialmente negativo?

Historicamente:

A paz de Westfalia encerrou o dramático conflito entre os mais importantes estados europeus do século XVII, que ficou historicamente conhecido como a Guerra dos Trinta Anos. Quase todos os povos do Continente envolveram-se nessa conflagração internacional, cujas origens estavam inegavelmente ligadas ao fenômeno da Religião e da liberdade de seu exercício pelos indivíduos. Territórios foram divididos, estados criados e nações separadas pelo critério da profissão de fé religiosa dos príncipes e reis de cada território envolvido. (MARTINS, 2009, p. 97).

Dessa forma, uma das grandes importâncias da proteção à liberdade religiosa é o intuito de impedir qualquer tipo de discriminação, preconceito ou violência, por conseguinte, rechaçar a Intolerância Religiosa.

Todavia, o que significa a palavra intolerância? É “sentimento que se direciona em mão contrária à edificação da igualdade. Potencial de discórdias e conflitos. Postura que se deve banir da rotina de cada qual, caso se queira edificar a pátria justa, fraterna e solidária prometida pelo constituinte”. (NALINI, 2012, p. 101).

É certo que no Brasil, a formalização da liberdade religiosa, na qualidade de direito fundamental, é recente, eis que toda a humanidade em alguma época de sua história já foi submetida à vontade do Estado que, na maioria das vezes, controlava duramente qualquer divergência às ideias concebidas pela religião oficial.

Como é notório, as lutas em nome da religião ocorridas no decorrer da história, quase sempre foram longas, duras e sangrentas, com o fim de que o poder central fosse preservado através dos regimes teocráticos.

Quase sempre baseadas em fatores teológicos, políticos e econômicos, as guerras religiosas representam a antítese da religião pretendida.

2.5 INTERFACES DAS RELIGIÕES COM A CULTURA DE PAZ

Quais as vias possíveis para ao menos minimizar a situação apresentada acima em prol da preservação dos direitos inerentes à religião? Como conviver de forma mais pacífica com o pluralismo religioso?

A resposta não é simples, é preciso reportar-se à história a fim de entender como as diversas sociedades fizeram para tentar buscar a paz religiosa.

O pluralismo religioso apresenta alguns problemas políticos para o Estado: o primeiro deles seria a própria relação entre Estado e Religião e o segundo o que fazer para reger as relações advindas dessa convivência entre várias religiões em uma mesma sociedade. (BERGER, 2017, p. 158).

2.5.1 As “Fórmulas da Paz” de Berger

As fórmulas da paz podem servir para que os Estados possam orientar seu povo quanto a uma questão tão delicada como a da convivência pacífica, ainda que relativamente, em sociedades plurais. Segundo o autor, o assunto não é novo na

história e “qualquer pessoa que esteja preocupada com os problemas políticos na nossa época estará preocupada também com a utilidade de várias fórmulas de lidar com a questão hoje”. (BERGER, 2017, p. 159).

Dentre as possíveis fórmulas, o autor cita a “indiferença social” empregada pelos comandantes do Império Romano que, de forma ilustrativa e sucinta, dava-se do seguinte modo: como as autoridades se incomodavam com o fato de os cristãos não aceitarem participar do culto imperial, cerimônia que representava a lealdade ao império, então, se satisfaziam apenas com “um recibo dado a uma pessoa” para comprovar a participação no culto, sem precisar deixar de seguir suas crenças, evitando também a perseguição. (BERGER, 2017, p. 161).

Outra fórmula que surgiu na Índia, seria a “paz através da absorção”, baseada num sistema de castas, ou seja, divisão hierárquica de grupos com base na origem familiar e local de nascimento, posses e Religiões para se absorver o pluralismo religioso de forma respeitosa. (BERGER, 2017, p. 165-169).

O Islã, desde cedo adotou como fórmula “a paz por subordinação”, a fim de enfrentar a questão do pluralismo religioso em uma sociedade muçulmana. Tal fórmula consiste em tolerar e proteger as comunidades religiosas não muçulmanas através de uma situação de subordinação, como por exemplo, do pagamento de um imposto. Assim, embora não detentoras dos direitos e deveres dos muçulmanos, teriam direito ao culto e jurisdição em situações como casamento e herança, bem como, em relação à propriedade e a participação na economia dos não muçulmanos. (BERGER, 2017, p. 169).

Duas fórmulas foram importantes na história ocidental moderna, sendo elas: “a da Dieta ocidental de Augsburgo e da Paz de Westfália” e “a da separação mais recente entre o Estado e a Igreja”.

A primeira foi convocada na Alemanha, através do Imperador Carlos V em 1555 para chegar algum tipo de paz entre católicos e protestantes e consistia em “Cuius régio, eius régio (De quem for a religião, dela seja a religião)”. Cada príncipe teria o direito de decidir qual fé, católica ou protestante, prevaleceria no seu território; aqueles dos seus súditos que discordassem, eram livres para emigrar. (BERGER, 2017, p. 174-175).

Esta mesma fórmula foi base da Paz de *Westfália*, que findou a Guerra dos Trinta Anos e envolvia católicos, protestantes e calvinistas. Entretanto, quanto mais crescia o pluralismo religioso entre os países ocidentais, mais a fórmula percia,

diante de muitas mortes por conta das disputas religiosas, entre outras. (BERGER, 2017, p. 175).

A segunda fórmula, apresentada pelos Iluministas no contexto da revolução inglesa e francesa, consiste na “separação entre o Estado e a Igreja”. Tal receita pode ser aplicada de igual forma nos dois pluralismos, ou seja, “pluralismo de diversas tradições e instituições religiosas e o pluralismo dos discursos secular e religioso”.

A primeira emenda à constituição dos Estados Unidos é um bom exemplo disso, pois proíbe o estabelecimento de uma religião em uma de suas cláusulas e garante o livre exercício da religião em outra, portanto “o objetivo aqui, foi amplamente atingido, é esculpir em nicho na lei e no mecanismo do Estado, no qual um discurso estritamente secular é o único permitido, mas que também coexiste com uma grande variedade de discursos religiosos”. (BERGER, 2017, p. 176).

A ponderação inicial do autor acerca dos dois pluralismos é uma teoria possível, que fica evidenciada de acordo com as propostas acima mencionadas, pois na medida em que procuram respeitar o embate entre Estado e religião, também podem proporcionar uma convivência/coexistência inter-religiosa, relativamente pacífica e pacificadora.

2.5.2 Religiosidade e Espiritualidade

Os termos em comento podem causar certa confusão quanto ao seu significado, pois embora estejam interligados, não possuem o mesmo sentido.

Uma das primeiras ideias que surge ao se fazer uma simples comparação entre os dois termos é a que resulta da etimologia da palavra, ou seja, a religiosidade estaria atrelada às crenças nos dogmas e à prática da religião em que se crê ou que se professa e a espiritualidade ao que se entende por espírito, em algo transcendente, interior, sagrado, imperceptível aos olhos humanos, que não se sabe exatamente onde estaria, mas muito possivelmente, dentro de cada pessoa.

Veja-se o olhar: “[...] religião é o aspecto institucional da espiritualidade, religiões são instituições organizadas em torno da ideia de espírito”. Ele admite a existência de pessoas que seriam “espiritualizadas, mas não religiosas” e de pessoas que são extrinsecamente religiosas, mas não necessariamente espiritualizadas. (HUFFORD, 2005 *apud* CURCIO E ALMEIDA, 2019, p. 10).

Seria como se a religião desse uma casca para o espírito que é imaterial e assim, os dois pudessem viver de forma plena um sem o outro, pois nos sentimentos relativos à religiosidade há a presença do caráter exógeno, com a necessidade de expressão, ou seja, da exteriorização, e ao contrário, no que se atine à espiritualidade, brota o caráter endógeno, com a ideia de se tratar de algo sentimental, impalpável, íntimo e interior.

Em outra vertente sobre o mesmo assunto, o sentido de espiritualidade é “uma busca pelo sagrado” e religião “um sistema organizado de crenças, práticas, rituais e símbolos projetados para auxiliar a proximidade do indivíduo com o sagrado e ou transcendente e que pode, ou não, levar ao desenvolvimento de práticas religiosas ou formações de comunidades religiosas” trazendo também a ideia de que “para ser espiritual, necessariamente precisa haver uma correlação com o Sagrado”, que ela “não pode e não deve ser explicada” e então, poderia ser “uma dimensão mais elevada do potencial humano”. (*KENNETH PARGAMENT, 2009 apud CURCIO E ALMEIDA, 2019, p. 31*).

Nesse sentido é possível entender que a ideia de religiosidade quase sempre se firma no concreto, naquilo que já existe e é aceito como verdade pelos adeptos de determinada crença, sem muitos questionamentos.

Já a espiritualidade seria algo mais abstrato, eis que as nossas noções de Sagrado não são fáceis de se materializar, estariam basicamente nas forças da natureza, em alguns sons, como algo quase que inexplicável e que apenas se sente, mesmo sem se saber o significado.

2.5.3 Cosmvisão

O termo pode ser definido como o modo que se enxerga o mundo, sob qualquer aspecto, entretanto tal visão não é algo inato, ou seja, não nascemos com esse conhecimento pronto, essa visão do mundo vem impregnada das impressões que adquirimos através de nossas vivências sociais, culturais, educacionais etc.

Sobre as características das diversas cosmvisões, tem-se a tendência de normalizar e acreditar nas suposições mais básicas, que são de difícil identificação. Cada um tem sua própria visão, pessoal e única, porém muito influenciada pelos

aspectos culturais e de crença que passam por nós. (HATHAWAY; BOFF, 2012, p. 212).

Ademais, apesar da cosmologia poder ser ensinada de modo formal, ela é doutrinada de forma inconsciente, “ou seja, adotamos determinada cosmologia a partir de um processo que mais se parece a osmose do que à educação formal”. (HATHAWAY; BOFF, 2012, p. 212).

Às vezes é possível se autoquestionar sobre de onde teria surgido este ou aquele conhecimento ou pensamento? Teria surgido através das nossas crenças, dos nossos estudos ou da nossa fé? Outras vezes não sabemos onde ouvimos, de onde apreendemos uma determinada ideia, a qual já está impregnada em nós, porque advinda das nossas experiências de vida.

Assim, o que apreendemos durante essas vivências e convivências, certamente, será a expressão da nossa própria identidade.

Em nível de conceito, o termo é tratado de forma cediça, como uma visão de mundo, geralmente ligado à teologia.

Todavia, há outros entendimentos relevantes:

O termo ‘cosmovisão’ que em alemão é *Weltanschauung*, foi cunhado por Immanuel Kant (1724-1804) é palavra chave do idealismo alemão e do romantismo, sendo transmitido via Johann Gottlieb Fichte (1762-184) para *Friedrich Wilhelm Joseph Schelling* (1775-1854), *Friedrich Daniel Ernst Schleiermacher* (1768-1834), *Friedrich Schlegel* (1772-1829), *Georg Philipp Friedrich von Hardenberg*, conhecido com o pseudônimo de Novalis (1772-1801), *Georg Wilhelm Friedrich Hegel* (1770-1831) e *Johan Wolfgang von Goethe* (1749-1832). Como se vê, a filosofia dá suporte ao que será tratado na perspectiva da ‘cosmovisão’. (DOS SANTOS E FERREIRA, 2014, p. 199).

Em outra conceituação:

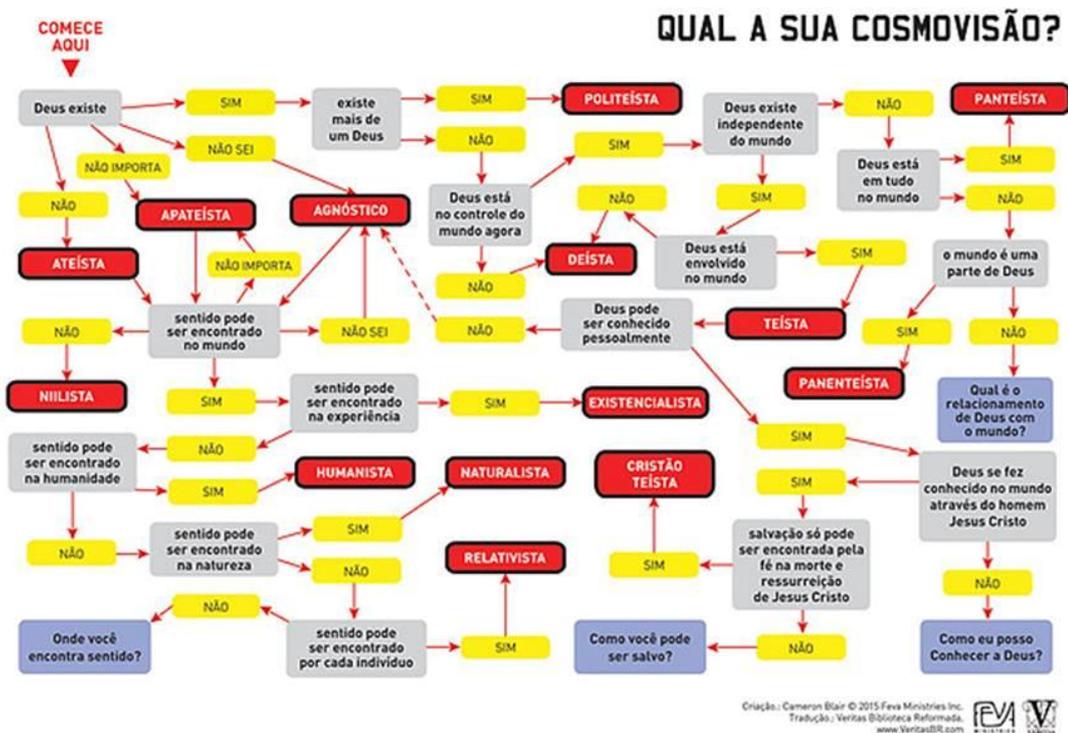
Cosmovisão é um compromisso, uma orientação fundamental do coração, algo que pode ser expressa em uma história ou em um conjunto de pressuposições (afirmações que podem ser verdadeiras, parcialmente verdadeiras ou totalmente falsas) que sustentamos (de modo consciente ou inconsciente, consistentemente ou não) sobre a estrutura básica da realidade, e que provê os fundamentos em que vivemos, nos movemos e temos nosso ser. (SIRE, 2012, p. 119).

Ainda, “Na base de todo o nosso pensamento – todas as nossas rumações sobre Deus, sobre nós mesmos e sobre o mundo à nossa volta – está uma cosmovisão.” (SIRE, 2012, p. 18).

Verifica-se que, embora o posicionamento acima possa parecer imparcial, sem tendências religiosas, na maioria dos casos, quando se toca no assunto, logo vêm à tona as diversas possibilidades ligadas à cosmovisão a partir da crença na Existência de Deus.

A propósito, veja-se a figura que segue, acerca das diversas possibilidades de cosmovisão:

FIGURA 1 – Organograma da Cosmovisão



Fonte: TUPORÉM. **Qual sua cosmovisão?** <https://tuporem.org.br/qual-a-sua-cosmovisao/> Acesso em 15 de abr. de 2021.

Na figura, observa-se o exemplo das várias possibilidades de cosmovisão possíveis, e a partir do questionamento religioso base sobre a existência de Deus, surgem variações como: Ateísta (não acredita), Apateísta (não é importante), Agnóstico (não sabe), Deísta (ele não controla o mundo), Niilista (não há sentido ser ele ser encontrado no mundo), Humanista (pode ser encontrado na humanidade), Naturalista (pode ser encontrado na natureza), Cristão Teísta (salvação só é encontrada pela fé na morte e ressurreição de Jesus Cristo), Existencialista (pode ser encontrado na experiência), Politeísta (existe mais de um Deus), Panteísta (está em

tudo no mundo), Relativista (pode ser encontrado por cada indivíduo) e Panenteísta (o mundo é uma parte dele).

Para este estudo, a presente análise se faz importante na medida em que, diante do pluralismo religioso resta evidente a existência de uma visão de mundo diferente para cada religião e para cada indivíduo.

Entretanto, podem ser encontrados outros tipos de cosmovisão devido às diversas culturas existentes e de como estas se relacionam com uma determinada religião, política, economia etc.

2.5.4 Neopentecostalismo e a exposição política e midiática

Diante do crescimento de igrejas evangélicas no Brasil, é importante compreender o atual contexto de tal fenômeno.

Segundo o IBGE, “em 30 anos, percentual de evangélicos passa de 6,6% para 22,2%”, bem como, considerando o Censo de 2000, em comparação com o de 2010 é possível retirar duas informações importantes para o desenvolvimento deste tópico da pesquisa, sendo a primeira:

[...] o crescimento da diversidade dos grupos religiosos no Brasil. A proporção de católicos seguiu a tendência de redução observada nas duas décadas anteriores, embora tenha permanecido majoritária. Em paralelo, consolidou-se o crescimento da população evangélica, que passou de 15,4% em 2000 para 22,2% em 2010. Dos que se declararam evangélicos, 60,0% eram de origem pentecostal, 18,5%, evangélicos de missão e 21,8 %, evangélicos não determinados.

E a segunda:

Os evangélicos foram o segmento religioso que mais cresceu no Brasil no período intercensitário. Em 2000, eles representavam 15,4% da população. Em 2010, chegaram a 22,2%, um aumento de cerca de 16 milhões de pessoas (de 26,2 milhões para 42,3 milhões). Em 1991, este percentual era de 9,0% e em 1980, 6,6%.

Deste modo vale o aprofundamento no estudo sobre os evangélicos pentecostais, ou seja, a vertente religiosa que mais cresceu nos últimos anos no Brasil, porque embora ainda não tenha sido realizado o Censo do IBGE, previsto para

2020 devido aos efeitos da Pandemia da SARS-CoV-2⁸, é possível identificar conforme as informações que seguem, quanto à permanência, incremento e importância do referido seguimento religioso e sua influência social, política, cultural, econômica etc.

Originalmente oriundos dos Estados Unidos, os chamados evangélicos pentecostais surgiram no início do século XX, trazendo consigo a ideia central de que “o pentecostalismo insere a experiência mística e emocionalmente carregada de sentidos religiosos novos que se articulam em torno do batismo pelo espírito santo entre os fundamentos teológicos protestantes”, pois que tal prática gerou movimentos conflituosos, com expulsões e perseguições, o que acabou por criar outras novas igrejas que se identificavam com os parâmetros pentecostais. (BRANDÃO; JORGE, 2019).

Contudo, em tais igrejas, ou seguiam os princípios das igrejas protestantes consolidadas e advindas da reforma ou uma pequena divisão com denominações diferentes, com mais independência hierárquica. (BRANDÃO; JORGE, 2019).

Aqui no Brasil, a história do pentecostalismo é dividida em três ondas, sendo a primeira o “pentecostalismo clássico” (1910 e 1950), que consistiu na vinda de três pregadores europeus para o Brasil (São Paulo e Belém do Pará), os quais estavam anteriormente radicados nos Estados Unidos. (BRANDÃO; JORGE, 2019).

A igreja Congregação Cristã no Brasil foi estabelecida em São Paulo no ano de 1910, quando recrutou imigrantes italianos e somente em 1940 se expandiu para os estados de São Paulo e Paraná. No Pará, foi criada a Assembleia de Deus em

⁸ Ao todo, sete coronavírus humanos (HCoV) já foram identificados: HCoV-229E, HCoV-OC43, HCoV-NL63, HCoV-HKU1, SARS-COV (que causa síndrome respiratória aguda grave), MERS-COV (que causa síndrome respiratória do Oriente Médio) e o, mais recente, novo coronavírus (que no início foi temporariamente nomeado 2019-nCoV e, em 11 de fevereiro de 2020, recebeu o nome de SARS-CoV-2). Esse novo coronavírus é responsável por causar a doença COVID-19. [...] Em 30 de janeiro de 2020, a OMS declarou que o surto do novo coronavírus constitui uma Emergência de Saúde Pública de Importância Internacional (ESPII) – o mais alto nível de alerta da Organização, conforme previsto no Regulamento Sanitário Internacional. Essa decisão buscou aprimorar a coordenação, a cooperação e a solidariedade global para interromper a propagação do vírus. Essa decisão aprimora a coordenação, a cooperação e a solidariedade global para interromper a propagação do vírus. [...] Em 11 de março de 2020, a COVID-19 foi caracterizada pela OMS como uma pandemia. O termo “pandemia” se refere à distribuição geográfica de uma doença e não à sua gravidade. A designação reconhece que, no momento, existem surtos de COVID-19 em vários países e regiões do mundo [...] A COVID-19 é uma doença infecciosa causada pelo novo coronavírus (SARS-CoV-2) e tem como principais sintomas febre, cansaço e tosse seca. Alguns pacientes podem apresentar dores, congestão nasal, dor de cabeça, conjuntivite, dor de garganta, diarreia, perda de paladar ou olfato, erupção cutânea na pele ou descoloração dos dedos das mãos ou dos pés. Esses sintomas geralmente são leves e começam gradualmente. Algumas pessoas são infectadas, mas apresentam apenas sintomas muito leves.

1911, que se movimentou inicialmente para a região Nordeste e depois para o Sul e Sudeste nos anos 1930. (CAMPOS, 2011 *apud* BRANDÃO; JORGE, 2019).

A segunda onda surgiu através de um “movimento nacional de avivamento do pentecostalismo” trazido por pregadores norte-americanos entre as décadas de 50 e 60.

Surgiram igrejas como: Igreja do Evangelho Quadrangular (São Paulo em 1951), O Brasil Para Cristo (São Paulo em 1962), a Casa da Bênção (Minas Gerais em 1964), dentre outras de menor tamanho e expressão. (MARIANO, 1999 *apud* BRANDÃO; JORGE, 2019).

O “avivamento” consistia em enfatizar algumas liturgias já existentes, consolidando-se através da “Cruzada Nacional de Evangelização”. (CAMPOS, 2011 *apud* BRANDÃO; JORGE, 2019).

No Brasil, os cultos eram realizados em outras igrejas ou em tendas de lona em terrenos abandonados:

Essas igrejas que se constituem a partir do movimento de avivamento do pentecostalismo clássico brasileiro mantêm os princípios pentecostais básicos, mas modificam completamente o cenário religioso. Primeiro, porque o recrutamento dos novos adeptos passa a ter como carro-chefe a noção de cura divina. Ou seja, há uma recorrente ênfase litúrgica nos rituais de cura, que passam a ocupar grande parte do tempo dos cultos e da pregação em geral. As orações especificamente voltadas para a cura do público presente ganham relevo na prática religiosa, bem como os testemunhos emocionados daqueles que teriam alcançado supostos milagres referentes à saúde e à condição física. (BRANDÃO; JORGE, 2019).

A primeira onda não aceitava piamente os desígnios da segunda onda, que conquistavam seus fiéis de modo mais enfático, indo na casa de cada um dos possíveis seguidores para conversar e tentar convencê-los sobre sua crença, além das cerimônias em espaços públicos e uso do rádio como “ferramenta de evangelização”. (BRANDÃO; JORGE, 2019).

A terceira onda, iniciada nos anos 1970, é composta pelas igrejas: Universal do Reino de Deus (Rio de Janeiro em 1977), Internacional da Graça de Deus (Rio de Janeiro em 1980), Comunidade Evangélica Sara Nossa Terra (Goiás em 1976) e Renascer em Cristo (São Paulo em 1986). (BRANDÃO; JORGE, 2019).

Porém cada uma dessas igrejas possui diversas dissidências que são criadas a todo momento, o que acaba por trazer um recrudescimento em suas diretrizes de origem, sem lhes retirar a essência.

As características das primeira e segunda ondas que foram mantidas e enfatizadas na terceira onda no Brasil, tais como: a presença de elementos litúrgicos e doutrinários, bem como da presença da cura divina; também o uso massivo do rádio e televisão para a conquista de novos adeptos; a presença dos fieis no campo da política partidária, baseados na concepção de que “os homens de Deus devem se acercar do poder para o bem da sociedade”; a manutenção da denominada “guerra espiritual contra o diabo” que poderiam estar materializadas nas demais Religiões, especialmente as de matriz africana. (BRANDÃO; JORGE, 2019).

A presença do aspecto egresso dos Estados Unidos (1940), conhecido como “teologia da prosperidade” ou “confissão positiva”, traz para a religião o sentido do progresso material que, de “forma geral, consiste na noção de que o cristão estaria destinado a ter prosperidade material e saúde pessoal em sua vida cotidiana”. Assim, nasce, com a terceira onda, a denominação “neopentecostal”. (MARIANO, 1999 *apud* BRANDÃO; JORGE, 2019).

Tanto o termo neopentecostal, quanto o neopentecostalismo já eram utilizados nos Estados Unidos:

Em outras palavras, a pressuposição é que as características já descritas acima - em conjunto com uma tendência à gestão econômica empresarial de parte das igrejas criadas no período - justificariam a utilização do prefixo “neo” para caracterizar a lógica pentecostal da terceira onda. Devemos, porém, lembrar que o termo neopentecostal não é uma categoria “êmica” ou nativa, ou seja, em geral não é utilizada pelos grupos e agregações religiosas. (MARIANO, 1999 *apud* BRANDÃO; JORGE, 2019).

O prefixo neo, conforme sua etimologia, advém do latim *néos* e indica algo que seja novo.

Conforme já mencionado, estes realizam prática massiva quanto ao evangelismo midiático, possuindo canais de televisão, rádios, jornais, editoras e literaturas a fim de divulgar sua prática, bem como suas atividades comerciais, como TV por assinatura e venda de produtos religiosos que colaboram na manutenção do seu movimento.

Quanto ao conteúdo divulgado, observam-se algumas características que devem ser mencionadas a fim de evidenciar o caráter do movimento neopentecostal.

As igrejas neopentecostais “surgem e crescem porque têm um discurso religioso acessível, associado às promessas atualizadas de amparo às demandas sociais que o governo não atende”. (BANDEIRA, 2017).

Acredita ainda que três principais igrejas e seus líderes disputam de forma não amistosa, a polarização no campo midiático no Brasil, sendo elas a Universal do Reino de Deus (Edir Macedo), a Mundial do Poder de Deus (Valdemiro Santiago) e a Internacional da Graça de Deus (R.R. Soares). (BANDEIRA, 2017).

O autor enfatiza ainda:

As igrejas neopentecostais usufruem das brechas da lei de liberdade religiosa que facilita este tipo de enriquecimento pessoal que muitos afirmam serem oriundos da exploração da fé. Esta prática permite fazer delas um empreendimento religioso particular. São igrejas de custo zero para os seus fundadores, custeadas pelos fiéis que pagam todas as despesas através de dízimos e ofertas. Consomem uma linha de produtos midiáticos com selo gospel, ofertados a eles, que vai desde livros, cds, dvds, assinaturas de canais de TV, até perfumes. Quando podem alugar ou mesmo até adquirir canais abertos de televisão, adaptam seus discursos ao campo midiático, atualizando-se sempre através das novas tecnologias e dispositivos ofertados pelo mercado. Exploram tudo o que surge como meio de comunicação para propagar suas mensagens. [...] Os neopentecostais invertem a oferta religiosa, não esperam passivamente o fiel procurá-los, mas partem em busca dele, através da sua difusão. (BANDEIRA, 2017).

Um outro fenômeno advindo dessa “pentecostalização” é a chamada “renovação”, que se deu através da emergência de novas igrejas protestantes de missão ou tradicionais e suas novas facetas doutrinárias e litúrgicas. Tais instituições derivaram, em especial, do rompimento entre as igrejas Presbiteriana e Batista, que adicionaram a palavra “renovada” em suas denominações iniciais, indicando tal ocorrência. (BRANDÃO; JORGE, 2019).

Fato que o Brasil enfrenta hoje, a incômoda situação de ter sua política e economia atreladas a seguimentos religiosos que possuem, à luz de suas ideias religiosas, uma visão liberal e conservadora acerca de vários assuntos, como o aborto, questões de gênero, educação e democracia o que acaba por macular o caráter constitucional de estado laico, interferindo na liberdade de escolhas das pessoas.

Acredita-se que esta tendência traz a necessidade urgente de um enfrentamento sobre o tema, especialmente no que concerne à busca de ações em prol da Cultura de Paz e da Educação para a Paz nas escolas brasileiras, eis que como trabalhado neste capítulo, já basta de guerras, discriminações e violência, resultantes da falta de entendimento e respeito acerca da liberdade religiosa de cada cidadão.

O estabelecimento do diálogo inter-religioso, com relação às nossas inúmeras culturas e crenças, é potencialmente o que temos de mais urgente para estes dias, a fim de que em breves tempos se possa ter uma sociedade mais saudável e amistosa.

3 ENSINO RELIGIOSO E ESPIRITUALIDADE NA FORMAÇÃO HUMANA

Antes de se abordar o contexto atual do Ensino Religioso no Brasil, torna-se interessante percorrer, ainda que de forma breve, a sua história.

Posteriormente, trataremos da sua relação com a espiritualidade e o que ambos podem influenciar na formação humana.

3.1 BREVE HISTÓRICO DO ENSINO RELIGIOSO NO BRASIL

Desde o início da história da nossa colonização, é possível reconhecer o caráter proselitista trazido pelos portugueses, representado pela religião católica, dominante no seu país de origem.

Já nas primeiras aulas dos anos iniciais do ensino fundamental sobre a história do Brasil, encontramos as notícias da realização da primeira missa, pelos jesuítas trazidos pelo governador geral Tomé de Souza que aqui chegaram de Portugal com a finalidade de catequizar a população brasileira, à época constituída principalmente de índios.

A emblemática cena, retratada pelo pintor catarinense Victor Meirelles, no século XIX (1860), nos faz imaginar sobre como teria sido esse evento que é tido como o primeiro ato oficial e possivelmente o marco inaugural do Ensino Religioso neste país.

Os jesuítas deram os primeiros passos para a educação religiosa no Brasil, tendo como finalidade imprimir à população indígena, “a concordância aos costumes e à cultura dos colonizadores portugueses”. (BORIN, 2018, p. 12).

A religião católica, tinha como princípio linear, priorizar a pessoa sobre a sociedade, o que significa que a qualidade moral dos indivíduos reverbera na moral da sociedade. (SEVERINO, 1986 *apud* BORIN, 2018, p. 12).

Assim, situações violentas como a escravidão e o abuso da força da mão de obra e trabalho eram aceitas de forma impassível pelo Cristianismo e Igreja.

As primeiras aulas de ensino formal e catecismo foram para os filhos homens dos índios e órfãos portugueses. Posteriormente, para os filhos homens dos donos de fazendas de gado, dos engenheiros de cana-de-açúcar, bem como dos escravos. (SCACHETI, 2013).

FIGURA 2- A primeira missa no Brasil, 1861



Fonte: MEIRELLES, Victor. **A Primeira Missa no Brasil, 1861**. Infoescola. Disponível em: <https://www.infoescola.com/historia/primeira-missa-no-brasil/> Acesso em 08 de mai. de 2021.

Interessante observar que:

Nas casas de bê-á-bá moravam os padres e meninos órfãos trazidos de Portugal. Esses pequenos estudantes ajudavam a despertar a atenção das crianças indígenas. As aulas eram bilíngues (em português e tupi, considerada a língua predominante no litoral, onde a ocupação brasileira começou) e o ensino dos dogmas católicos era seguido de perto pela desvalorização dos mitos indígenas. Segundo relato do padre José de Anchieta (1534-1597) a Inácio de Loyola (1491-1556), fundador da Companhia de Jesus, os índios entregavam seus filhos "de boa vontade" para serem ensinados e ao retornar para o convívio com seus pais, as crianças colaboravam para disseminar o ideário católico entre os adultos. (SCACHETTI, 2013).

Em nível de formação educacional, os ensinamentos proporcionados pelos jesuítas através da coroa portuguesa, pouco acrescentaram para o povo do Brasil Colônia. Os mesmos, foram expulsos em 1759. (BORIN, 2018, p. 14).

Já a Constituição de 1824 estabeleceu a Religião Católica como a oficial do Império. Uma nova fase se inicia a partir da Constituição da República dos Estados

Unidos do Brasil de 1891, a primeira da República, quando houve a separação do Estado/Religião, estabelecendo que “será leigo o ensino ministrado nos estabelecimentos públicos” e que todas as Religiões são livres em sua prática e culto. (BORIN, 2018, p. 19).

Em 1931, através de um decreto do presidente Getúlio Vargas, o Ensino Religioso é reintroduzido nas escolas públicas e tem caráter facultativo; de outro lado, é lançada a Coligação Nacional Pró-Estado Leigo para representar todas as Religiões. (BORIN, 2018, p. 19).

Com a Constituição Federal de 1934 mais uma mudança, retornando o Ensino Religioso facultativo, mas desta vez de acordo com a confissão religiosa” de cada aluno que deveria ser manifestada pelos pais ou responsáveis. (BORIN, 2018, p. 19).

A Constituição de 1946 e a primeira LDB em 1961, mantém, praticamente as mesmas orientações de ensino facultativo de acordo com a confissão religiosa de cada aluno a ser manifestada por seus responsáveis, tendo uma particularidade, qual seja, os professores de cada religião deveriam ser registrados perante a respectiva autoridade religiosa, e assim se resume a segunda etapa. (BORIN, 2018, p. 20).

As constituições federais de 1967 e 1969 mantêm as recomendações de Ensino Religioso facultativo, mas é importante frisar que estão caracterizadas pelo período da ditadura militar.

Em 1971, com a segunda LDB, para formar o caráter “alienador” dos alunos, são incluídas as matérias de Educação Moral e Cívica, Educação Física, Educação Artística e Programas de Saúde, mas o Ensino Religioso continua sendo de matrícula facultativa. (BORIN, 2018, p. 20).

Com a CF/1988, vieram as seguintes legislações que vigoram até hoje: o art. 210 em que, "O ensino religioso, de matrícula facultativa, constituirá disciplina dos horários normais das escolas públicas de ensino fundamental"; o art. 5º no qual, "é inviolável a liberdade de consciência e de crença, sendo assegurado o livre exercício dos cultos religiosos e garantida, na forma da lei, a proteção aos locais de culto e a suas liturgias"; e o art. 19 em que:

É vedado à União, aos Estados, ao Distrito Federal e aos Municípios: I - estabelecer cultos religiosos ou igrejas, subvencioná-los, embaraçar-lhes o funcionamento ou manter com eles ou seus representantes relações de dependência ou aliança, ressalvada, na forma da lei, a colaboração de interesse público; II - recusar fé aos documentos públicos; III - criar distinções entre brasileiros ou preferências entre si.

Em 1996 a LDB, inicialmente preconizava um Ensino Religioso de matrícula facultativa, de acordo com as preferências de cada aluno ou responsável, confessional (“ministrada por professores ou orientadores religiosos preparados e credenciados pelas respectivas igrejas ou entidades religiosas”) ou interconfessional (“resultante do acordo entre as diversas entidades religiosas, que se responsabilizarão pela elaboração do respectivo programa”).

Contudo, em 1997, de acordo com a atual redação:

Art. 33 O ensino religioso, de matrícula facultativa, é parte integrante da formação básica do cidadão e constitui disciplina dos horários normais das escolas públicas de ensino fundamental, assegurado o respeito à diversidade cultural religiosa do Brasil, vedadas quaisquer formas de proselitismo. § 1º Os sistemas de ensino regulamentarão os procedimentos para a definição dos conteúdos do ensino religioso e estabelecerão as normas para a habilitação e admissão dos professores. § 2º Os sistemas de ensino ouvirão entidade civil, constituída pelas diferentes denominações religiosas, para a definição dos conteúdos do ensino religioso.

Em 2009 foi aprovado o Decreto nº 7.107 e promulgado em 2010: “o Acordo entre o Governo da República Federativa do Brasil e a Santa-Sé, relativo ao Estatuto Jurídico da Igreja Católica no Brasil, firmado na Cidade do Vaticano, em 13 de novembro de 2008”, sendo um acordo entre o Governo Federal e a Santa-Sé, chamado também de “Estatuto Jurídico da Igreja Católica no Brasil”, firmado no Vaticano, no dia 13 de novembro de 2008.

Oportuno apresentar o que o acordo estabelece em seu art. 11:

A República Federativa do Brasil, em observância ao direito de liberdade religiosa, da diversidade cultural e da pluralidade confessional do País, respeita a importância do ensino religioso em vista da formação integral da pessoa.

§1º. O ensino religioso, católico e de outras confissões religiosas, de matrícula facultativa, constitui disciplina dos horários normais das escolas públicas de ensino fundamental, assegurado o respeito à diversidade cultural religiosa do Brasil, em conformidade com a Constituição e as outras leis vigentes, sem qualquer forma de discriminação.

Entende-se que o preceito legal se torna discordante do que foi estabelecido nos outros dispositivos citados, eis que apresenta o posicionamento de uma só religião (católica), confrontando o que já estava posto, de forma bem menos tendenciosa.

Conforme se verá a seguir, tais objetivos contribuem para a verificação do atual caráter do Ensino Religioso no Brasil, o que trará melhor entendimento sobre o tema.

3.2 O CARÁTER ATUAL DO ENSINO RELIGIOSO NA EDUCAÇÃO BRASILEIRA

Ao iniciar este tópico, acreditamos ser apropriado fazermos algumas considerações acerca de alguns conceitos e terminologias atinentes ao Ensino Religioso.

Inicialmente cabe a diferenciação entre as expressões, Ensino Religioso e Ensino da Religião, as quais comumente são empregadas em sentido equivocado.

Portanto, Ensino Religioso é a disciplina prevista na legislação educacional, em especial a BNCC, que visa passar o conhecimento acerca das Religiões existentes no mundo e no Brasil, ou seja, suas histórias, características e atualidades.

O Ensino da Religião é o ensino de uma só religião e seus dogmas, o que não é permitido em um Estado Laico e com a diversidade religiosa como é a do Brasil.

Também é importante compreender os vocábulos Ensino Confessional, Ensino Interconfessional e Ensino Religioso Fenomenológico, sendo o primeiro aquele que ensina uma determinada religião, como o que foi trazido pelos Jesuítas aos índios no início da colonização.

Ensino Interconfessional é o que possui caráter antropológico e por isso, serve para todas as Religiões, porém com alguns limites:

[...] o primeiro é enxergar a religiosidade sob a ótica cristã. Há um enquadramento desse fenômeno, correndo o risco de compreender o particular como algo universal. O segundo limite está em saber o que o discente necessita, por sua própria constituição antropológica, esquecendo-se que existem posições ateístas e agnósticas. (LEÃO; PERES, 2014, p. 105).

O Ensino Religioso do Modelo Fenomenológico compreende o ensino direcionado à religiosidade, ao transcendente, não se preocupando com a formação doutrinária de acordo com o interesse das igrejas, assim, a disciplina é ministrada por um professor e não um missionário e de responsabilidade do “Estado não comunidade científica e das igrejas”. (LEÃO; PERES, 2014, p.106).

Como se pode constatar, de acordo com a legislação mencionada no tópico 3.1, o Ensino Religioso deve estar associado a todas as áreas do conhecimento, tendo-lhe um caráter multidisciplinar, o que possibilita ampliar o conhecimento.

Polêmicas à parte, a matéria de Ensino Religioso tem sido utilizada por muitos educadores para outros fins que não somente levar o conhecimento sobre esta ou aquela religião.

É possível, nos moldes do que preconiza a LDB, levar para o ambiente escolar, aspectos da espiritualidade, do transcendente, dos valores que estabelecem laços seguros de amizade, bem-estar e autoconhecimento.

Sobre esse tema:

As categorias centrais do discurso religioso promovido pela disciplina de Ensino Religioso decorrem de uma compreensão sobre a natureza humana. Os paradigmas apresentados pela razão moderna não ofereceram à educação um chão seguro, então, pode ser que o Ensino Religioso, possa se constituir como esse aporte em suas multiplicidades de visões. Sendo um dos eixos da educação, não podemos desprezar os potenciais do Ensino Religioso, o qual pode renovar o sentido da educação. O elemento religioso não tem pretensões “messiânicas” ou de “salvação” das práticas pedagógicas, mas de superar, se possível, algumas “patologias” que estão alicerçadas na educação brasileira. (BORIN, 2018, p. 26)

Surgem assim novos desafios, perspectivas e contribuições quanto ao Ensino Religioso, podendo então, acrescentar-se o ingrediente da Cultura de Paz.

Antes mesmo da inserção da promoção da Cultura de Paz nas escolas, autores já dividiam sua inquietação sobre a questão: “como o Ensino Religioso pode contribuir para a promoção da paz, ante os desafios do ato de educar na contemporaneidade?” (LEÃO; PERES, 2014, p.102).

Tal inquietação também é foco dessa pesquisa (item 2.5) e parece que a inserção da Cultura de Paz na LDB, pode colaborar na busca desta resposta.

Porém antes, é importante mencionar as normativas que a BNCC estabelece para o Ensino Religioso na legislação brasileira.

3.2.1 O Ensino Religioso na BNCC

A BNCC, segundo consta da Introdução do documento, possui caráter normativo, ou seja, que institui um conjunto de “aprendizagens essenciais” para que, ao longo do desenvolvimento educacional, o aluno aprenda conforme preceitua a LDB, orientados ainda pelos “princípios éticos, políticos e estéticos que visam à

formação humana integral e à construção de uma sociedade justa, democrática e inclusiva, como fundamentado nas Diretrizes Curriculares Nacionais da Educação Básica (DCN)”.

É considerado um instrumento fundamental, a fim de compilar as políticas educacionais em nível federal, estadual e municipal, e assim propiciar acesso e permanência do aluno na Escola, como uma base comum de aprendizagem aos estudantes. (BNCC, 1. Introdução).

Assegura aos estudantes, dez competências⁹ a serem desenvolvidas, que se inter-relacionam e se desdobram em relação à didática tanto na Educação Infantil, quanto no Ensino Fundamental e Ensino Médio, com a finalidade de consubstanciar em nível pedagógico, os seus direitos de aprendizagem e desenvolvimento em âmbito social, alinhadas à Agenda 2030 da ONU.

Ainda aponta os marcos legais que embasam o documento, como a própria CF/1988 que reconhece o direito à educação como fundamental, a LDB de 1996, o Conselho Nacional de Educação – CNE entre 1990 e 2000 e em 2010 com novas

⁹ 1. Valorizar e utilizar os conhecimentos historicamente construídos sobre o mundo físico, social, cultural e digital para entender e explicar a realidade, continuar aprendendo e colaborar para a construção de uma sociedade justa, democrática e inclusiva; 2. Exercitar a curiosidade intelectual e recorrer à abordagem própria das ciências, incluindo a investigação, a reflexão, a análise crítica, a imaginação e a criatividade, para investigar causas, elaborar e testar hipóteses, formular e resolver problemas e criar soluções (inclusive tecnológicas) com base nos conhecimentos das diferentes áreas; 3. Valorizar e fruir as diversas manifestações artísticas e culturais, das locais às mundiais, e também participar de práticas diversificadas da produção artístico-cultural; 4. Utilizar diferentes linguagens – verbal (oral ou visual-motora, como Libras, e escrita), corporal, visual, sonora e digital –, bem como conhecimentos das linguagens artística, matemática e científica, para se expressar e partilhar informações, experiências, ideias e sentimentos em diferentes contextos e produzir sentidos que levem ao entendimento mútuo; 5. Compreender, utilizar e criar tecnologias digitais de informação e comunicação de forma crítica, significativa, reflexiva e ética nas diversas práticas sociais (incluindo as escolares) para se comunicar, acessar e disseminar informações, produzir conhecimentos, resolver problemas e exercer protagonismo e autoria na vida pessoal e coletiva 6. Valorizar a diversidade de saberes e vivências culturais e apropriar-se de conhecimentos e experiências que lhe possibilitem entender as relações próprias do mundo do trabalho e fazer escolhas alinhadas ao exercício da cidadania e ao seu projeto de vida, com liberdade, autonomia, consciência crítica e responsabilidade; 7. Argumentar com base em fatos, dados e informações confiáveis, para formular, negociar e defender ideias, pontos de vista e decisões comuns que respeitem e promovam os direitos humanos, a consciência socioambiental e o consumo responsável em âmbito local, regional e global, com posicionamento ético em relação ao cuidado de si mesmo, dos outros e do planeta; 8. Conhecer-se, apreciar-se e cuidar de sua saúde física e emocional, compreendendo-se na diversidade humana e reconhecendo suas emoções e as dos outros, com autocrítica e capacidade para lidar com elas; 9. Exercitar a empatia, o diálogo, a resolução de conflitos e a cooperação, fazendo-se respeitar e promovendo o respeito ao outro e aos direitos humanos, com acolhimento e valorização da diversidade de indivíduos e de grupos sociais, seus saberes, identidades, culturas e potencialidades, sem preconceitos de qualquer natureza; 10. Agir pessoal e coletivamente com autonomia, responsabilidade, flexibilidade, resiliência e determinação, tomando decisões com base em princípios éticos, democráticos, inclusivos, sustentáveis e solidários. (BNCC, 1. Introdução)

ampliações como a “inclusão” por exemplo. Em 2014 foi promulgado o PNE e em 2017 a LDB foi alterada para inovar com nomenclaturas como “direitos e objetivos de aprendizagem” e “competência e habilidades”.

Os Fundamentos Pedagógicos da BNCC, dizem respeito ao “foco no desenvolvimento de competências” e o “compromisso com a educação integral”.

Outro importante fato, além da própria BNCC, é o “Pacto Interfederativo”, sobretudo em favor da “igualdade educacional sobre quais singularidades devem ser consideradas e atendidas”, e da “equidade”, que pressupõe reconhecer que as necessidades dos estudantes são diferentes”.

Assim, a BNCC e seus currículos, comungam com os princípios e valores orientadores da LDB e DNC e “reconhecem que a educação tem um compromisso com a formação e o desenvolvimento humano global, em suas dimensões intelectual, física, afetiva, social, ética, moral e simbólica”.

Tais Currículos deverão se embasar em um conjunto de decisões que adequarão “as proposições da BNCC à realidade local”, serão “consideradas na organização de currículos e propostas adequados à diferentes modalidades de ensino, que variam desde a educação especial de jovens e adultos, do campo, escolar Indígena, escolar Quilombola até a educação à distância, sendo elas:

[...] contextualizar os conteúdos dos componentes curriculares, identificando estratégias para apresentá-los, representá-los, exemplificá-los, conectá-los e torná-los significativos, com base na realidade do lugar e do tempo nos quais as aprendizagens estão situadas; - decidir sobre formas de organização interdisciplinar dos componentes curriculares e fortalecer a competência pedagógica das equipes escolares para adotar estratégias mais dinâmicas, interativas e colaborativas em relação à gestão do ensino e da aprendizagem; - selecionar e aplicar metodologias e estratégias didático-pedagógicas diversificadas, recorrendo a ritmos diferenciados e a conteúdos complementares, se necessário, para trabalhar com as necessidades de diferentes grupos de alunos, suas famílias e cultura de origem, suas comunidades, seus grupos de socialização etc.; - conceber e por em prática situações e procedimentos para motivar e engajar os alunos nas aprendizagens; - construir e aplicar procedimentos de avaliação formativa de processo ou de resultado que levem em conta os contextos e as condições de aprendizagem, tomando tais registros como referência para melhorar o desempenho da escola, dos professores e dos alunos; - selecionar, produzir, aplicar e avaliar recursos didáticos e tecnológicos para apoiar o processo de ensinar e aprender; - criar e disponibilizar materiais de orientação para os professores, bem como manter processos permanentes de formação docente que possibilitem contínuo aperfeiçoamento dos processos de ensino e aprendizagem; - manter processos contínuos de aprendizagem sobre gestão pedagógica e curricular para os demais educadores, no âmbito das escolas e sistemas de ensino.

Além disso, “incorporar aos currículos e às propostas pedagógicas, a abordagem de temas contemporâneos que afetam a vida humana em escala local, regional e global, preferencialmente de forma transversal e integradora”.

A BNCC é estruturada de modo a “explicitar as competências que os alunos devem desenvolver ao longo de toda a Educação Básica e em cada etapa da escolaridade, como expressão dos direitos de aprendizagem e desenvolvimento de todos os estudantes”. Estas etapas são a Educação Infantil, Ensino Fundamental e Ensino Médio. (BNCC - item 2.).

A etapa da Educação Infantil representa “o início do fundamento do processo educacional”, quando se vincula o educar e cuidar, tornando-os indissociáveis.

Nesta etapa não há o conhecimento do Ensino Religioso de forma específica pois, “as aprendizagens e o desenvolvimento das crianças têm como eixos estruturantes as interações e a brincadeira, assegurando-lhes os direitos de conviver, brincar, participar, explorar, expressar-se e conhecer-se”.

O Ensino Fundamental, com nove anos de duração, acolhe os estudantes entre 6 e 14 anos e é dividido em duas fases: “Anos Iniciais” que “ao valorizar as situações lúdicas de aprendizagem, aponta para a necessária articulação com as experiências vivenciadas na Educação Infantil” e “Anos Finais”, quando “os estudantes se deparam com desafios de maior complexidade, sobretudo devido à necessidade de se apropriarem das diferentes lógicas de organização dos conhecimentos relacionados às áreas”. (BNCC – item 4.).

Desse modo o item 4. “A Etapa do Ensino Fundamental”, abarca em seu contexto as seguintes áreas do conhecimento: “4.1 Linguagens” com “4.1.1 Língua Portuguesa” (nas duas fases), “4.1.2 Arte” (nas duas fases), “4.1.3 Educação Física” (nas duas fases), “4.1.4 Língua Inglesa” (somente nos “Anos Finais”); “4.2 Matemática”; “4.2.1 Matemática” (nas duas fases); “4.3 Ciências da Natureza”, “4.3.1 Ciências” (nas duas fases); “4.4 Ciência Humanas”, “4.4.1 Geografia” (nas duas fases)”, “4.4.2 História” (nas duas fases); “4.5 Ensino Religioso”, “4.5.1 Ensino Religioso” (nas duas fases).

Por fim, a última etapa da Educação Básica, o Ensino Médio é direito de todo cidadão:

Todavia, a realidade educacional do País tem mostrado que essa etapa representa um gargalo na garantia do direito à educação. Para além da necessidade de universalizar o atendimento, tem-se mostrado crucial garantir

a permanência e as aprendizagens dos estudantes, respondendo às suas demandas e aspirações presentes e futuras. (BNCC - item 5.)

Importante frisar que o Ensino Religioso, na condição de matéria, integra apenas o Ensino Fundamental, não fazendo parte do Ensino Médio. De acordo com as competências gerais, através de seus marcos normativos, a BNCC traça objetivos específicos para o Ensino Religioso no item 4.5 Área de Ensino Religioso:

a. Proporcionar a aprendizagem dos conhecimentos religiosos, culturais e estéticos, a partir das manifestações religiosas percebidas na realidade dos educandos; b. Propiciar conhecimentos sobre o direito à liberdade de consciência e de crença, no constante propósito de promoção dos direitos humanos; c. Desenvolver competências e habilidades que contribuam para o diálogo entre perspectivas religiosas e seculares de vida, exercitando o respeito à liberdade de concepções e o pluralismo de ideias, de acordo com a Constituição Federal; d. Contribuir para que os educandos construam seus sentidos pessoais de vida a partir de valores, princípios éticos e da cidadania.

Tais especificidades se fazem importantes na medida em que o Ensino Religioso deve servir de meio para construção de uma sociedade mais justa e solidária, sobretudo a fim de se tornar um campo propício para se buscar uma Cultura de Paz através da Educação para a Paz.

3.3 ENSINO RELIGIOSO E ESPIRITUALIDADE

O Ensino Religioso, como disposto na legislação educacional brasileira, ou seja, sem impor o ensino de uma religião específica, pelo menos em tese, propicia uma associação à espiritualidade.

Mas o que vem a ser espiritualidade? Qual o seu papel na formação humana? Tal palavra é parte do termo “espírito” e que, para compreender o sentido desta é preciso compreender o ser humano de forma mais aprofundada, partindo-se do pressuposto de este ser formado de “corpo e alma” ou de “matéria e espírito”. (HATHAWAY; BOFF, 2012, p. 423).

Tal pensamento leva à percepção de que o ser humano, em nível espiritual, precisa ser encarado de modo integral, ou seja, sob o duplo aspecto mencionado no parágrafo anterior de forma “holística e integrada”. Entretanto, há fragmentação quanto a este entendimento, uma vez que as ciências naturais se baseiam no corpo e na matéria, enquanto as ciências humanas se focam em espírito e alma. (HATHAWAY; BOFF, 2012, p. 423).

Desse modo, o significado de espiritualidade, sobretudo no aspecto humanístico, deve integrar o ser humano ao “Eu mais profundo” ou “Deus”, através da meditação e interiorização, sendo que “muitas vezes, essas formas de disciplina podem implicar o distanciamento do material ou da dimensão corporal”. (HATHAWAY; BOFF, 2012, p. 423).

Ademais, “o exercício da espiritualidade pode ser edificado a partir de uma educação fundamentada pelo diálogo amoroso, que leva em conta o ser em sua totalidade”. (SAMPAIO; MATOS, 2010, p.58).

Assim sendo, a união da dimensão espiritual com o ambiente escolar parece ser plenamente possível se forem utilizadas de forma pedagógica e concomitante com características inerentes ao ser humano, tanto de origem intelectual, quanto as derivadas das emoções.

4 FORMAÇÃO HUMANA /ENSINO RELIGIOSO NO ENSINO FUNDAMENTAL DO MUNICÍPIO DE PONTA GROSSA-PR – PESQUISA DE CAMPO

A partir de 2019 iniciaram-se as tratativas do Grupo de Formação Humana/Ensino Religioso, através da SME da Prefeitura Municipal de Ponta Grossa-PR, a fim de entender quais os propósitos e os conteúdos que seriam abarcados nas aulas da matéria com o mesmo nome.

Nessa oportunidade, surgiu o convite para participação como ouvinte das referidas reuniões, em nome do Grupo de Pesquisa Cultura de Paz, Direitos Humanos e Sustentabilidade – CNPq¹⁰, vinculado ao Núcleo de Educação para Paz – NEP/UEPG¹¹, o qual foi aceito.

Daí por diante, foram realizadas diversas reuniões com a participação de coordenadores do grupo e professoras da SME.

E assim, iniciou-se a criação de um documento educacional de acordo com a BNCC, chamado de Referenciais Curriculares para os Anos Iniciais do Ensino Fundamental que propõe o reconhecimento de “um novo paradigma” a fim de sustentar “a elaboração das propostas pedagógicas das instituições escolares do município de Ponta Grossa”.

Tais “propostas pedagógicas” dizem respeito às diversas áreas do conhecimento do Ensino Fundamental e, dentre outras, contempla a disciplina “Formação Humana/Ensino Religioso”. O documento foi concluído em meados de 2020 e já é aplicado no município de Ponta Grossa-PR.

¹⁰ Grupo com perspectiva inter/transdisciplinar que repercute estudos das questões epistemológicas, teóricas e integradoras sobre a ciência no século XXI. Apoia-se em elementos da teoria da complexidade, relacionando com diferentes áreas do conhecimento, repensando a própria importância da produção de conhecimento na atualidade. Particularmente, discute a ciência com a perspectiva da Cultura de Paz, especialmente a partir de documentos de organismos internacionais como ONU, UNESCO entre outros, buscando convergências entre a produção de conhecimento no século XXI e as necessidades da humanidade e do planeta em relação às sociedades sustentáveis (tecnologia, direitos, relações). Neste sentido, abre-se a importância da discussão da Agenda 2030 da ONU, que trata dos objetivos do desenvolvimento sustentável, evidenciando os Direitos Humanos como a chave na perspectiva da Sociologia do Desenvolvimento e na relação entre as Ciências Humanas e Sociais. <http://dgp.cnpq.br/dgp/espelhogrupo/0694520967959188> acessado em 01.10.2021

¹¹ Projeto de Extensão Universitária composto por profissionais das áreas de Ciências Humanas, Ciências Sociais e Ciências da Saúde além de acadêmicos de cursos de graduação que, nas suas práticas profissionais e sociais, desenvolvem propostas pedagógicas relacionadas à Cultura de Paz, Educação em Direitos Humanos e Educação para a Paz. <https://www2.uepg.br/nep/quem-somos/> acessado em 01.10.2021

Esta disciplina tem a finalidade de superar preconceitos, ao primar pela compreensão da diversidade cultural e religiosa existente no Brasil e ao procurar desvincular o ambiente escolar de qualquer imposição acerca de Religiões dominantes e de intuito catequético. (Referências Curriculares, 2020, item 4.8).

Desse modo, a SME elaborou uma diretriz para que as crianças do Ensino Fundamental até o 5º ano pudessem receber o conhecimento acerca de como os diversos grupos religiosos se relacionam com o Sagrado, a qual passaremos a analisar no item seguinte.

4.1 BREVE ANÁLISE DOS REFERENCIAIS CURRICULARES PARA OS ANOS INICIAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL DE PONTA GROSSA - PR

As propostas pedagógicas contidas nos Referenciais Curriculares para os Anos Iniciais do Ensino Fundamental de Ponta Grossa-PR (Referenciais Curriculares), dizem respeito às diversas áreas do conhecimento do Ensino Fundamental, e assim como recomenda a BNCC, contempla dentre outras¹² a disciplina Formação Humana/Ensino Religioso (item 4.8), com a finalidade de superar preconceitos ao primar pela compreensão da diversidade cultural e religiosa existente no Brasil, bem como ao procurar desvincular o ambiente escolar de qualquer imposição de proselitismo sobre Religiões dominantes e de intuito catequético.

Importante frisar que as ações propostas na referida diretriz endossam uma perspectiva metodológica baseada no diálogo diante das experiências de cada aluno, já ao professor caberá a mediação entre os saberes prévios dos alunos e o conteúdo temático programado para a aula sobre o Sagrado e seu caráter social e cultural, o que deverá se dar de forma crítica, clara e objetiva. (Referenciais Curriculares, p. 501).

O documento procura abarcar as principais noções sobre a Cultura de Paz e dos valores humanos, justificando seu pensamento a partir da convicção de que as Religiões estão baseadas em valores do “bem”, como bondade, harmonia, amor, respeito, que possam promover boa convivência em comunidade. (Referenciais Curriculares, p. 501).

Daí, a possibilidade de os valores serem utilizados em todas as Religiões, respeitando suas características próprias.

¹² 4. Organização curricular: Áreas de conhecimento do Ensino Fundamental; 4.1 Língua Portuguesa; 4.2 Arte; 4.3 Educação Física; 4.4 Matemática; 4.5 Ciências da Natureza; 4.6 Ciência Humanas: História; 4.7 Ciência Humanas: Geografia; 4.8 Formação Humana/Ensino Religioso.

Pressupondo-se que a paz é o objetivo central de várias Religiões, atribui-se que a prática dos valores humanos junto às relações com o Sagrado em suas diversas tradições religiosas, possam ser consideradas bases às noções de paz:

Portanto, no contexto deste documento assumimos alguns aspectos básicos referentes aos termos Cultura de Paz e Valores Humanos que contribuam para relacionar os aspectos das diversas tradições religiosas numa perspectiva de complementaridade, respeitando as diferenças e potencializando seus elementos positivos, voltados ao bem e à paz. Assim, a cultura de paz servirá como pano de fundo e busca constante e, os valores humanos como elemento pedagógico para que as diferenças se transformem em caminho conjunto e positivo em função da vida, das convivências e da formação humana dos nossos estudantes. (Referenciais Curriculares, p.501).

Conforme consta desses referenciais pedagógicos, a área da Formação Humana/Ensino Religioso, relaciona a Cultura de Paz ao diálogo inter-religioso, com a intenção de enfatizar seus pontos de encontro, quais sejam, os valores humanos firmados nas relações humanas.

Deste modo, a Rede Municipal de Educação de Ponta Grossa adota a Cultura de Paz, conforme inserida na LDB em 2018 fazendo ligação com o contido na BNCC acerca do Ensino Religioso.

A Organização da Matriz Curricular do Ensino Religioso/Formação Humana foi baseada na BNCC, tendo como “eixo estruturante a Formação Humana para o respeito a diversidade cultural e religiosa” e mais três unidades temáticas, sendo elas:

- Identidades e Alteridades: “Identidades”, sobre a essência dos sujeitos, valorização de particularidades e “Alteridades”, sobre o respeito às diferenças que caracterizam cada representação, saber, crença, convicção e valor de forma distinta, de acordo com diferentes grupos sociais;
- Culturas, tradições e manifestações religiosas: com foco nas Religiões dos alunos bem como suas “culturas, tradições e manifestações religiosas” dos mesmos grupos;
- Crença religiosa e filosofia: buscará a compreensão de algumas questões existenciais com relação às crenças, ao sentido da vida, os valores para convivência diante da diversidade de comportamento, crença e costumes. (Referenciais Curriculares, p. 502).

Contudo, pondera-se pela falta da expressão Educação para a Paz no documento, pois, embora prestigiada tacitamente em seus princípios e diretrizes, não é citado em nenhum momento no documento.

Vejam-se a seguir, as grades curriculares anuais do 2º e 4º da matéria:

FIGURA 3: Grade Curricular 2º ano - anual

Ensino Religioso/Formação Humana

2º ANO – Anual

UNIDADE TEMÁTICA	OBJETOS DE CONHECIMENTO (O quê?)	HABILIDADES (Para quê?)	PROCEDIMENTOS DIDÁTICOS (Como?)
IDENTIDADES E ALTERIDADES	O eu, a família e o ambiente de convivência; Memórias e símbolos; Símbolos religiosos Os diferentes ambientes de convivência; Fraternidade e a valorização da vida; Valores: amizade, respeito, amor, cooperação, igualdade.	Identificar valores necessários de convivência harmoniosa; Reconhecer a diversidade religiosa presente a partir do entendimento das diferenças;	Pesquisar fotos e imagens de família – confeccionar cartaz e linha do tempo; Observar cenas de famílias em pinturas e obras de arte, pontuando as diferenças ao longo do tempo; Pesquisar dados de origem dos alunos e fazer tabelas, gráficos, desenhos utilizando estes dados (data de nascimento, idade, número de pessoas da família, configuração familiar, etc.); Organizar regras da sala e discutir sobre as regras utilizadas em diferentes espaços de convivência: família (em casa), igreja, trânsito, etc.;
CULTURAS, TRADIÇÕES E MANIFESTAÇÕES RELIGIOSAS	Cultura dos povos: africanos, indígenas, campo, cidade; Os povos e o sagrado: origem da vida; Lendas e mitos da tradição popular. Alimentos sagrados.	Contribuir para a minimização de toda e qualquer ação de desrespeito, intolerância e preconceito nos diferentes espaços.	Conhecer, através de diversas fontes de pesquisa, a cultura dos povos africanos, indígenas, do campo e da cidade; Procurar em revistas e confeccionar cartazes, tabelas, murais representando a cultura dos diferentes povos; Organizar lista de atitudes que favoreçam a convivência pacífica entre pessoas de diferentes culturas e tradições religiosas; Desenhar lugares e símbolos sagrados que costuma frequentar; Trabalhar sobre a origem da vida, sob a perspectiva de diferentes religiões; Promover dinâmicas de identificação e reconhecimento dos diferentes costumes religiosos; Levar a compreensão de que o mito é um dos elementos estruturantes das tradições religiosas.

Fonte: MUNICÍPIO DE PONTA GROSSA. **Referências Curriculares para os anos iniciais do ensino fundamental.** Secretaria Municipal de Educação. Ponta Grossa - PR, 1ª edição, 2020. 552 p.; 21x30 cm. ISBN: 978-65-00-06267-0 Registrado em: 06/07/2020 Disponível em: <https://sme.pontagrossa.pr.gov.br/wp-content/uploads/2020/07/Referenciais-curriculares-para-os-anos-iniciais-do-Ensino-Fundamental-1.pdf> Acesso em: 10 mai. 2021.

FIGURA 4: Grade Curricular 4º ano - anual

Ensino Religioso/Formação Humana

4º ANO – Anual

UNIDADE TEMÁTICA	OBJETOS DE CONHECIMENTO (O quê?)	HABILIDADES (Para quê?)	PROCEDIMENTOS DIDÁTICOS (Como?)
CULTURAS, TRADIÇÕES E MANIFESTAÇÕES RELIGIOSAS	Processos de miscigenação cultural; Os povos e o sagrado: cristianismo, judaísmo, hinduísmo, budismo – celebrações; Expressões do sagrado na humanidade (locais sagrados); Pluralidade cultural: etnia, crenças e costumes; Fé: a construção de um mundo melhor pela fé e pelas obras (ações); Ritos religiosos; Representações religiosas na arte.	Valorizar o diálogo, como a forma de resolver conflitos de maneira eficaz e principalmente, inteligente; Identificar os símbolos mais importantes de cada tradição religiosa estabelecendo a relação de seus significados;	Pesquisar sobre os ritos e suas funções representativas no cotidiano pessoal, familiar, escolar e comunitário; Estudar sobre as diferentes formas de expressão da espiritualidade (orações, cultos, gestos, cantos, dança, meditação) nas diferentes tradições religiosas; Estudar, compreender e caracterizar os ritos de iniciação (nascimento, casamento) e passagem (morte), em diversos grupos religiosos; Identificar e listar as diversas formas de expressão da espiritualidade (orações, cultos, gestos, cantos, dança, meditação, etc.) nas diferentes tradições religiosas; Compor imagens a partir de obras de arte que retratem tradições religiosas;
CRENÇAS RELIGIOSAS E FILOSOFIAS DE VIDA	Ideia (s) de divindade (s); Respeito às diferenças; Valores: amizade, respeito, amor, compaixão, perdão, sabedoria, humildade, solidariedade, tolerância, honestidade; Influência das mídias: consumo consciente, capacidade de escolha do ser humano, veracidade dos fatos, responsabilidade.	Perceber que diante das inúmeras possibilidades da vida, é preciso não só saber decidir, mas também responder pelas próprias decisões.	Propor atividades de identificação de representações religiosas em diferentes expressões artísticas, como pinturas, arquitetura, escultura, símbolos e imagens, reconhecendo-as como parte da identidade de diferentes culturas e tradições religiosas; Organizar exposições de artefatos religiosos; Propor estudo sobre nomes, significados e representações de divindades nos contextos familiares e comunitários; Assistir vídeos e documentários sobre diferentes religiões; Conhecer, por meio de textos informativos e vídeos, os principais ritos de cada religião; Discutir sobre a importância dos valores (amizade, amor, compaixão, etc.) para as relações humanas; Refletir sobre a influência das mídias na formação da consciência humana, através de discussões e análise de filmes e propagandas.

Fonte: MUNICÍPIO DE PONTA GROSSA. **Referências Curriculares para os anos iniciais do ensino fundamental.** Secretaria Municipal de Educação. Ponta Grossa - PR, 1ª edição, 2020. 552 p.; 21x30 cm. ISBN: 978-65-00-06267-0 Registrado em: 06/07/2020 Disponível em: <https://sme.pontagrossa.pr.gov.br/wp-content/uploads/2020/07/Referenciais-curriculares-para-os-anos-iniciais-do-Ensino-Fundamental-1.pdf> Acesso em: 10 mai. 2021.

As figuras acima representam exemplos das diretrizes diante das unidades temáticas pertinentes, a fim de que os professores possam aplicar a respectiva matéria com segurança.

Estas diretrizes se dão sob três aspectos: “Objetos do Conhecimento” no sentido de “o que” deverá ser ensinado; “Habilidades” acerca do motivo pelo qual o assunto é ensinado “para que”; e “Procedimentos Didáticos” que indicam “como” o assunto deverá ser repassado.

Durante o mês de novembro de 2020, enquanto o documento era repassado às escolas, foi dada continuidade à pesquisa de campo através da realização de sete entrevistas com professoras municipais.

As entrevistadas foram indicadas pela coordenação do grupo de Formação Humana/Ensino Religioso, sendo cinco professoras municipais do ensino fundamental e uma das coordenadoras do grupo, as quais serão nominadas por letras de A F, a fim de se preservar suas identidades.

Quatro profissionais foram entrevistadas no local do trabalho de forma presencial, uma preferiu responder por escrito e a outra, através de sala de reunião virtual.

4.2 METODOLOGIA, ENTREVISTAS E RESULTADOS

Dentre os diversos métodos possíveis para uma pesquisa de abordagem qualitativa, escolheu-se o da entrevista semiestruturada, pois neste caso, embora as perguntas possam ser formuladas previamente, as informações perquiridas devem se dar de forma natural e verdadeira tanto quanto possível, sobretudo, porque envolvem experiências pessoais, conceituações próprias e algumas opiniões.

Em geral, as entrevistas podem ser estruturadas e não-estruturadas, correspondendo ao fato de serem mais ou menos dirigidas. Assim, torna-se possível trabalhar com a entrevista aberta ou não-estruturada, onde o informante aborda livremente o tema proposto: bem como com as estruturadas que pressupõem perguntas previamente formuladas. Há formas, no entanto, que articulam essas duas modalidades, caracterizando-se como entrevistas semi-estruturadas. (DESLANDES; CRUZ NETO; GOMES, 2002, p.58).

Além disso, é importante destacar que a padronização das perguntas das entrevistas, se deu pela intenção de se obter das entrevistadas respostas às mesmas

perguntas, o que permite “que todas elas sejam comparadas com o mesmo conjunto de perguntas, e que as diferenças devem refletir diferenças entre os respondentes e não diferenças nas perguntas” (LAKATOS, *apud* LODI, 2003 p. 197).

Isto posto, é importante informar que tal projeto com comas referidas perguntas partiram de duas temáticas: Cultura de Paz e Ensino Religioso/Espiritualidade.

Para a da Cultura de Paz, as perguntas foram:

- 1- Qual a sua concepção sobre a Paz e Cultura de Paz? Descreva.;
- 2- Você acha possível inserir a Cultura de Paz nas escolas, conforme preceitua a LDB desde 2018?
- 3- Qual a relação entre Cultura de Paz e Educação para a Paz?
- 4- Você acha que o incentivo e a utilização dos valores humanos podem colaborar para uma Cultura de Paz na sua Escola?
- 5- Você tem alguma prática pedagógica que inclua os valores humanos para uma Cultura de Paz na sua Escola? Se sim, comente.

Às perguntas da temática sobre o Ensino Religioso foi adicionada a questão da espiritualidade com o propósito de aproximar as Religiões com o sentido do Sagrado. Assim:

- 1- Qual a sua opinião sobre ministrar a matéria de Ensino Religioso, conforme consta da legislação educacional brasileira?
- 2- Como se dá a aplicação da matéria de Ensino Religioso na Escola em que atua? Descreva.;
- 3- Você entende que religião e espiritualidade são sinônimas? Comente.
- 4- Você acredita que o binômio Ensino Religioso/Espiritualidade possa servir de estratégia para promover ações de Cultura de Paz na Escola em que atua e outras escolas? Já existe alguma prática nesse sentido na sua Escola?

Deste modo, de acordo com a metodologia escolhida, analisaremos os pontos em comum ou aleatórios com relação às perguntas das referidas entrevistas, partindo-se do fato de que todas as entrevistadas são professoras de Formação Humana/Ensino Religioso ou ligadas ao grupo.

As partes extraídas de cada entrevista, de acordo com cada resposta, foram selecionadas pelo critério de se responder objetivamente. Ex: Paz é... ou espiritualidade é diferente da religião por quê... Procurou-se extrair o que existia de mais importante dentro da temática abordada, para se entender cada resposta, já que

as entrevistas tiveram caráter natural, intuitivo, dialogado e quase que informal (vide a íntegra das entrevistas no Apêndice A).

Através de um quadro para cada pergunta da entrevista, procura-se expor os pontos mais relevantes, convergentes e divergentes de cada uma delas, bem como observar as aproximações com os temas centrais deste estudo: Cultura de Paz, Educação para a Paz, Religiões e Ensino Religioso.

QUADRO 9 – Entrevista: Primeira pergunta do eixo Cultura de Paz

Professora Entrevistada	1- Qual a sua concepção sobre a Paz e Cultura de Paz? Descreva.
	Respostas:
A	“Para mim a questão da paz e da cultura de paz ainda é um processo que a gente tá engatinhando acho que nós estamos começando agora a refletir sobre isso.”
B	“Vejo a paz como algo necessário para se viver em paz, de bem com o próximo né? e a cultura de paz ela é um estudo é um aprofundamento maior aonde cada um vai compreender exatamente o significado desta palavra para toda a humanidade.”
C	“[...] é um conjunto de atitudes na verdade né? Para se tentar promover a paz, um ambiente onde você está na sociedade. Foi isso o que eu entendi! [...] “E a paz para mim é você conviver bem com as pessoas, no ambiente que você está, é tentar resolver os conflitos por meio do diálogo né? E conviver pacificamente.”
D	“Na minha visão, paz é você viver em harmonia. Mas assim, essa harmonia está ligada aos conflitos do dia a dia [...]” [...] “Então, eu preciso ter uma cultura de que eu vou trabalhar essa paz em mim, sabendo os problemas que eu tenho, mas tentando resolvê-los sem criar mais conflitos.”
E	“Minha concepção sobre paz e cultura da paz, é a de que é a única maneira para termos uma convivência harmoniosa com os demais.”
F	“A paz, eu acredito que seja, não ter conflitos, né? Na parte pessoal, na parte do mundo. Então, a paz é estar calma, estar sem conflitos, sem guerras, sem brigas. Acredito que a paz seja isso. A cultura de paz seria cultivar nas pessoas e no mundo valores humanos.”
G	“[...] É o sentimento de estar bem com a gente mesmo e com as pessoas que estão ao redor da gente, bem em todos os sentidos.” [...] “E a cultura de paz eu vejo assim que é o trabalho que é feito para que se cultive essa paz.”

Fonte: A autora, baseada nas entrevistas da pesquisa de campo

Resultados: os principais pontos que se pode extrair das respostas acima são, inicialmente que a Paz estaria interiorizada a cada ser humano (A; B; C; D; F; G) e a Cultura de Paz, é algo exterior, que se faz pelo trabalho, com a finalidade de proporcionar a paz/harmonia no ambiente em que se vive (B; C; E; F; G).

Tais respostas remetem-nos aos enfoques trazidos pela UNESCO na Declaração e Programa de Ação sobre uma Cultura de Paz, trabalhadas no item 1.1 anterior. Os artigos 1º e 2º almejam a conquista do desenvolvimento de uma Cultura de Paz que se baseie em valores, a fim de fomentar a paz entre as pessoas, grupos e nações.

Relembra-se (item 1.1) que Morin (2001) propõe: “Ensinar a Identidade Terrena”, sendo tal proposta um alerta sobre a necessidade de se ensinar sobre a compreensão humana, sobre empatia e a identificação com a dor alheia, o que não é um processo fácil devido aos sentimentos que podem aflorar.

Outro ponto que se destaca é a questão da resolução dos conflitos, citada de forma direta por pelo menos três entrevistadas, no sentido de tentar resolvê-los de forma pacífica, (C; D; F), as demais, associaram a paz com o próximo, em harmonia (E), com a ação de cultivar a paz (A; G) e se viver em paz (B), o que em tese, tem o mesmo sentido.

Assim, como um conflito pode ser convertido em Cultura de Paz?

As evidências de que os conflitos podem ser positivos e benéficos, uma vez que não precisam ser resolvidos com violência e sim através do diálogo e do entendimento, podem ser vistas como novas perspectivas acerca desse tema. (JARES, 2002).

QUADRO 10 – Segunda pergunta do eixo Cultura de Paz

Professora Entrevistada	2- Você acha possível inserir a Cultura de Paz nas escolas, conforme preceitua a LDB desde 2018?
	Respostas:
A	“[...] eu acredito que é possível, mas tem que ter uma mudança de postura e pra gente mudar a postura gente tem que conhecer tem que estudar tem que saber tem que querer tem que ter vários, são vários fatores, mas eu acredito que sim.”
B	“Agora não me recordo dessa inserção na LDB, no entanto, eu penso que a cultura de paz deveria sim, eu acredito que vai beneficiar muito o trabalho de todas as escolas dos professores em sala de aula, o convívio entre as crianças, acredito que sim.”
C	“Sim, eu acho até porque a gente já trabalha né? Tem uma disciplina dentro da escola né? que já trabalha com isso, paz, o respeito aos valores na verdade então, eu acho que isso já é um caminho para inserir né? a cultura de paz dentro da escola.”
D	“Eu acho possível, desde que haja uma formação um pouquinho maior, uma formação mais específica para os professores.”
E	“Com certeza. Trabalho com as classes de alfabetização nas séries iniciais e a cultura da paz está presente em nosso cotidiano pedagógico.”
F	“Eu acho que nós enquanto escola sempre tentamos inserir, né? Está cada vez mais difícil os valores, os valores estão se perdendo, mas a escola tem o papel fundamental de inserir a cultura de paz.”
G	“Com certeza, com certeza é, tem como, e é o que a gente na rede municipal está tentando fazer né? é colocar essa cultura da paz mesmo dentro das escolas, porque é mesmo desde pequeno que se aprende a respeitar né?”

Fonte: A autora, baseada nas entrevistas da pesquisa de campo

Resultados: é possível verificar que todas as entrevistadas sabem sobre a necessidade e possibilidade de introduzir os olhares da Cultura de Paz nas escolas,

porém algumas falaram sobre a necessidade de qualificação apropriada para tal (A; D).

Outras, disseram que estão tentando ou já inseriram a Cultura de Paz no cotidiano escolar, porque já existe uma proposta do município nesse sentido (C; E; F; G).

Estas respostas dão pistas de que a introdução da Cultura de Paz nas escolas é realmente um processo que deve respeitar a complexidade inerente ao tema.

Primeiramente, porque a palavra paz tem um sentido diverso para cada pessoa, comunidade ou povo, e assim também se dá com a Cultura de Paz, como já dissemos.

Veja-se que a parte inicial do art. 1º da Declaração e Programa de Ação sobre uma Cultura de Paz preceitua que “é um conjunto de valores, atitudes, tradições, comportamentos e estilos de vida”, o que denota o respeito ao caráter diverso e cultural do vocábulo.

Em segundo lugar, porque pode envolver questão pragmática importante, ou seja, como produzir as ações em prol da Cultura de Paz no ambiente escolar, respeitando cada identidade cultural?

Nesse tocante, observações como a da entrevistada A “pra gente mudar a postura gente tem que conhecer, tem que estudar, tem que saber tem que querer...” e a entrevistada D “formação mais específica para os professores”, são importantes para ajudar na solução dessa questão.

Isto se confirma quando analisamos a segunda e a terceira propostas educacionais acerca dos “sete saberes necessários à educação do futuro”, sobre “os princípios do conhecimento pertinente”, através da qual a educação deve ser pautada na realidade do contexto apresentado e sobre “ensinar a condição humana”, que traz a necessidade de integração de três fatores atrelados à condição humana, ou seja, “indivíduo-sociedade-espécie” (item 1.1). (MORIN, 2011).

Lembra-se que, em toda sua obra, Morin adverte sobre o caráter multifacetado do conceito de cultura, denotando pistas sobre seu caráter complexo.

Assim, de acordo com as sugestões das professoras, quanto mais conhecimento acerca do assunto, melhores os olhares, que também serão adequados às diversas realidades existem nas escolas.

QUADRO 11 – Terceira pergunta do eixo Cultura de Paz

Professora Entrevistada	3- Qual a relação entre Cultura de Paz e Educação para a Paz?
	Respostas:
A	“Eu acho que uma complementa a outra você precisa de uma educação para que você tenha uma cultura né então tudo passa pela educação [...]”
B	“Eu acredito que elas estão interligadas, uma necessita da outra para que funcione, uma precisa da outra e assim funciona corretamente.”
C	“Ai olha cultura de paz seria aquele conjunto de tudo que a gente pode fazer para promover a paz e educação para a paz seria o que a gente passa para as crianças na escola né?”
D	“Então, a cultura de paz, na minha opinião, é a maneira como a pessoa se vê frente aos conflitos e tenta superá-los de uma maneira mais digna, respeitando sempre a outros conflitos. A educação para a paz é a função da escola, é o que vai levar à família os conceitos e valores que possam ajudar nessa cultura de paz.”
E	“A cultura da paz traz princípios adquiridos no ambiente familiar enquanto a Educação para a Paz se dá no ambiente escolar, onde reunimos diferentes opiniões [...]”
F	“Eu acredito que a cultura seja a forma que você irá levar para educar as pessoas, as crianças, para ter a paz, valores, participar ativamente de, por exemplo, ter respeito com o próximo, da diversidade.”
G	“[...] quando a gente trabalhava antes na escola, a gente já trabalhava a cultura da paz” [...] “cada um respeitar o jeito do outro, então isso é educar para a paz, é educar para conviver, para respeitar.”

Fonte: A autora, baseada nas entrevistas da pesquisa de campo

Resultados: de acordo com os destaques, se pode analisar que algumas professoras entrevistadas dizem que ambas são conexas (A; B; F).

Algumas trazem um contraponto, qual seja, o de que a Cultura de Paz seria o que cada pessoa traz em si, a fim de educar seus alunos/famílias para a paz, apesar dos conflitos e ou diversidades (C; D; E).

Por fim, uma cita que as escolas já trabalhavam com a Cultura de Paz e que ensinar a convivência e o respeito é educar para a paz (G).

Diante das falas acima destacadas é possível perceber que as ideias das professoras se encontram de acordo com o referencial teórico utilizado na pesquisa.

Ou seja, na Introdução deste trabalho é possível verificar que, segundo a ONU, a Cultura de Paz é entendida como “um conjunto de valores, atitudes, tradições, comportamentos e estilos de vida [...]”.

A denominação da Educação para a Paz “como um processo educativo, dinâmico, contínuo e permanente, fundamentado nos conceitos de paz positiva e na perspectiva criativa do conflito [...]”, pode ser identificado nas falas das professoras (item 1.1). (JARES, 2002).

Salles Filho (2019) entende que a Educação para a Paz é consequência pedagógica da Cultura de Paz (item 1.2).

Assim, ao responder esta pergunta é possível verificar que as entrevistadas têm suas ideias afinadas com as dos autores acima: “Uma complementa a outra” (A); “acredito que estão interligadas” (B); “cultura de paz seria aquele conjunto de tudo que a gente pode fazer para promover a paz e educação para a paz” (C); “é a maneira como a pessoa se vê frente aos conflitos e tenta superá-los de uma maneira mais digna, respeitando sempre a outros conflitos” (D).

Todavia, relembre-se que a Educação para a Paz não é formalizada nos Referenciais Curriculares para os Anos Iniciais do Ensino Fundamental, ficando seu conteúdo sem esta importante referência.

QUADRO 12 - Quarta pergunta do eixo Cultura de Paz

Professora Entrevistada	4- Você acha que o incentivo e a utilização dos valores humanos podem colaborar para uma Cultura de Paz na sua Escola?
	Respostas:
A	“Eu acredito que sim, o incentivo e a utilização dos valores eu sou muito assim, eu acredito muito no exemplo né? no exemplo que você passa.”
B	“Com certeza porque é os valores humanos, eles já são, já tornam a situação de paz, a paz existe devido aos valores humanos [...]”
C	“Sim pode, valores humanos assim o respeito a gente tem até uma professora que trabalhou bastante tempo com um projeto sobre valores então o respeito, a compaixão, a solidariedade, a bondade.”
D	“Com certeza, porque a partir do momento que eu ensino e ajudo o meu aluno a valorizar o respeito, a solidariedade, a amizade, eu vou estar favorecendo a ele um conhecimento muito maior.”
E	“Sem dúvida, vemos isso nas mudanças que ocorrem no transcorrer do período escolar, em que as crianças vão aprendendo a respeitar os demais.”
F	“Acredito que sim. Desenvolvemos algumas atividades, em que pudemos levar nossos alunos a vivenciar a cultura da paz, inclusive levando para a comunidade em que moram, através de uma caminhada pela paz.”
G	“Pode, com certeza, sem sombra de dúvida, pode sim.”

Fonte: A autora, baseada nas entrevistas da pesquisa de campo

Resultados: Para uma das entrevistadas, o exemplo é a melhor forma de se demonstrar os valores (A), outra, atribui a existência da paz, aos valores humanos (B). Duas, citam quais são os valores humanos que utilizam na Escola, o respeito, a compaixão, a solidariedade, a bondade, a solidariedade, a amizade (B; C).

Importante destacar que uma das educadoras diz que desenvolve atividades nesse sentido (F) e outra, acredita que as mudanças que acontecem no decorrer do ano, são devidas ao respeito mútuo (E).

Todas acreditam na força dos valores humanos para cultivar a paz, o que muda é a forma de cada uma em aplicá-los.

Verifica-se que os valores humanos e a Cultura de Paz, são bases para as ações pedagógicas no que diz respeito ao ensino da matéria de Formação Humana/Ensino Religioso, no ensino fundamental da SME de Ponta Grossa-PR, tal como se vê no documento dos Referenciais Curriculares para os Anos Iniciais do Ensino Fundamental, analisado no item 4.1.

QUADRO 13 - Quinta pergunta do eixo Cultura de Paz

(continua)

Professora Entrevistada	5- Você tem alguma prática pedagógica que inclua valores humanos para uma Cultura de Paz na sua Escola? Se sim, comente.
	Respostas:
A	“[...] dentro da minha prática eu tenho algumas ações que eu tenho que fazer com os alunos para que eles compreendam então a gente trabalha alguns textos a gente trabalha histórias que trabalham né com essas questões relacionados a valores humanos.”
B	“Eu acredito que sim, o tempo todo até porque na multifuncional, uma sala onde você trabalha diferente você trabalha com crianças especiais que tem uma necessidade especial, você tem que trabalhar o coletivo, trabalhar a inclusão, trabalhar amor ao próximo, o respeito [...].”
C	“Sim, eu tenho ali, agora está meio caidinho ali, o meu cantinho dos sentimentos [...] tem um potinho para cada sentimento né? Medo, solidão, harmonia, preguiça, paixão, angústia, amor, gratidão [...]”
D	“Assim, uma prática específica não, porque a gente começou também com a formação humana, né?”
E	“Tenho por hábito, momentos de diálogo no início das aulas, onde os alunos podem contar as novidades. Espaço esse em que posso interferir com conselhos e incentivo de boas atitudes.”
F	“A gente sempre trabalhou, até fazíamos uns cadernos de trabalhos sobre valores. Porque nós não tínhamos aquele parecer com os objetivos da formação humana.” [...] “Quando eu entrei agora na TV, fiquei pensando como a gente não sabia trabalhar, porque você aprende tantas coisas que são novas e pensa como nunca trabalhei isso, ou nunca falei isso para as crianças né?”
G	“A prática pedagógica nossa, como eu estou na Secretaria né? A prática pedagógica é essa que nós estamos fazendo né?” [...] A formação [...]”

Fonte: A autora, baseada nas entrevistas da pesquisa de campo

Resultados: três entrevistadas mencionaram que, após a entrada da Formação Humana/Ensino Religioso como matéria, compreenderam melhor a questão dos valores (D; F; G).

Uma delas trabalha textos, histórias referentes aos valores humanos (A), outras duas que trabalham em sala multifuncional, ou seja, com “crianças especiais” trabalham coletivamente o respeito, a inclusão, e uma delas, cuida dos sentimentos como medo, solidão, harmonia, preguiça, paixão, angústia, amor e gratidão através do “potinho dos sentimentos”, quando cada aluno trabalha o sentimento que mais precisa (B; C).

E outra, se utiliza do “momento do diálogo”, no início das aulas, para trabalhar com valores humanos em sala (E). Estas falas denotam a presença dos valores humanos no ensino em sala de aula, o que é considerada uma possibilidade pedagógica inerente às metodologias educacionais aplicadas pelas entrevistadas, o que atende aos preceitos dos Referenciais Curriculares para os Anos Iniciais do Ensino Fundamental do município de Ponta Grossa-PR, conforme já mencionado.

Elas acreditam que é necessário resgatá-los na sociedade e aplicá-los na educação, portanto, conforme a citada “Pedagogia dos Valores Humanos” de Salles Filho (2019), (item 1.4), pode-se afirmar a inquestionável importância de se utilizar os valores humanos em prol de ações para uma Cultura de Paz no ambiente escolar.

Portanto, resta clara a aplicação da 3ª. Competência Específica de Ensino Religioso para o Ensino Fundamental: “Reconhecer e cuidar de si, do outro, da coletividade e da natureza, enquanto expressão de valor da vida;” presente na BNCC e nos Referenciais Complementares.

QUADRO 14 - Primeira pergunta do eixo Ensino Religioso/Espiritualidade

Professora Entrevistada	1- Qual a sua opinião sobre ministrar a matéria de Ensino Religioso, conforme consta da legislação educacional brasileira?
	Respostas:
A	“Pois então, em relação a isso eu acredito que tem que ter uma formação muito séria dos professores que vão trabalhar esse tema, é um tema que não né em geral na nossa sociedade é um tema muito delicado as pessoas ainda têm a ideia de que ensino religioso é eu ensinar um dogma religioso é catequizar alguém e não é isso, [...]”
B	“Então, é um assunto que tem que ser muito bem pensado antes de ser apresentado, porque ele tem vários caminhos que ele pode deixar dúvidas que ele pode deixar é mal resolvido, mal entendido então buscar mais eu acho que nas escolas a questão do respeito às diversidades do respeito às as diferentes religiões já está cultivar a sua fé, então, eu acho que é nesse viés.”
C	“[...] a proposta de agora é você trabalhar ou ensino religioso como formação humana, procurando formar a criança, formando nela valores né? Não uma religião específica, mas, com os valores da religiosidade para uma sociedade melhor.”
D	“É uma atividade difícil de ser feita porque a gente precisa estudar muito, como ali no caso dos nossos encontros que a gente faz é semanalmente, nas terças-feiras a gente estuda, a gente debate, a gente né? estipula mais ou menos o que vai fazer durante a aula.”
E	“As pessoas têm direito de escolher sua religião, mas penso que temos o dever de conhecer as demais religiosidades, a fim de desenvolver o respeito à diversidade religiosa e isso só acontecerá se ensinarmos aos nossos alunos sobre as diferentes culturas religiosas no mundo.”
F	“Pensando agora, a minha concepção é totalmente diferente. Então, a partir do ano que vem, se tudo voltar ao normal, serão outros encaminhamentos, porque a gente trabalhava e pensava nos valores humanos apenas, né?”
G	“É falar sobre todas as religiões é trabalhar com a cultura da paz, é trabalhar a questão a respeito das diferenças né?”

Fonte: A autora, baseada nas entrevistas da pesquisa de campo

Resultados: algumas professoras avaliam que é necessário muito cuidado/estudo para trabalhar com o referido tema, a fim de que os pais não entendam que se trata de doutrinação para somente determinada religião (A; B; D).

Tal preocupação deriva do antigo problema de se confundir o Ensino Religioso com o Ensino da Religião, abordados no item 3.2 anterior.

Outro ponto identificado, foi o da inovação trazida pelo município, através da matéria de Formação Humana/Ensino Religioso sob o aspecto de área do conhecimento, de modo a trabalhar o Ensino Religioso com os valores humanos e as culturas de todas as Religiões, desenvolvendo o respeito à diversidade religiosa conforme consta dos Referenciais Curriculares para os Anos Iniciais do Ensino Fundamental (C; D; F:G).

Salienta-se que, nenhuma das professoras tocou no assunto de como tratar o tema em sala de aula, de acordo com a legislação educacional vigente, entretanto, a matéria, conforme mencionado, está de acordo com os Referenciais Curriculares para os Anos Iniciais do Ensino Fundamental, os quais também respeitam a BNCC, como já foi dito no início deste capítulo.

Verifica-se a mesma e antiga preocupação acerca do Ensino Religioso ser levado às escolas para aliciar adeptos, forçando-os a acreditar e professar uma determinada doutrina religiosa que não a da sua família.

Denota-se também uma certa preocupação quanto à formação dos docentes para enfrentar o assunto, o que é plenamente compreensível diante das pluralidades históricas, políticas e culturais inerentes à religião como um todo, conforme foi tratado no capítulo 4.

Porém, com o advento da CF/1988, pelo menos no âmbito legal, tem-se um estado laico, onde devem ser respeitadas as escolhas quanto as diversas crenças religiosas existentes no Brasil.

Tal fato é considerado um grande avanço e justifica as mudanças ocorridas nos documentos legais educacionais pátrios e as inserções efetuadas no documento dos Referenciais Curriculares para os Anos Iniciais do Ensino Fundamental do município de Ponta Grossa-PR (item 4.1), com a possibilidade de colocar-se em prática o que já consta na lei.

QUADRO 15 - Segunda pergunta do eixo Ensino Religioso/Espiritualidade

Professora Entrevistada	2- Como se dá a aplicação da matéria de Ensino Religioso na Escola em que atua? Descreva.
	Respostas:
A	“Vou ser bem sincera com você, o que me despertou mais para essa matéria de ensino religioso foi a construção do material que aí eu me coloquei a estudar sobre, por que quando você trabalha no quarto e quinto ano principalmente nos anos que tem IDEB, o índice de desenvolvimento da educação básica, você acaba focando em português e matemática e até então essas disciplinas ficaram em segundo, terceiro plano, vamos dizer assim [...]”
B	“Então, na minha escola eu não tenho muito acesso a essa questão porque daí como eu trabalho numa sala diferenciada eu faço assim, a gente canta muita música que envolve essa questão do respeito, do amor, do cuidado.”
C	“Aqui é com a disciplina de formação humana né? então na disciplina de formação humana tem inclusive eu trabalhei na TV as religiões de matrizes indígenas e africanas então, nesse tema eu trabalhei as religiões umbanda e o candomblé.”
D	“Lá na escola “X” quando a gente trabalha formação humana, ... antes da pandemia, que eu não tinha essa formação que eu tenho agora, então antes da pandemia, a gente trabalhava formação humana, com uma forma, [...] Agora eu percebo que a minha formação aqui nesse grupo está favorecendo quando eu voltar as aulas vão ser bem diferentes.”
E	“Ela acontece nas aulas de formação humana, uma vez por semana, as quais estão sendo efetivadas por meio da educação remota, na tevê, devido a pandemia.”
F	“Claro que dávamos uma pincelada nas religiões, mas agora abriu aquele leque. Penso que entendi, posso ajudar com que as crianças aprendam ensino religioso, por exemplo.”
G	“Essas aulas do programa, do ensino remoto, foram excelentes porque é, ele está sendo para as escolas uma formação também né? Na medida que vai trabalhando para as escolas, que os professores vão assistindo os programas é a formação também, e a hora que chegar o momento de voltarmos ao presencial, que elas que terão que trabalhar né?”

Fonte: A autora, baseada nas entrevistas da pesquisa de campo

Resultados: a maioria das entrevistadas destacou a importância que a matéria de Formação Humana/Ensino Religioso está trazendo para o ensino do tema, em especial, durante a Pandemia da Covid-19, quanto aos programas de TV, sobretudo, quanto ao novo entendimento que elas mesmas tiveram com relação ao assunto (A; C; D; E; F; G).

Uma delas indicou que, como trabalha em sala multifuncional, trabalha apenas com os valores humanos (B).

A primeira Competência Específica de Ensino Religioso para o Ensino Fundamental, conforme consta da BNCC (2017), é “conhecer os aspectos estruturantes das diferentes tradições/movimentos religiosos e filosofias de vida, a partir de pressupostos científicos, filosóficos, estéticos e éticos”.

As respostas acima demonstram o quanto são importantes para as aulas, os estudos que têm realizado e os conteúdos que têm repassado aos alunos a partir do Grupo de Formação Humana/Ensino Religioso.

Demonstra-se, portanto, que as premissas constantes da BNCC, também estão presentes nos Referenciais Curriculares para os Anos Iniciais do Ensino Fundamental do município de Ponta Grossa-PR, sendo aplicadas no município.

QUADRO 16 – Terceira pergunta do eixo Ensino Religioso/Espiritualidade

Professora Entrevistada	3- Você entende que Religião e Espiritualidade são sinônimas? Comente.
	Respostas:
A	“Ah eu não acho que são sinônimos assim, elas se completam, porque assim, a espiritualidade está muito além de uma religião, de um dogma religioso, de um preceito religioso.”
B	“Eu acho que cada uma tem uma forma de pensar, a religiosidade tem espiritualidade, porém, a espiritualidade nem sempre tem a ver com religiosidade por que você pode ter tua crença, tua espiritualidade, mas, não tem religião.”
C	“[...] A espiritualidade para mim é você acreditar em Deus você ter fé você ter gratidão pelo que você consegue o que você tem, então a espiritualidade para mim independe de religião, você pode ter e até não ter nenhuma, como no caso do ateu né? Não pregar nenhuma religião, mas, você tem espiritualidade.”
D	“Bom, pela minha experiência de vida, religião não tem nada a ver com espiritualidade. [...]”
E	“A religião se dá através de atos de ritos de fé em cultos. A espiritualidade é íntima, vem do íntimo, da alma.”
F	“[...] têm significados diferentes. Acho que religião é reunir, religar. E espiritualidade vai muito além, depende da pessoa, do ser humano, o que ele busca em relação a sua espiritualidade.”
G	“Não, eu não vejo assim que religião e espiritualidade são sinônimas, eu vejo como coisas que caminham paralelas né? [...]”

Fonte: A autora, baseada nas entrevistas da pesquisa de campo

Resultados: para todas as entrevistadas, a espiritualidade não é sinônimo de religião, pois elas se completam (A); a espiritualidade nem sempre tem a ver com religiosidade, pode haver espiritualidade sem ter uma religião (B); espiritualidade é acreditar em Deus, mas independe de religião (C); religião não tem nada a ver com espiritualidade (D); a religião tem relação com cultos e a espiritualidade é íntima, da alma (E); religião é religar, enquanto que, a espiritualidade vai muito além, tem a ver com a busca do ser humano por esta (F) e religião e espiritualidade caminham paralelas (G).

Deste modo, ficou fácil de perceber que as professoras entrevistadas delimitam bem religião e espiritualidade.

Tais afirmações confirmam alguns dos aspectos formulados no item 2.5.2, qual seja, o olhar de Almeida (2019) ao mencionar *Hufford* (2005) no qual as Religiões seriam instituições organizadas na ideia de espírito, bem como que uma pessoa pode ser espiritualizada, mas não ser religiosa e vice-versa.

As respostas acima, nos dão uma relativa segurança quanto ao fato de que o Ensino Religioso deve abranger o todo, a diversidade, a cultura do Sagrado em nossa sociedade e não os interesses de uma religião específica.

As entrevistadas pareceram demonstrar que estão preparadas para não abarcar o proselitismo, respeitando a legislação educacional vigente.

QUADRO 17 - QUARTA PERGUNTA DO EIXO ENSINO RELIGIOSO/ESPIRITUALIDADE

Professora Entrevistada	4- Você acredita que o binômio Ensino Religioso/Espiritualidade possa servir de estratégia para promover ações de Cultura de Paz na Escola em que atua e outras escolas? Já existe alguma prática nesse sentido na sua Escola?
	Respostas:
A	“Eu acredito que sim, que dá sim, que esses dois dá para unir muito, e assim, se a gente dentro do estudo das religiões, todas elas pregam uma cultura de paz.” [...]O que a gente está trabalhando agora, neste momento, tem vários temas né a gente trabalha mais a parte de, se você for para você perceber, todas as nossas aulas têm enfoque no respeito, no saber conviver em harmonia sabe?”
B	“[...] , mas, eu acredito que pode beneficiar sim, pode ser um caminho, hoje a gente tem um pensamento mais amplo a gente já tem um conhecimento melhor sobre toda essa situação sobre a espiritualidade sobre a religiosidade né? [...]”
C	“Eu acredito que sim, não no sentido de pregar uma religião, mas, no sentido de usar os conceitos, os valores que as religiões trazem para ir para o lado da paz. Porque pelo que eu estudo, que eu leio, todas as religiões pregam a paz, nenhuma prega violência agressão nada disso é todas as religiões pregam a paz o amor então isso é um caminho né?”
D	“Sim, até pela diversidade que existe muito grande dentro das religiões.” [...] “[...] e a gente entendeu ali naquele momento que a diversidade é muito grande e que cada criança tem a sua ligação com a sua religião muito forte porque quando eles vão nas igrejas, vão nos templos eles contam para a gente, eles contam as coisas para a professora, então quando a gente aprender a trabalhar com essa diversidade, a gente estará aprendendo a trabalhar os valores. [...]”
E	“Acredito que sim. Desenvolvemos algumas atividades, em que pudemos levar nossos alunos a vivenciar a cultura da paz, inclusive levando para a comunidade em que moram, através de uma caminhada pela paz.”
F	“Acho que sirva como estratégia porque um liga o outro e as práticas nunca deixamos de trabalhar, sempre procurando fazer com que a criança reflita, mas como te falei, agora a prática será outra. [...]”
G	“Eu tenho certeza de que sim, porque é através dessa disciplina que ela acaba criando momentos, discussões, criando momentos de situações para você resolver e isso não está só na sala de aula, mas, ele leva também para a sala dos professores essas discussões. [...]”

Fonte: A autora, baseada nas entrevistas da pesquisa de campo

Resultados: por unanimidade, as entrevistadas revelam que sim, é possível que o binômio Ensino Religioso e espiritualidade sirvam de estratégia para se buscar ações em prol da Cultura de Paz. Porém, poucas indicaram que já praticam algo específico nesse sentido, exceto as aulas de Formação Humana/Ensino Religioso e as demais matérias que são ministradas na televisão, por ocasião das aulas em período da pandemia, como substituição às aulas presenciais. É possível verificar que

algumas se preocupam em que não se fale sobre uma só religião, mas, que se trate o tema com relação à diversidade, respeitando as crenças das crianças e suas famílias (C; D). Também se pode constatar que, as professoras se mostram seguras acerca dos objetivos da matéria que ora se comenta.

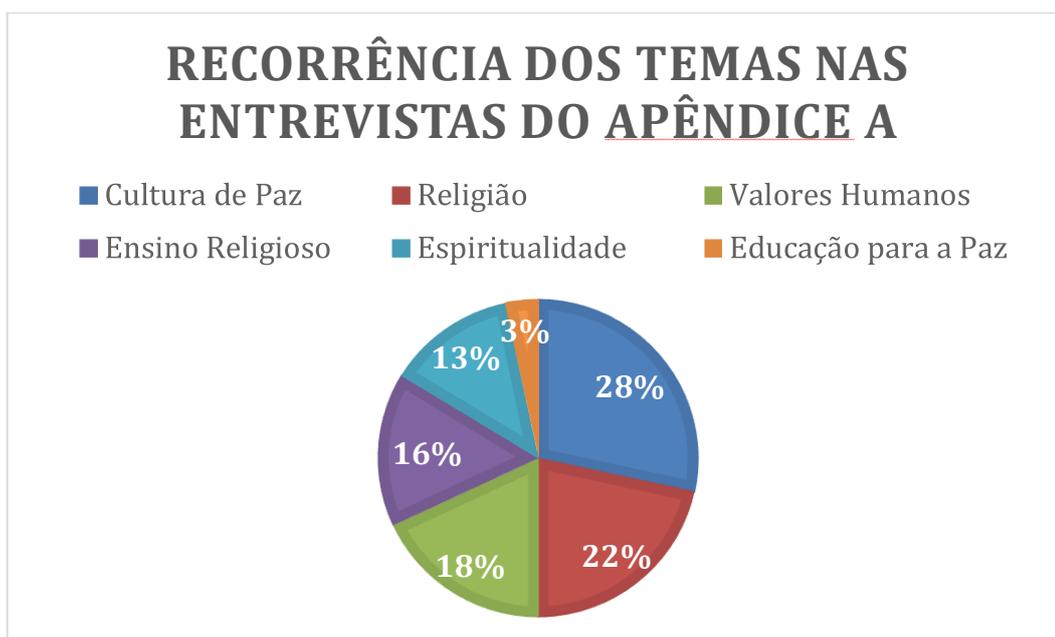
Observa-se, a presença das Competências Específicas do Ensino Religioso para o Ensino Fundamental conforme consta da BNCC, sendo elas: “2. Compreender, valorizar e respeitar as manifestações religiosas e filosofias de vida, suas experiências e saberes, em diferentes tempos, espaços e territórios” e “4. Conviver com a diversidade de crenças, pensamentos, convicções, modos de ser e viver”.

Neste ponto, é possível constatar que as grades curriculares apresentadas como exemplos no item 4.1 acima, indicam os “procedimentos didáticos” que direcionam o educador para uma condução mais segura quanto ao tema.

Assim, ao analisar as entrevistas da pesquisa de campo constantes do Apêndice A, verificou-se a recorrência de termos considerados centrais para a nossa pesquisa como um todo: Cultura de Paz, Educação para a Paz, Ensino Religioso, Espiritualidade, Religião e Valores (Humanos), obtivemos o seguinte resultado:

Cultura de Paz 96 vezes; Religião 73 vezes; Valores 61 vezes; Ensino Religioso 53 vezes; Espiritualidade 44 vezes e Educação para a Paz 11 vezes, sendo que o gráfico abaixo demonstra a incidência:

GRÁFICO 1 – Gráfico sobre a recorrência dos temas nas entrevistas do apêndice A



Fonte: A autora, baseada nas entrevistas da pesquisa de campo

O termo mais recorrente foi Cultura de Paz, porém, não se pode deixar de observar que ele compunha a base de cinco das nove perguntas efetuadas.

Educação para a Paz ficou com apenas 3%, porém, explica-se que ele compôs a base de somente uma pergunta e porque também está atrelada à Cultura de Paz, sendo que é possível admitir que algumas vezes utilizam o mesmo termo para os dois sentidos.

Também é possível observar que a palavra Religião citada em 22%, das vezes reflete uma certa preocupação das entrevistadas, em especial quanto ao proselitismo que pode haver por parte de alguns educadores e por isso a necessidade de formação.

Verifica-se que o termo Valores aparece com 18% de incidência, o que pode ser considerado um norteador ao se buscar recursos pedagógicos para implementar as ações em prol da Cultura de Paz, haja vista que integrou a base de apenas duas perguntas.

Ensino Religioso é mencionado em 16% das vezes e Espiritualidade em 13%, ficando próximo do termo Valores.

Esses resultados, representam uma boa perspectiva com relação à possibilidade de se inserir ações em prol da Cultura de Paz nas escolas através dos valores humanos que podem ser repassados através do Ensino Religioso, de acordo com as premissas constantes das legislações educacionais já comentadas e da municipal que será analisada a seguir.

4.3 REFLEXÕES SOBRE O REFERENCIAL TEÓRICO DA PESQUISA

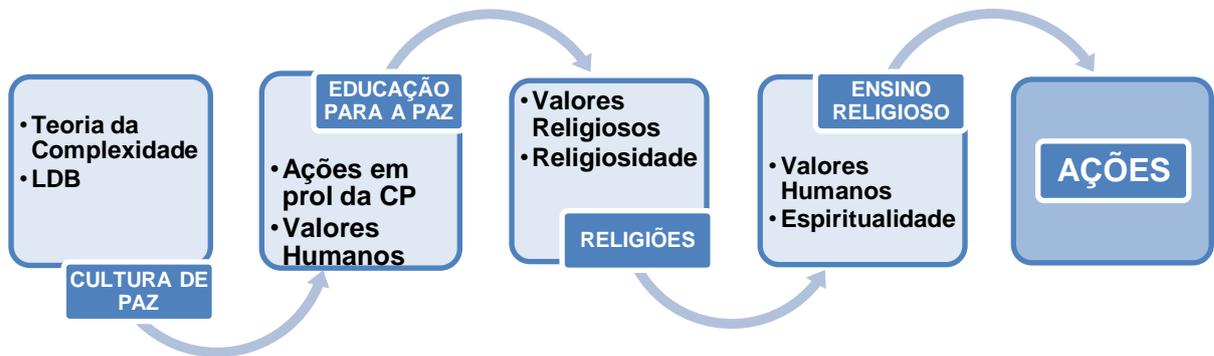
Pode o Ensino Religioso, conforme consta da legislação educacional vigente, ser uma estratégia hábil para as escolas estabelecerem ações em prol da promoção da Cultura de Paz, conforme previsto na LDB?

Eis a pergunta de partida desta pesquisa, a qual se procurou responder de forma sustentada por um mirante epistemológico ligado a quatro eixos principais: Cultura de Paz, Educação para a Paz, Religiões e Ensino Religioso.

Realizar o aprofundamento necessário para responder aos objetivos deste estudo a partir dos quatro eixos, foi importante na medida em que a conquista teórica do que se busca em qualquer um dos temas, não é tarefa simples.

A figura que segue, representa o aspecto quadripartite das categorias abarcadas pelo referencial teórico, as quais se entrelaçam e se comunicam com os demais pontos, quase que naturalmente.

FLUXOGRAMA 1 – Fluxograma da interrelação entre Cultura de Paz, Educação para a paz, Religiões e Ensino Religioso



Fonte: A autora

Ao mesmo tempo que podem ser considerados únicos, os quatro eixos são independentes, pois se completam em si mesmos dado ao referencial teórico próprio, entretanto, se interrelacionam, tornando-se interdependentes quando se busca atender ao objetivo central da pesquisa.

Assim, a Cultura de Paz é analisada através do olhar da Teoria da Complexidade, pois através da sua inserção na LDB legou-se à Educação para a Paz, a missão de construir ações em seu favor. Para tanto, seria o Ensino Religioso uma das possibilidades?

Através do eixo das Religiões foi possível se obter um referencial teórico muito rico com relação aos valores humanos prestigiados pela Educação para Paz a partir dos valores religiosos e da religiosidade inerentes ao Sagrado.

Por isso, o Ensino Religioso como área do conhecimento e disciplina regular às legislações educacionais pertinentes pode ser considerado como potencialmente apto a implementar ações em prol da Cultura de Paz no ambiente escolar.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

De acordo com o material teórico utilizado para esta pesquisa, bem como de acordo com o modo como ela foi construída, temos as seguintes considerações a fazer.

Inicialmente quanto ao objetivo principal da pesquisa, ou seja, verificar se o Ensino Religioso, como área do conhecimento, prevista na BNCC, é um instrumento hábil a promover ações em prol da Cultura de Paz nos estabelecimentos de ensino, conforme prevê a LDB, é possível apontar o que segue.

Apesar do embate social existente quanto à inclusão do Ensino Religioso nas escolas, verificamos que há muito o que avançar, em especial quanto ao esclarecimento para toda a sociedade, no que diz respeito à finalidade da matéria de Ensino Religioso como área do conhecimento, nos moldes do que preceitua a BNCC.

Ou seja, a BNCC preconiza em seu art. 33 que o Ensino Religioso é de matrícula facultativa, faz parte da formação básica do cidadão, constitui disciplina dos horários normais das escolas públicas de ensino fundamental.

A norma também assegura o respeito à diversidade cultural e religiosa, proíbe o proselitismo, prevê a criação de conteúdos próprios da matéria e a contratação de professores a serem habilitados para a aplicação do Ensino Religioso, respeitando a opinião das denominações religiosas, para a construção do referido conteúdo.

A LDB, por sua vez, através do art. 12 IX, inseriu em 2018 um novo atributo às escolas, qual seja promover ações em prol da Cultura de Paz no ambiente escolar, porém não determinou como fazê-lo, deixando para cada Escola a função de escolher as ações, de acordo com suas necessidades locais.

Partindo destas duas legislações, bem como diante da história e necessidades que se ligam ao surgimento da segunda, nasceram os questionamentos que deram origem a este estudo.

Assim, quais ações devem ser implementadas pelas escolas em prol de uma Cultura de Paz? De onde partir? Como se atingir a finalidade que a inovação legal almeja? Poderia o Ensino Religioso, nos moldes da BNCC, ser uma estratégia para criar algumas destas ações? Elas teriam potencial para tanto?

Este caldo de ideias levou à edificação desta dissertação, que teve como objetivos específicos: analisar a Cultura de Paz à luz da Teoria da Complexidade, de

modo a compreender os múltiplos aspectos da primeira, sobretudo em seu caráter paradoxal quanto aos lados positivo e negativo quando da ocorrência dos conflitos.

Acredita-se que tal desiderato foi atingido, eis que o referencial teórico utilizado pode proporcionar os conhecimentos necessários para compreender de forma mais densa, o caráter da Cultura de Paz e da Educação para a Paz, bem como do caráter positivo e negativo dos conflitos inerentes às sociedades, sob a luz da consistência da Teoria da Complexidade, como pensa Morin.

Descobrir o caráter das principais Religiões no mundo, com o fim de estabelecer uma convergência de valores que visem à aceitação da diversidade e o respeito às crenças de cada povo.

Ao buscar os conceitos e valores inerentes a cada religião pesquisada, foi possível constatar que todas elas possuem cabedal histórico, cultural e social diante da sua cosmovisão, para se alcançar movimentos favoráveis ao diálogo, tolerância e pacificação, ainda que relativos, diante do mundo atual.

Compreender a potencial representatividade do Ensino Religioso, da espiritualidade e da liberdade religiosa em um país constitucionalmente laico, entretanto empiricamente religioso e dogmático.

Através da historicidade do Ensino Religioso no mundo, em especial no Brasil, é possível compreender os motivos de tamanha rejeição pelo modo pelo qual as bases religiosas foram aqui constituídas e repassadas ao povo. Proselitismo, assédio e cerceamento da vontade foram os principais ingredientes para tal rechaço.

Por outro lado, as questões de valores humanos inerentes às Religiões, tornam-se interessantes na formação de uma pedagogia voltada para a propagação de ações pró Cultura de Paz no ambiente escolar, o que nos pareceu ser um caminho possível para apoiar a concretização de tais ações.

Conhecer o grupo de Formação Humana/Ensino Religioso da SME do município de Ponta Grossa-PR, com a finalidade de observar como o Ensino Religioso é utilizado como disciplina, bem como sua influência na formação dos alunos no município de Ponta Grossa-PR.

Tal objetivo pode ser considerado o ápice da pesquisa, pois embora ainda jovem, o grupo se mostra maduro o suficiente para corroborar no resultado da resposta à pergunta de partida, objetivo principal da presente pesquisa e aos seus objetivos específicos.

É fato que ainda se faz necessário aguardar as vivências e resultados que virão com o passar do tempo, após a implementação da matéria Formação Humana/Ensino Religioso na grade curricular, porém já é possível conferir a este objetivo a existência de elementos consistentes para os resultados alcançados.

Pretende-se levar estes resultados ao referido grupo, não somente em prestígio ao suporte oferecido durante a produção da dissertação, mas também para colaborar com os objetivos do próprio grupo na construção da Cultura de Paz nas escolas do município.

As perspectivas de continuidade dos trabalhos acadêmicos sobre os temas relacionados à Cultura de Paz são muitos importantes diante do contexto atual desta sociedade que passa por conflitos de inúmeras ordens.

Desse modo, fica a expectativa acerca da realização do CENSO 2020, adiado conforme mencionado, bem como do término da Pandemia do Sars-Cov2, o que proporcionará a ampliação das possibilidades da pesquisa dentro da Escola.

Outro fator importante a ser considerado nesta dissertação, é o de conferir à pesquisa uma das principais características deste programa de pós-graduação, que é trazer a perspectiva interdisciplinar para a investigação proposta, que passeia por disciplinas como pedagogia, sociologia, história e direito, bem como a inserção da abordagem deste tema em sua área de concentração e linhas de pesquisa, que neste caso é Estado, Direito e Políticas Públicas.

Por fim, vale relembrar a epígrafe deste trabalho que foi ditada por Morin (2017), “Visto que o mais complexo comporta a maior diversidade, a maior autonomia, o maior grau de liberdade e o maior risco de dispersão, a solidariedade, amizade e o amor são o cimento vital da complexidade humanidade.”

Assim, busquemos o respeito pelo que é diverso e quem sabe encontraremos a verdadeira paz!

REFERÊNCIAS

ASCENÇÃO, Hugo da Silva. **A Bíblia**. Brasil Escola. Monografias Brasil Escola. <https://monografias.brasilecola.uol.com.br/religiao/a-biblia.htm> Acesso em 15 de jun. de 2021.

BALLOUSSIER, Anna Virginia. **Evangélicos podem desbancar católicos no Brasil em pouco mais de uma década**. Pesquisa Datafolha publicada pela Folha de São Paulo em 14.01.2020. Disponível em: <https://www.hidemypass-freeproxy.com/proxy/en-ww/aHR0cHM6Ly93d3cxLmZvbGhhLnVvbC5jb20uYnlvcG9kZXIvMjAyMC8wMS9ldmFuZ2VsaWNvcy1wb2RlS1kZXNiYW5jYXItY2F0b2xpY29zLW5vLWJyYXNpbC1lbS1wb3Vjby1tYWlzLWRILXVtYS1kZWZhZGEuc2h0bWw> Acesso em 05 out. 2020.

BANDEIRA, Alexandre Dresh. **Líderes das três principais igrejas pentecostais travam “armagedom midiático”**. Revista IHU On-Line do Instituto Humanitas Unisinos, (2017) Disponível em: <http://www.ihu.unisinos.br/159-noticias/entrevistas/569799-lideres-das-tres-principais-igrejas-neopentecostais-travam-armagedom-midiatico-entrevista-especial-com-alexandre-dresch-bandeira> Acesso em: 13 abr. 2020.

BEOZZO, José Oscar. **Os maiores conflitos religiosos no mundo hoje**. Disponível em: <http://latinoamericana.org/2003/textos/portugues/Beozzo.htm> Acesso em: 07 nov. 2020.

BERGER, Peter L. **Os Múltiplos Altares da Modernidade Rumo a um Paradigma da Religião numa Época Pluralista**. Tradução de Noéli Correia de Melo Sobrinho; revisão da tradução de Gentil Avelino Tilton. Petrópolis, RJ: Vozes, 2017.

BOFF, Leonardo. **Ethos mundial: um consenso mínimo entre os humanos**. - Rio de Janeiro: Record, 2009.

BORIN, Luiz Claudio. **História do ensino religioso no Brasil** [recurso eletrônico]1. Ed.- Santa Maria. RS: UFSM, NTE, 2018. e-book. Disponível em: <https://www.ufsm.br/app/uploads/sites/358/2020/02/hist%C3%B3ria-do-ensino-religioso-no-brasil-diagrama%C3%A7%C3%A3o-FINAL-1.pdf> Acesso em: 17 set. 2020.

BRAGA JUNIOR, Amaro Xavier. **Curso de Educação à distância, Licenciatura em Ciências Sociais, Sociologia da Religião**. p. 16 Disponível em: https://educapes.capes.gov.br/bitstream/capes/175184/2/Manual_%20Sociologia%20da%20Religi%C3%A3o.pdf Acesso em: 10 mar. 2021.

BRANDÃO, André Augusto Pereira; JORGE, Amanda Lacerda. **A recente fragmentação do campo religioso no Brasil: em busca de explicações**. Revista de Estudios Sociales 69: 79-90, 2019. Disponível em: <https://doi.org/10.7440/res69.2019.07> Acesso em 20 mar. 2021.

BRASIL. **Base Nacional Comum Curricular - BNCC**. Ministério da Educação. Disponível em: <http://basenacionalcomum.mec.gov.br/abase/> Acesso em: 29 set. 2020.

BRASIL. **Biografia de Keiko Ota**. Câmara dos Deputados. Disponível em: https://www.camara.leg.br/internet/sileg/Prop_lista.asp?Autor=0&ideCadastro=160659&Limite=N&tipoProp=2 acesso: em 21 jan. 2022.

BRASIL. [Constituição (1988)]. **Constituição da República Federativa do Brasil de 1988**. Brasília, DF: Presidência da República. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao.htm Acesso em: 22 ago. 2020.

BRASIL. **Diretrizes Curriculares Nacionais da Educação Básica - DCN**. Ministério da Educação. Disponível em: http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_docman&view=download&alias=13448-diretrizes-curriculares-nacionais-2013-pdf&Itemid=30192 Acesso em: 20 mai. 2021

BRASIL. **Disque 100**. Disponível em: <https://www.gov.br/mdh/pt-br/acesso-a-informacao/disque-100-1> Acesso em 05 out. 2020.

BRASIL. **Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996**. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. Publicado no Diário Oficial da União em 23 de dez., 1996. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l9394.htm Acesso em: 20 jun. 2021.

BRASIL. **Lei Federal 13.005 de 25 de junho de 2014**. Aprova o Plano Nacional de Educação - PNE e dá outras providências. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2011-2014/2014/lei/l13005.htm Acesso em: 06 set. 2020.

BRASIL. **Lei nº 13.663, de 14 de maio de 2018**. Altera o art. 12 da Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, para incluir a promoção de medidas de conscientização, de prevenção e de combate a todos os tipos de violência e a promoção da cultura de paz entre as incumbências dos estabelecimentos de ensino. Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996. Publicado no Diário Oficial da União em 15 de mai. 2018. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2015-2018/2018/Lei/L13663.htm Acesso em: 20 jun. 2021.

BRASIL. **Projeto de Lei do Senado nº 178, de 2009**. Disponível em: <https://www25.senado.leg.br/web/atividade/materias/-/materia/90949> Acesso em: 25 jan. 2021.

BRASIL. **Projeto de Lei da Câmara do Deputados nº 5826, de 2016**. Disponível em: <https://www.camara.leg.br/proposicoesWeb/fichadetramitacao?idProposicao=2091857> Acesso: 20 jun. 2021.

CARNEIRO, Maria Joyce Maria Costa; ALMEIDA, Márcio Giordany Costa. **O papel da escola na construção da Cultura de Paz e Valores Humanos: Compromissos de**

todos. Cultura de Paz, Educação e Espiritualidade/Kelma Socorro Lopes de Matos (organizadora) et al. - Fortaleza: Edições UFC, 2015.

COMITÊ MUNDIAL DA PAZ. **Excerto do Capítulo I do livro Pedagogia da Convivência – Xesús R. Jares. Sobre a convivência e os conteúdos de uma pedagogia da convivência.** [Tradução: Elisabete de Moraes Santana] Disponível em: <http://www.comitepaz.org.br/download/Cap%C3%ADtulo%20I%20Pedagogia%20da%20conviv%C3%Aancia%20-%20excerto.pdf> Acesso em: 06 out. 2020.

CURCIO, Cristiane Schumann Silva; MOREIRA-ALMEIDA, Alexander (2019), **Investigação dos conceitos de religiosidade e espiritualidade em amostra clínica e não clínica em contexto brasileiro: uma análise qualitativa.** INTERAÇÃO EM PSICOLOGIA | vol 23 | n 02 | 2019. Biblioteca Digital de Periódicos da UFPR - Universidade Federal do Paraná. Disponível em: <https://core.ac.uk/download/pdf/328066651.pdf> Acessado em 27 mar. 2021.

DE MASI, Domênico. **O futuro chegou. Modelos de vida para uma sociedade desorientada.** [tradução de Marcelo Costa Sievers]. 1. ed. Rio de Janeiro, Casa da Palavra, 2014.

DESLANDES, Suely Ferreira; CRUZ NETO, Otávio; GOMES, Romeu. **Pesquisa Social: teoria, método e criatividade.** Maria Cecília de Souza Minayo (organizadora) – 21ª. Ed, Petrópolis, RJ, Vozes, 2002.

DOS SANTOS, Marcelo Henrique; FERREIRA, Rildo Mourão. **O Direito de Liberdade Religiosa no Brasil e no mundo: aspecto teórico e prático para a especialista e líderes religiosos em geral.** O Desafio Cultural na Cosmóvisão Cristã Política e Sociedade à Luz da Liberdade Religiosa. SANTANA, Uziel et all. Org. São Paulo, ANAJURE, 2014.

DURKHEIM, Emile. **As regras do método sociológico.** 15.ed. Martins Fontes: São Paulo: Nacional, 1995.

DURKHEIM, Emile. Introdução e Conclusão. **As formas elementares da vida religiosa.** Oeiras: Celta, 2002.

DURKHEIM, Émile. **Da divisão do trabalho social; As regras do método sociológico; O suicídio; As formas elementares da vida religiosa.** Tradução: Carlos Alberto Ribeiro de Moura et al. São Paulo: Abril Cultural, 1978.

DUSI, Miriam Lúcia Herrera Masotti; ARAUJO, Claisy Maria Marinho de; NEVES, Marisa Maria Brito da Justa. **Cultura da paz e psicologia escolar no contexto da instituição educativa.** Psicol. Esc. Educ. (Impr.). Campinas, v. 9, n. 1, p. 135-145, Jun. 2005. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-85572005000100013&lng=en&nrm=iso Acesso em: 13 Set. 2020. <http://dx.doi.org/10.1590/S1413-85572005000100013>.

FLORES, Joaquim Herrera. **A (re) invenção dos Direitos Humanos.** Florianópolis, 2009.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia: saberes necessários a prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 1996. <https://cpers.com.br/paulo-freire-17-livros-para-baixar-em-pdf/> acesso em 03.09.2020

FREUD, S. **O Futuro de uma Ilusão, O Mal-Estar na Civilização e outros trabalhos**. file:///C:/Users/patricia/Downloads/freud21%20(2).pdf Acesso em: 21.10.2020.

FREUD, S. **Mal-Estar na Civilização**. Obras Completas. v. XXI. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

FREUND, Julien. **Sociologia de Max Weber**. 1º Capítulo. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2003.

GASDA, Élio Estanislau. **A laicidade ameaçada: política, religião e teologia**. Religião direitos humanos & laicidade. Luiz Alexandre Solano Rossi, Sérgio Junqueira (organizadores) - São Paulo: Fonte Editorial, 2015.

GAZETA DIGITAL 2017. **Religião na escola pública**. Disponível em: <https://www.gazetadigital.com.br/colunas-e-opiniao/colunas-e-artigos/religiao-na-escola-publica/521929> Acessado: 05 out. 2020

GIANNOTTI, José Arthur. **Considerações sobre o Método**. In: MARX, K. O Capital. São Paulo: Boitempo, 2013.

HATHAWAY Mark; BOFF, Leonardo. **O Tao da Libertação**. 2. ed. – Petrópolis, RJ: Vozes, 2012.

IBGE. **Censo 2010: número de católicos cai e aumenta o de evangélicos, espíritas e sem religião**. Disponível em: <https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/agencia-sala-de-imprensa/2013-agencia-de-noticias/releases/14244-asi-censo-2010-numero-de-catolicos-cai-e-aumenta-o-de-evangelicos-espíritas-e-sem-religiao> Acessado em 02 abr. 2020.

JARES, X.R. **Educação para a paz: sua teoria e sua prática**. 2. ed. rev. Tradução de Fátima Murad, Porto Alegre Artmed: 2002.

LAKATOS, Eva Maria. **A entrevista: teoria e prática**. 2. ed. São Paulo: Pioneira, 1974. Fundamentos de metodologia científica 1 Marina de Andrade Marconi, Eva Maria Lakatos. - 5. ed. - São Paulo: Atlas 2003. p. 197

LEÃO, Francisco Daniel Pereira; PERES, Cesar. **Cultura de Paz e Ensino Religioso: Desafios, Perspectivas e Contribuições**. Kelma Socorro Alves Lopes de Matos (Org.). Cultura de paz, ética e espiritualidade IV. Fortaleza: Edições UFC, 2014.

LEÃO, Francisco Daniel Pereira; MATOS, Kelma Socorro Alves Lopes. **Mediações do Ensino religioso para a convivência pacífica, escolar e social**. Kelma Socorro Alves Lopes de Matos (Org.). Cultura de paz, educação e espiritualidade. Fortaleza: Edições UFC, 2015.

MARTINS, Humberto. **Direito à Liberdade Religiosa – Desafios e Perspectivas para o Século XXI**. Belo Horizonte: Editora Fórum. 2009. p. 97).

MEIRELLES, Victor. **A Primeira Missa no Brasil, 1861**. Infoescola. Disponível em: <https://www.infoescola.com/historia/primeira-missa-no-brasil/> Acesso em 08 de mai. de 2021.

MORIN, Edgar. **Os sete saberes necessários à educação do futuro**. Tradução de Catarina Eleonora F. da Silva e Jeanne Sawaya; revisão técnica Edgard de Assis Carvalho. 2. Ed.rev. São Paulo: Cortez; Brasília, DF: UNESCO, 2011.

MORIN, Edgar. **O Método 6 Ética**. Tradução de Juremir Machado da Silva. 5ª. Ed. Porto Alegre, Sulina, 2017.

MUNICÍPIO DE PONTA GROSSA. **Referências Curriculares para os anos iniciais do ensino fundamental**. Secretaria Municipal de Educação. Ponta Grossa - PR, 1ª edição, 2020. 552 p.; 21x30 cm. ISBN: 978-65-00-06267-0 Registrado em: 06/07/2020 Disponível em: <https://sme.pontagrossa.pr.gov.br/wp-content/uploads/2020/07/Referenciais-curriculares-para-os-anos-iniciais-do-Ensino-Fundamental-1.pdf> Acesso em: 10 mai. 2021.

NAÇÕES UNIDAS NO BRASIL. **Agenda 2030 para o Desenvolvimento Sustentável**. Disponível em: <https://nacoesunidas.org/wp-content/uploads/2015/10/agenda2030-pt-br.pdf> Acesso em: 19 set. 2020.

NALINI, José Renato. **Por que Filosofia?** 3ª. Ed. São Paulo: revista dos tribunais, 2013.

NEP/UEPG. <https://www2.uepg.br/nep/quem-somos/> acessado em 01.10.2021.

NISKIER, Arnaldo. **Os saberes de Morin**. Academia Brasileira de Letras. 2008. Disponível em: <https://www.academia.org.br/artigos/os-saberes-de-morin> Acessado em 04 out. 2020.

CNPq. Grupo de pesquisa: Cultura de Paz, Direitos Humanos e Sustentabilidade. <http://dgp.cnpq.br/dgp/espelhogrupo/0694520967959188>

ONU. **Declaração e Programa de Ação sobre uma Cultura de Paz**. Disponível em: <http://www.comitepaz.org.br/download/Declara%C3%A7%C3%A3o%20e%20Programa%20de%20A%C3%A7%C3%A3o%20sobre%20uma%20Cultura%20de%20Paz%20-%20ONU.pdf> >. Acesso em 22 ago. 2020.

ORGANIZAÇÃO PANAMERICANA DE SAÚDE – OPAS. **Folha Informativa sobre a Covid-19**. Disponível em: <https://www.paho.org/pt/covid19> Acessado em 12 abr. 2021.

OTA, Iolanda Keiko. **A vida do Ives Ota: O mensageiro da paz!** Iolanda Keiko Ota, Masakata Ota. São Paulo: Movimento da Paz e Justiça Ives Ota, 1999, p.39 a 45.

PALS, Daniel L. **Nove teorias da religião; tradução de Caesar Souza**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2019. (Coleção Antropologia)

PINTO, Edmara de Castro; MAIATO, Alexandra Moraes. **Educação para a paz na prática docente: uma abordagem neurocientífica.** In: MATOS, Kelma Socorro Lopes de (Org.). Cultura de paz, educação e espiritualidade III. Fortaleza: EdUECE; Impresse, 2016.

PRATAS, Cláudia Alves. **As Testemunhas de Jeová e a Discriminação no Acesso a Tratamentos Isentos de Sangue.** e-Pública. Lisboa, v. 3, n. 2, p. 160-193, nov. 2016. Disponível em: http://www.scielo.mec.pt/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S2183-184X2016000200008&lng=pt&nrm=iso Acesso em: 24 jan. 2021.

REALE, Miguel. **Lições preliminares de direito.** 24ª. ed. – São Paulo: Saraiva, 1998.

REDYSON, Deyve. **Sobre o conceito de religião nas religiões orientais.** Religião direitos humanos & laicidade. Luiz Alexandre Solano Rossi, Sérgio Junqueira (organizadores) - São Paulo: Fonte Editorial, 2015.

RIVERA, Dario Paulo Barrera. **Laicidade, Religião e Direitos Cidadãos.** Religião direitos humanos & laicidade. Luiz Alexandre Solano Rossi, Sérgio Junqueira (organizadores) - São Paulo: Fonte Editorial, 2015.

SALLES FILHO, Nei Alberto. **Cultura de Paz e Educação para a Paz: olhares a partir da Teoria da Complexidade de Edgar Morin.** Tese de Doutorado. 2016. Disponível em: <https://tede2.uepg.br/jspui/bitstream/prefix/1211/1/Nei%20Alberto%20Salles%20Filho.pdf> Acesso em 04 mai. 2020.

SALLES FILHO, Nei Alberto; SALLES, Virgínia Ostroski. **Cultura de Paz como componente da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional: dilemas e possibilidades.** Publ. UEPG Appl. Soc. Sci., Ponta Grossa, v. 26, n. 2, p. 189-201, maio/ago 2018. Disponível em <<http://www.revistas2.uepg.br/index.php/sociais>> Acesso: em 06 set. 2020.

SALLES FILHO, Nei Alberto. **Cultura de paz e educação para a Paz: Olhares a partir da teoria da complexidade.** Campinas, SP: Papirus, 2019.

SAMPAIO, Daniela Dias Furlani; MATOS, Kelma Socorro Alves Lopes. Espiritualidade e Educação: **A meditação pela Paz com Jovens em Fortaleza.** Kelma Socorro Alves Lopes de Matos. Raimundo Nonato Junior. [organizadores]. Cultura de paz, ética e espiritualidade IV. Fortaleza: Edições UFC, 2010.

SARAIVA, Daniele Alves et al. **Os Valores Humanos e a educação integral da criança.** Cultura de Paz, Educação e Espiritualidade III. Kelma Socorro Alves Lopes de Matos (Org.) - Fortaleza: EdUECE; Imprece, 2016.

SCACHETTI, Ana Lígia. Série especial: História da Educação no Brasil. **De onde vem e para onde vai a escola brasileira.** Nova Escola. Ed. 263, 2013. Disponível em <https://novaescola.org.br/conteudo/1910/serie-especial-historia-da-educacao-no-brasil> Acesso em 15 jul. 2020

ISILVA, José Afonso da. **Curso de Direito Constitucional Positivo**. 37. ed. São Paulo: Malheiros, 2013.

SIRE, James W. **Dando Nome ao Elefante**. tradução: Paulo Zacharias e Marcelo Herberts - Brasília, DF: Editora Monergismo, 2012.

SLOTERDIJK, Peter. **Pós Deus**. Tradução de Markus A. Hediger. Petrópolis, RJ: Vozes, 2019.

SOUZA, Ney de. **A Liberdade Religiosa e a Função Pública das Religiões**. Religião direitos humanos & laicidade. Luiz Alexandre Solano Rossi, Sérgio Junqueira (organizadores) - São Paulo: Fonte Editorial, 2015.

TUPORÉM. **Qual sua cosmovisão?** <https://tuporem.org.br/qual-a-sua-cosmovisao/> Acesso em 15 de abr. de 2022.

UNICEF. **Declaração Universal dos Direitos Humanos de 1948**. Disponível em: <https://www.unicef.org/brazil/declaracao-universal-dos-direitos-humanos> Acesso em: 01 jul. 2020.

WEBER, Max. **Economia e Sociedade: fundamentos da sociologia compreensiva**. trad. Regis Barbosa e Karen Elsabe Barbosa; ver. Téc. De Gabriel Cohn, 3ª ed. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2000.

APÊNDICE A – ENTREVISTAS PARA COLETA DE DADOS

Todas as entrevistas da respectiva pesquisa de campo foram abaixo colacionadas.

Comitê de Ética, parecer: nº 4.182.111.

APÊNDICE A – ENTREVISTAS

A

Professora Adriane de Oliveira Bueno

Escola Municipal Frederico Constante Degraf

5º ano

Eixo 1: Cultura de Paz

1- Qual a sua concepção sobre a Paz e Cultura de Paz? Descreva.

Então, para mim a questão da paz e da cultura de paz ainda é um processo que a gente tá engatinhando acho que nós estamos começando agora a refletir sobre isso. Apesar de que já tem alguns trabalhos acadêmicos algumas coisas né? falando alguns materiais falando já há muito tempo sobre isso, eu acredito que na escola, na educação, esse despertar é muito recente né? Tanto pelas leis pelas diretrizes que nós temos aí ela é mais, mais recente na sua prática até falávamos antes, mas, não nesses termos de cultura de paz e de paz. Então para mim essa concepção ela é muito nova ainda eu mesmo estou aprendendo agora vamos dizer assim, apesar de que é... intuitivamente já trabalhava já desenvolvia certa forma, mas, não assim um estudo sistêmico de uma forma mais acadêmica ficávamos assim nesse sentido então pra mim essa a cultura de paz é algo assim que a gente está começando até porque é uma cultura não se modifica de uma hora pra outra é um processo longo é um processo árduo que leva gerações para se colocar mas, tem que começar, de certa forma tem que que começar. E eu acredito assim que, todas as leis que antecedem, assim dos direitos humanos, até mesmo do ECA veja, faz 30 anos que temos o ECA mas, ainda temos muito ainda que fazer para nossas crianças então realmente é um processo que a gente conversa a gente fala muito mas ainda temos muito a caminhar muita coisa mas estamos no caminho.

2- Você acha possível inserir a Cultura de Paz nas escolas, conforme preceitua a LDB desde 2018?

Eu acredito que sim. Eu acredito que é possível e é necessário, é possível é necessário trabalhar isso e assim o que eu percebo esse trabalho da cultura de paz é um trabalho não só é teórico mas ele é vivencial, porque eu não posso ter uma cultura de paz falar sobre cultura de paz falando sobre a paz o respeito e isso não acontecer dentro do espaço que daí fica né um paradoxo é algo assim que, eu falo uma coisa e faço outra então, eu acredito que é possível mas tem que ter uma mudança de postura e pra gente mudar a postura gente tem que conhecer tem que estudar tem que saber tem que querer tem que ter vários, são vários fatores mas eu acredito que sim.

3- Qual a relação entre Cultura de Paz e Educação para a Paz?

Eu acho que uma complementa a outra você precisa de uma educação para que você tenha uma cultura né então tudo passa pela educação, passa pela vivência e aí você vai desenvolvendo uma cultura em relação a isso então uma depende da outra para existir.

4- Você acha que o incentivo e a utilização dos valores humanos podem colaborar para uma Cultura de Paz na sua escola?

Eu acredito que sim, o incentivo e a utilização dos valores eu sou muito assim, eu acredito muito no exemplo né? no exemplo que você passa, porque se você enquanto professor você fala para o aluno, para ele falar baixo para ele não gritar, não sei o quê, e você grita você né? fala pra ele não brigar com o colega mas daí você humilha teu aluno em sala de aula, você briga com ele de maneira assim grosseira ele não vai aprender não adianta, não resolve, então eu acredito que, o exemplo, a utilização mesmo, o exemplo, porque aí quando você parte do exemplo eu não faço com você e também não admito né que façam pra mim aí uma via de mão dupla, eu acredito que sim.

5- Você tem alguma prática pedagógica que inclua os valores humanos para uma Cultura de Paz na sua escola? Se sim, comente:

Então é, dentro do que eu trabalho assim, dentro do meu dia a dia como eu te falei, até então era muito mais intuitivo né mais do da minha vivência, do que eu aprendi, das minhas leituras tal... do que projeto pedagógico, uma questão assim mais

sistemática mas sistematizada desse conceito mas, assim dentro da minha prática eu tenho algumas ações que eu tenho que fazer com os alunos para que eles compreendam então a gente trabalha alguns textos a gente trabalha histórias que trabalham né com essas questões relacionados valores humanos dentro da nossa sala nós temos os combinados que são seguidos por todos é, eu tenho uma questão, uma prática assim por exemplo, eu não grito dentro da sala de aula, não grito, eu detesto que gritem comigo então, eu é também um grito né não chamo a atenção alto então a gente tem uns jogos que a gente faz para que quando eles estão muito agitados, para que eles se acomodem então nós temos assim práticas é, dou voz para os alunos então quando acontece um conflito eu não saio brincando gritando vamos lá pra diretora não! vamos sentar eu tiro os alunos que estão envolvidos da sala de aula, vamos sentar e vamos conversar o que que aconteceu primeiro falo por fala por que nós podemos resolver isso então o diálogo, eu valorizo muito essa questão do diálogo da conversa vamos entender o que está acontecendo como que nós podemos resolver isso será que existe outra maneira é assim por diante.

Eixo 2: Ensino Religioso/Espiritualidade

1- Qual a sua opinião sobre ministrar a matéria de Ensino Religioso, conforme consta da legislação educacional brasileira?

Pois então, em relação a isso eu acredito que tem que ter uma formação muito séria dos professores que vão trabalhar esse tema, é um tema que não né em geral na nossa sociedade é um tema muito delicado as pessoas ainda têm a ideia de que ensino religioso é eu ensinar um dogma religioso é catequizar alguém e não é isso, não tem nada a ver com isso, as pessoas que vão trabalhar esse tema elas têm que ter uma abertura em uma sensibilidade para aceitar o diferente para aceitar aquilo que não é seu porque às vezes eu tenho uma religião e acaba que eu tenho uma tendência aí para essa região e achar que aquilo está certo e de certa maneira na minha fala mesmo inconscientemente, mesmo não querendo um das vezes acaba é causando um mal estar em outras né um causando assim tipo desdenhando fazendo um certo vamos dizer assim, preconceito em relação às crianças e ao ensino mesmo né?, então porque quando a gente fala, tudo fala na gente não é só o corpo a forma então de repente se vamos não fala lá na liberdade falar eu sou a umbanda e eu sou uma pessoa extremamente conservadora dentro da minha religião de repente eu posso

fazer uma cara uma coisa de susto, de nossa, mas você frequenta isso posso não falar mas posso minha postura pode indicar e as crianças captam isso né? então eu acredito que esse ensino tem que ter uma informação tem que ter uma formação muito grande tem que ser pessoas assim que tenho essa sensibilidade essa abertura para o novo muito diferente e estejam abertas aprender e acho que o primeiro passo é esse porque se não nós podemos fazer estragos assim bem grandes aí, podemos dar uma aula carregada de preconceitos e de coisas que não são legais.

2- Como se dá a aplicação da matéria de Ensino Religioso na escola em que atua? Descreva:

Vou ser bem sincera com você, o que me despertou mais para essa matéria de ensino religioso foi a construção do material que aí eu me coloquei a estudar sobre, por que quando você trabalha no quarto e quinto ano principalmente nos anos que tem IDEB, o índice de desenvolvimento da educação básica, você acaba focando em português e matemática e até então essas disciplinas ficaram em segundo, terceiro plano, vamos dizer assim né? então acabava que a gente trabalhava às vezes um texto língua portuguesa que a gente aproveitava para trabalhar mas assim muito por cima vamos dizer assim, agora com essas questões de bloco que foram colocadas pela Secretaria da Educação, acaba nos forçando a trabalhar, quando coloca vamos assim a ter um horário né pra esse essa disciplina, quando coloca uma professora específica para isso então ela vai trabalhar sobre isso! Então eu vejo assim que, até então a minha sinceramente, ensino religioso ficava pra quando dá tempo, no último horário, uma coisa assim muito por cima assim sabe? Bem daquele jeito! Então agora quando eu comecei a estudar comecei a fazer assim, o material aí eu comecei a olhar diferente e agora com as aulas da TV também. Porém, não deu tempo ainda de aplicar porque aí já veio a pandemia e encerrou tudo, então eu não sei o que te dizer exatamente.

Esta aplicação que vocês têm feito através das aulas, tem surtido assim algum efeito positivo ou negativo?

Pois então, nós temos assim os dois lados, tanto as pessoas que ainda não entenderam o propósito que, ainda dizem que não devia ter essa aula porque “eu tenho ensinar ele”, já fala por que quem ensina religião em casa é a mãe, o pai e o nosso intuito não é esse! Então as pessoas não entenderam objetivo ainda dá aula né de ensino religioso ou então tem aqueles que gostam em que diz que estão

aprendendo muito que nossa tanta coisa que eu não sabia que achava que era diferente e que tão gostando muito, e tem assim, a gente tem o retorno das atividades as crianças fazem, a gente acha que não vão fazer não, mas eles fazem eles escrevem até porque as tarefas a forma de colocar é muito “fale sobre você” sobre “como você vivencia isso”, “como que você percebe”. Então, se torna mais pessoal para eles.

3- Você entende que Religião e Espiritualidade são sinônimos? Comente:

Ah eu não acho que são sinônimos assim, elas se completam, porque assim, a espiritualidade está muito além de uma religião, de um dogma religioso, de um preceito religioso. Espiritualidade está acima de tudo, tem pessoas espiritualizadas que tem uma vivência assim espiritual, mas, não segue nenhuma religião em específico, então pra mim, na minha ignorância né? Acredito que não, que não necessariamente as duas são sinônimos, mas quando você tem uma religião você está desenvolvendo a tua espiritualidade dentro daquela religião, mas, não necessariamente você precisa uma religião para ter uma espiritualidade ou para desenvolvê-la, acredito que seja isso.

4- Você acredita que o binômio Ensino Religioso/Espiritualidade possa servir de estratégia para promover ações de Cultura de Paz na escola em que atua e outras escolas? Já existe alguma prática nesse sentido na sua escola?

Eu Acredito que sim, que dá sim, que esses dois dá para unir muito, e assim, se a gente dentro do estudo das religiões, todas elas pregam uma cultura de paz. Aí o que a gente vê é uma assim ela não quer que eu possa dizer a palavra, as pessoas interpretam errado, deturpam a essência da religião que aí a gente vê aquelas guerras, aquela violência, ataque. Então, eu acredito que sim, que esse binômio é uma estratégia.

Eixo 3: Cinco Pedagogias da Paz

1- Você conhece as cinco pedagogias da paz?

Não conheço profundamente.

2- Você acha que a pedagogia dos valores humanos, intrínsecos ao ser humano pode colaborar para uma Cultura de Paz na sua escola?

Eu acredito que sim, com certeza né? porque os valores humanos, ele tem que ser a base de toda uma convivência, de valores de respeito, da diversidade, das culturas dos povos, da aceitação do outro. Eu acredito que sim!

3- Em que você acha que a pedagogia dos direitos humanos pode colaborar para uma Cultura de Paz na sua escola?

Eu acredito, eu acho muito importante essa questão voltada para os direitos humanos porque a criança tem que saber né, desde sempre, os direitos que elas têm, e elas não sabem, então ela tem esses direitos que é um direito que é de toda a humanidade não só dela, como de todas as pessoas. E eu acredito que as nossas crianças, o público que a gente trabalha, eles só vão ter esse conhecimento muitas vezes, nem todos, não vamos generalizar, mas, uma grande quantidade, só vai ter esse conhecimento, essa vivência na escola, porque em casa, às vezes, todos os direitos humanos dela são violados, desrespeitados né?

4- Em que você acha que a pedagogia dos conflitos pode colaborar para uma Cultura de Paz na sua escola?

Importantíssimo, eu acho que o conflito de certa forma, eu acho que ele é, a crise o conflito é uma possibilidade. Uma possibilidade de você verificar o que está acontecendo, porque às vezes aquele conflito, ele desemboca ali né, vamos dizer é o estopim, é o auge, mas o importante é o que está por trás daquilo são outras coisas muito maiores. Então sempre um conflito, eu trabalho através do diálogo e da conversa. Então, eu tenho que entender o que está acontecendo né, entre duas pessoas ou um grupo, todos falam, todos tem seu direito de fala. Se for o caso, eu chamo individual para ver o que está acontecendo por trás, porque às vezes é uma questão lá na casa, na família, que aí a criança vem com isso, e de que maneira a gente pode ajudar, então eu dou esse lugar de fala de diálogo e também de acolhida para esse sofrimento, né, porque o conflito gera um sofrimento em ambas as partes. Então, eu tento trabalhar nesse sentido, sabe sempre o do diálogo e da conversa.

5- Em que você acha que a pedagogia da ecoformação pode colaborar para uma Cultura de Paz na sua escola?

Eu também acredito nessa questão da ligação das coisas, dessa interligação entre tudo, a gente não pode ter uma cultura de paz no lugar onde se maltrata animais, onde não se cuida do meio ambiente, onde tem lixo, não tem rede de esgoto, de saneamento básico, quer dizer, eu não posso ter uma cultura de paz num lugar onde estão se degradando, onde estão sendo violados: a natureza, o meio ambiente, os animais, as pessoas... Então, eu acredito que realmente, para uma cultura de paz precisa que as necessidades básicas, as questões básicas sejam respeitadas e sejam vivenciadas, e eu vejo assim que as crianças, elas são muito abertas a isso, elas aprendem muito fácil e aí elas levam para casa certas atitudes, certos conceitos que algumas famílias adotam, algumas famílias mais maleáveis mais abertas, outras não, dizem que é mimimi, que é besteira. Porém, a semente está ali, um dia talvez que essa criança cresça né, de repente tenha sua família, sua casa, talvez ela faça diferente onde ela vive. Mas, eu acho assim, não pode ter cultura de paz se não tiver realmente, quase tudo ao seu entorno bem também, né? Em paz.

5- Em que você acha que a pedagogia das vivências/convivências pode colaborar para uma Cultura de Paz na sua escola?

Eu acredito que a convivência é tudo né? Porque quando você convive você aprende a dividir, você aprender escutar outras pessoas, outras ideias, outras vivências. Realmente agora na Pandemia tá muito complicado, não sei nem te dizer como que tá, porque a gente acaba se perdendo nisso né? Não sei, talvez a gente só vá ver quando é retornar, pra gente ver o impacto que isso gerou realmente na vida das crianças. Mas, o que a gente percebe que para elas é muito difícil, porque criança é vivência, é vida, é brincadeira, é sair, é passear, é olhar, é observar... Então realmente isso é bem complicado nesse momento. E nossa, eu gosto muito de sala de aula, dessa questão das vivências que acontecem nesse aprendizado e eu vejo assim, muito questão da postura do professor também em relação a isso porque tem algumas posturas que colaboram para as rixas, para as disputas. Às vezes até os professores mesmo, em sala de aula, colocam muito isso né? de ser essa disputa em vez da colaboração a disputa, quem é o melhor, quem não sei o que, aquele ou aquele outro. E acaba às vezes que, os alunos que teriam potencial para alguma coisa, ficam meio de lado. E as crianças, elas entendem isso e elas começam a fazer a mesma coisa, começam a isolar, começam a fazer bullying começam a dizer: “não, você é burro”, “você não consegue”.

B

Professora Cristina Izabel Küster
Escola Municipal Vereador Orival Carneiro Martins
Sala de Recursos Multifuncional - SRM

Eixo 1: Cultura de Paz**1- Qual a sua concepção sobre a Paz e Cultura de Paz? Descreva.**

Vejo a paz como algo necessário para se viver em paz, de bem com o próximo né? e a cultura de paz ela é um estudo é um aprofundamento maior aonde cada um vai compreender exatamente o significado desta palavra para toda a humanidade.

2- Você acha possível inserir a Cultura de Paz nas escolas, conforme preceitua a LDB desde 2018?

Agora não me recordo dessa inserção na LDB, no entanto, eu penso que a cultura de paz deveria sim, eu acredito que vai beneficiar muito o trabalho de todas as escolas dos professores em sala de aula, o convívio entre as crianças, acredito que sim.

3- Qual a relação entre Cultura de Paz e Educação para a Paz?

Eu acredito que elas estão interligadas, uma necessita da outra para que funcione, uma precisa da outra e assim funciona corretamente.

4- Você acha que o incentivo e a utilização dos valores humanos podem colaborar para uma Cultura de Paz na sua escola?

Com certeza porque é os valores humanos eles já são já tornam a situação de paz, a paz existe devido aos valores humanos, no entanto, esses valores humanos devem ser compreendidos, né? ser passados para os alunos, eu penso que sim que é importante esse incentivo né os valores humanos são uma conexão para existir a cultura de paz, pra existir a paz né?

5- Você tem alguma prática pedagógica que inclua os valores humanos para uma Cultura de Paz na sua escola? Se sim, comente:

Eu acredito que sim, o tempo todo até porque na multifuncional, uma sala onde você trabalha diferente você trabalha com crianças especiais que tem uma necessidade especial, você tem que trabalhar o coletivo, trabalhar a inclusão, trabalhar amor ao próximo, o respeito então, a gente busca estratégias, músicas, brincadeiras, pra estar fazendo essa ligação com os demais alunos da escola também, para que eles entendam que a diferença não quer dizer que você não possa brincar com aquela criança que você tem que deixá-la excluída, que a diferença faz parte hoje, que todos nós temos as nossas diferenças e que assim a gente respeitando o outro e a gente aprende muito com a diferença do outro né?

Quais os tipos de especialidades?

Eu tenho várias necessidades, tenho autistas, tenho crianças que tem apenas problemas motores né? dificuldades de locomoção, eu tenho crianças com síndromes que ainda fazem o uso de fraldas, que ainda não falam, tem uma síndrome, síndrome de Noonan, e eu tenho crianças que tem déficit de atenção, tem aqueles que são hiperativos, então tenho uma demanda assim bem diferenciada sabe? E trabalhar com cada um, a gente aprende muito, muito, tenho crianças que tem aquele transtorno opositor desafiador. Então é um aprendizado constante, tem que ter muita paciência, força de vontade, porque é um trabalho a longo prazo, não é um trabalho que você consegue resultado de um dia pro outro, mas, é um trabalho muito significativo. O que mais prevalece para que tudo aconteça e que ele se desenvolva, é a parte emocional, é o carinho, é o afeto, é o respeito, então isso tudo envolve a paz, para você trabalhar com eles, você tem que ter aquela empatia por eles, pela família.

Eixo 2: Ensino Religioso/Espiritualidade

1- Qual a sua opinião sobre ministrar a matéria de Ensino Religioso, conforme consta da legislação educacional brasileira?

Então, trabalhar o ensino religioso é um assunto bem complexo é um tema que abrange várias situações religiosas né? vários tipos diferentes de religião, cada um tem a sua forma de pensar, de professar a sua fé, então, é um assunto bem complexo você tem que trabalhar mais a parte humana no sentido assim do humano, do ser humano, do respeito. Na verdade, de respeitar a diversidade religiosa que hoje nós temos muito, né? Então, é um assunto que tem que ser muito bem pensado antes de ser apresentado, porque ele tem vários caminhos que ele pode deixar dúvidas que ele

pode deixar é mal resolvido, mal-entendido então buscar mais eu acho que nas escolas a questão do respeito às diversidades do respeito às diferentes religiões já está cultivar a sua fé, então, eu acho que é nesse viés.

2- Como se dá a aplicação da matéria de Ensino Religioso na escola em que atua? Descreva:

Então, na minha escola eu não tenho muito acesso a essa questão porque daí como eu trabalho numa sala diferenciada eu faço assim, a gente canta muita música que envolve essa questão do respeito, do amor, do cuidado. Então, eu procuro sempre músicas assim, para estar incentivando eles, sabe? Eu sempre pesquiso (essa música é legal) trabalhando com os valores. Porém, nas salas de aula com as regentes eu não sei como elas procedem.

3- Você entende que Religião e Espiritualidade são sinônimos? Comente:

Eu acho que cada uma tem uma forma de pensar, a religiosidade tem espiritualidade, porém, a espiritualidade nem sempre tem a ver com religiosidade por que você pode ter tua crença, tua espiritualidade mas, não tem religião. Então, a religião mas já é uma outra forma de pensar, com certeza as duas podem estar ligadas porém, cada uma também tem a sua individualidade.

4- Você acredita que o binômio Ensino Religioso/Espiritualidade possa servir de estratégia para promover ações de Cultura de Paz na escola em que atua e outras escolas? Já existe alguma prática nesse sentido na sua escola?

Quanto à prática em sala de aula, como eu te falei eu não tenho muito conhecimento né? Mas, eu acredito que pode beneficiar sim, pode ser um caminho, hoje a gente tem um pensamento mais amplo a gente já tem um conhecimento melhor sobre toda essa situação sobre a espiritualidade sobre a religiosidade né? com certeza isso são, eu acredito que claro que você tem que pensar no lado positivo disso tudo né? pensando no que é bom pra você seguir uma criança, o que a beneficia. A espiritualidade também com os benefícios que ela traz para você enquanto ser humano para sua família para quem é o teu redor né? então pensando nesse caminho acredito que sim que ela é importante.

-Nesse grupo de formação humana que vocês estão trabalhando, qual é o teu papel? o que você tá fazendo?

Então aqui, até é um assunto bem interessante né? O que a gente está trabalhando agora, neste momento, tem vários temas né a gente trabalha mais a parte de, se você for pra você perceber, todas as nossas aulas têm enfoque no respeito, no saber conviver em harmonia sabe? Então o objetivo da nossa aula, o meu tema por exemplo agora é fraternidade, só que é o respeito da convivência. Como é que eu vou trabalhar com meu próximo? como que eu vou conviver com o meu próximo agora eu estou em casa? como é que eu vou conviver com meu próximo? Então a gente tem que achar meios para fazer com que a criança ela perceba que, por exemplo se eu vou trabalhar com o primeiro ano a gente vai usar palavras mágicas né? bom dia, boa tarde, um boa noite, um desculpe, um obrigado. Então fazer a criança perceber que uma simples palavra pode fazer toda a diferença naquele ambiente que ela vive, né? Um simples sorriso pra outra pessoa pode fazer uma diferença para outro que recebeu né? Então a gente trabalha muito nesse sentido sabe? E eu faço parte, assim todos nós trabalhamos nesse mesmo objetivo né? Então a gente trabalha religião, mas, a religião voltada para essa questão humana, do respeito né? a formação humana mas na religião né? No entanto, a gente não pode usar o termo Deus porque muitas pessoas não têm a ser né conseguem essa fé mas esse não tem essa crença no Deus que a gente tem né? No entanto, a gente trabalha no respeito né? Sabendo que todos prezam por um fim que é o mesmo que a paz, que é a convivência harmoniosa, que eu respeito né? Então fazer fazendo com que todas as pessoas percebam que essa religião que a gente tem na nossa aula, ela não é a religião, por exemplo, ah eu sou da religião católica né? Não, é no sentido assim que abrange é mesmo a paz, a união, o respeito é isso que eu o que eu vejo assim de todas as nossas aulas.

Eixo 3: Cinco Pedagogias da Paz

1- Você conhece as cinco pedagogias da paz?

Não, mas conheci você me falando.

2- Em que você acha que a pedagogia dos valores humanos, intrínsecos ao ser humano pode colaborar para uma Cultura de Paz na sua escola?

Sem sombra de dúvida, com certeza por que só tem a beneficiar né? eu acredito que como a gente comentou a questão de conflitos, vai ajudar a solucionar problemas, conflitos que existem muito dentro da sala de aula, dentro da escola como

um todo, até como funcionários muitas vezes né? eu acho que no geral, o trabalho pedagógico educativo, ensinando como se resolver problemas né? como se viver em harmonia, como ajudar o próximo. Eu acredito assim que seria excelente. Acredito que ainda falta muito isso porque é, a gente espera muitas vezes da família quando que na verdade a família joga esse papel pra escola. Os valores humanos eu penso que deveria vir de berço, da base familiar criança já vir com esse embasamento com essa bagagem de valores humanos contudo, a gente tem que dar na escola esse aprendizado, esse ensino para o aluno. Então acho importante.

- Essa situação é da maioria, da minoria, como é?

Eu acredito que entre 40% a 60% ainda tem esses valores, mas ainda tem, depende do lugar, do ambiente, da forma como as famílias são geradas, dependendo localização eu acho, tem famílias que aquele valor humano aqui tem famílias que não né? Infelizmente eu vejo muitas assim, crianças que você vê que não tem nada.

- Você acha que isso está atrelado com a pobreza, ou com a falta de ter um conhecimento, de ter acesso às coisas?

Olha eu acho que não é tanto da pobreza, eu acredito que é mais o que você aprendeu, claro que, você pode fazer a diferença não quer dizer que se você não aprendeu isso, se você não foi criado dessa forma, você "Ai, eu não vou saber educar meu filho então, não vou saber ensinar ele a ter uma né, os seus valores". Pode, contudo tem muitas famílias que já vem de uma situação debilitada, eu digo assim de repente até a pobreza junta tudo né? Mas, nem sempre a pobreza é motivo porque tem muitas pessoas que são humildes e elas têm um valor humano muito grande então, não quer dizer que seja esse o motivo mas, em muitos casos já gera a pobreza também está envolvida porque daí a pessoa, ela já não tem um, não tem uma expectativa de trabalho, de futuro né? já gera pobreza, gera desinteresse e já era desinteresse na criança que tanto faz se a criança for pra escola ou se não foi, se fez a tarefa ou se não fez, se chama os pais para reunião não vem porque para eles, tanto faz como tanto fez, então eles não têm uma expectativa de vida não tiveram e não está nem aí para os seus filhos! Mas, não exatamente tem a ver com a pobreza. Eu penso assim!

3- Por equívoco, não foi realizada a pergunta sobre os Direitos Humanos.

4- Em que você acha que a pedagogia dos conflitos pode colaborar para uma Cultura de Paz na sua escola?

Eu acho que teria que ser bem, vamos dizer assim, trabalhado com as crianças, trabalhado com a professora, ensinado, fazendo com que a criança e o educador perceba que, saiba aproveitar aquela situação, naquele momento e já aproveita e já explica e já ensina, mostra que aquele conflito, levando pro lado positivo, que isso pode ensinar-nos que a gente pode melhorar nesse sentido, que a gente percebeu que, “Ah mas você também tem a sua diferença mas, vamos fazer diferente agora?” eu acho que naquele momento o professor tem que aproveitar e mostrar o lado que pode ser aproveitado, o lado positivo daquela situação.

5- Em que você acha que a pedagogia da ecoformação pode colaborar para uma Cultura de Paz na sua escola?

Eu percebi que ainda tem muitas coisas que a gente precisa melhorar mas, como no caso só eu como professora de criança com necessidades especiais e eu acho que como um todo também para o desenvolvimento da aprendizagem do aluno, é interessante você buscar diferentes meios pra ensinar um assunto. Porque os outros alunos que são especiais, a gente precisa isso, de repente eu tive uma ideia de trabalhar um jogo e não deu certo, então, eu vou ter que achar uma outra estratégia já que poxa não deu certo, eu tenho que pensar numa outra forma de ensinar ele, e na sala de aula onde tem diversos alunos, por mais que eles não tenham a necessidades especiais, de repente que um aluno especial que tenha laudo, tem muita criança com dificuldade de aprendizagem ou que não consegue aprender daquele jeito, precisa aprender de outro jeito né? De repente, precisa sair da sala, precisa ir na quadra né? Precisa chamar uma outra pessoa de fora, de repente, pra vir dar uma palestra né fazer uma coisa diferente então acho que isso é muito importante.

6- Em que você acha que a pedagogia das vivências/convivências pode colaborar para uma Cultura de Paz na sua escola?

De repente seria no sentido assim, eu convivo com você eu estou tendo um...a gente por exemplo na escola, a partir do momento que você tem um ambiente que você convive aquelas pessoas que se passa conviver com aquelas pessoas, você passa a ter uma visão diferente do convívio né? Por exemplo, vamos usar um exemplo de uma criança que tem um convívio familiar turbulento e ela vive numa sala de aula

onde ela aprende no convívio com os outros com os professores é que pode ser diferente e ela pode levar isso pra casa dela pra família dela ensinar isso na casa da família dela foi isso que eu entendi ele mas, assim no sentido de que se eu tenho uma vivência pela convivência eu vou passar de repente, a amadurecer a minha forma de pensar na forma de agir.

- Entre os alunos você acha que também eles convivendo com as dificuldades com as necessidades que você falou que cada um tem, você acha que eles crescem como pessoas, ajuda eles?

Tendo um mediador junto sim, talvez por conta própria os menores eu acredito que eles não tenham essa visão, talvez até meio sem perceber eles acabem se modificando algumas situações, no entanto, eu acho que o mediador, o professor que tá dentro da sala de aula tem que estar sempre mediando, tem que tá observando, estar instruindo os alunos a perceber o quanto é importante aquelas atitudes boas né? tanto pra sala de aula, quanto pra fora, quanto pra né? pra viver em sociedade.

C

Professora Ediclelaine Aparecida de Melo

Escola Municipal Prefeito Coronel Cláudio Gonçalves Guimarães

Sala de Recursos Multifuncional - SRM

Eixo 1: Cultura de Paz

1- Qual a sua concepção sobre a Paz e Cultura de Paz? Descreva.

Olha o eu que eu li até agora sobre cultura de paz, né? Até por causa da aula que eu tenho que trabalhar né é que elas são um conjunto de normas é um conjunto de atitudes na verdade né? Pra se tentar promover a paz, um ambiente onde você tá na sociedade. Foi isso o que eu entendi! O que li pra fazer a minha aula! E a paz pra mim é você conviver bem com as pessoas, no ambiente que você tá, é tentar resolver os conflitos por meio do diálogo né? E conviver pacificamente

2- Você acha possível inserir a Cultura de Paz nas escolas, conforme preceitua a LDB desde 2018?

Sim, eu acho até porque a gente já trabalha né? Tem uma disciplina dentro da escola né? que já trabalha com isso, paz, o respeito aos valores na verdade então, eu acho que isso já é um caminho para inserir né? a cultura de paz dentro da escola.

3- Qual a relação entre Cultura de Paz e Educação para a Paz?

Ai olha cultura de paz seria aquele conjunto de tudo que a gente pode fazer para promover a paz e educação para a paz seria o que a gente passa para as crianças na escola né? Desde a educação infantil, trabalhando os valores que levam à paz né? A paz em casa, a paz na sociedade, a paz ali na sala de aula né? dentro da escola a gente trabalha tudo procurando a convivência pacífica de quem está ali dentro né? e eles levam para casa isso né? e uma vez levando para casa depois eles passam pra frente.

4- Você acha que o incentivo e a utilização dos valores humanos podem colaborar para uma Cultura de Paz na sua escola?

Sim, pode valores humanos assim o respeito a gente tem até uma professora que trabalhou bastante tempo com um projeto sobre valores então o respeito, a compaixão, a solidariedade, a bondade. Dos valores até para você cuidar do planeta ao meio ambiente então, a gente tem algumas disciplinas que trabalham isso né dentro da escola.

- Você comentou que tem uma disciplina sobre isso você acha que vocês trabalham isso de forma específica em uma disciplina ou que vocês trabalham de uma forma transversal?

Não, a disciplina foi inserida agora. Formação humana é que nós estamos trabalhando na TV. Formação Humana/Ensino Religioso, a gente não pode falar de uma religião específica mas, a gente tenta passar para as crianças a questão da diversidade, do respeito então, dentro da escola a professora que assume essa disciplina tem especificamente esse conteúdo: paz, valores para trabalhar com as crianças, mas, as outras professoras também trabalham dentro da disciplina delas né? nada impede de que na aula de português você trabalhe, então todas trabalham. Mas, especificamente essa que tem mais específico mesmo. Mas, todas trabalham assim, até por conta de quando aparece uma discussão na escola alguma coisa né? a professora tem que mediar e você já aproveitam por ganchinho ali e vai.

5- Você tem alguma prática pedagógica que inclua os valores humanos para uma Cultura de Paz na sua escola? Se sim, comente:

Sim, eu tenho ali, agora tá meio caidinho ali, o meu cantinho dos sentimentos, se quiser dar uma olhada!

- Eu quero sim! Depois eu posso tirar umas fotos?

Está aí desde março, até caiu, mas tem um potinho para cada sentimento né? Medo, solidão, harmonia, preguiça, paixão, angústia, amor, gratidão... Todos os sentimentos, olha lá culpa, que eu procuro trabalhar com os meus alunos, aí eu fiz assim uma vez por semana a gente pegava um potinho para começar a trabalhar aqueles sentimentos com eles, aqui né? na minha sala e eles levaram isso para a sala de aula até tem um potinho que acho que é o do mesmo, que eu consegui trabalhar antes de nós entrarmos em isolamento. Aí na internet tem toda uma coleção sobre esses sentimentos aí tem uns vídeos aí eu fiz com eles do medo, e eles tinham que escrever para mim do que eles tinham medo, quem sabe escrever escreve, quem não sabe desenha.

- Com esses alunos especiais ou com todos os alunos?

Eu fiz com os meus aqui especiais, e as vezes quando falta professores, eu vou pra sala de aula aproveito e levo também. Que nem esse aqui colocou: - Eu tenho medo de zumbi! (risos) Então aí, no final do ano, a minha intenção era abrir com eles né? E trabalhar... Ainda continua com medo? Como trabalhou esse medo durante esse ano? Eu iria né? Mas, agora veio a pandemia e não deu pra continuar, mas eu pretendo continuar com eles o cantinho dos sentimentos! Tava bonitinho! Eles trazem de casa muito essa coisa, a convivência em casa, as vezes a criança não tem uma convivência muito harmoniosa em casa, então chega aqui pra mim, acriança retraída, aí eu começo a trabalhar já os sentimentos, a auto estima principalmente, com eles.

Eixo 2: Ensino Religioso/Espiritualidade

1- Qual a sua opinião sobre ministrar a matéria de Ensino Religioso, conforme consta da legislação educacional brasileira?

Pelo que eu entendo de ensino religioso, agora que eu comecei na TV né? Fazer os programas, fui convidada pra fazer né? Mas, eu acompanhava assim, eu tive ensino religioso na escola quando eu estudava né? Mas, era diferente do da proposta de agora, que a proposta de agora é você trabalhar ou ensino religioso como formação

humana, procurando formar a criança, formando nela valores né? Não uma religião específica, mas, com os valores da religiosidade para uma sociedade melhor.

2- Como se dá a aplicação da matéria de Ensino Religioso na escola em que atua? Descreva:

Aqui é com a disciplina de formação humana né? então na disciplina de formação humana tem inclusive eu trabalhei na TV as religiões de matrizes indígenas e africanas então, nesse tema eu trabalhei as religiões indígenas e as matrizes africanas que é a umbanda e o candomblé. Lá na TV não deu para se aprofundar muito porque o tempo é curto né? Mas eu acredito que aqui na escola quem fosse trabalhar ia ter uma hora e meia de aula aqui na escola né? Então dá pra trabalhar bem. Não é visto com bons olhos, pelos pais, os pais não... A gente teve até reclamação, nesse eixo dos programas da TV. Por que trabalhar isso com as crianças? Eles acham assim que, a religião é a família que tem que passar. Eu penso assim, que o pai tem uma religião, quer que o filho cresça naquela religião, e não quer que ele se aprofunde em outras religiões. Mas, não é que ele vai mudar de religião, é o conhecimento, eles não entendem isso né? Que a gente passa o conhecimento. Eles não entendem, na matéria de artes, a professora comenta comigo que tem a religião na arte e ela tinha que trabalhar também a religião indígena na arte e ela também teve reclamação de pais que não gostaram do tema, das atividades do texto que ela escolheu. Que não precisava trabalhar aquilo com as crianças, por conta da religião deles tá? Mas, eu acho que os pais ainda têm a cabeça fechada, eles acham assim que a gente está trabalhando isso, mas, como religião mesmo para as crianças, não como formação como conhecimento.

3- Você entende que Religião e Espiritualidade são sinônimos? Comente:

Olha, religião para mim é você ter um é uma religião denominada né? a minha família é católica eu fui criada na religião católica, conheço todos os preceitos da religião católica, mas, eu assim não sigo, não sou de ir à igreja aquela coisa que a minha mãe tinha né? todo domingo na igreja, isso eu não sou. A espiritualidade para mim é você acreditar em Deus você ter fé você ter gratidão pelo que você consegue o que você tem, então a espiritualidade para mim independe de religião, você pode ter e até não ter nenhuma, como no caso do ateu né? Não pregar nenhuma religião, mas, você tem espiritualidade.

4- Você acredita que o binômio Ensino Religioso/Espiritualidade possa servir de estratégia para promover ações de Cultura de Paz na escola em que atua e outras escolas? Já existe alguma prática nesse sentido na sua escola?

Eu acredito que sim, não no sentido de pregar uma religião, mas, no sentido de usar os conceitos, os valores que as religiões trazem pra ir pro lado da paz. Porque pelo que eu estudo, que eu leio, todas as religiões pregam a paz, nenhuma prega violência agressão nada disso é todas as religiões pregam a paz o amor então isso é um caminho né?

- E daí a violência agressão viria de onde?

A violência, a agressão eu acredito que vem assim da intolerância, de quem tem uma religião e não quer nem ouvir falar de outra religião. No caso é assim por exemplo a família é católica, aí aqui na escola nós temos que trabalhar às matrizes africanas né? a família não quer nem ouvir. Não eu não concordo com isso, sou católico não quero! Não abre para o conhecimento, fica ali fechadinho!

Eixo 3: Cinco Pedagogias da Paz

1- Você conhece as cinco pedagogias da paz?

Não conheço, eu quero conhecer.

2- Em que você acha que a pedagogia dos valores humanos, intrínsecos ao ser humano pode colaborar para uma Cultura de Paz na sua escola?

Eu tenho casos de crianças que chegou aqui pra mim, dizendo, aí eu não consigo nada, eu não sei nada, eu nunca vou aprender nada. Aí a gente vai trabalhando, trabalhando, saiu daqui outra criança, fica mais calmo, até a convivência em casa, as mães relatam bastante, que a convivência em casa melhora depois que começa a trabalhar os valores.

3- Em que você acha que a pedagogia das vivências/convivências pode colaborar para uma Cultura de Paz na sua escola?

Aqui na sala de recursos, a gente trabalha muito com sentimentos, auto estima, então eu acredito que todos esses valores podem ser trabalhados, uma criança que às vezes é agressiva lá na sala de aula, as vezes as outras professoras desistem dela, aí vem pra mim, a gente começa a trabalhar os sentimentos, vamos trabalhar o teu

medo, até a paz mesmo, porque as vezes paz é você sentar ali e ficar quietinho sem ninguém, ou você contar pra alguém o problema que você tem né, aí a gente vai conseguindo trabalhar com aquela criança. Eu tenho casos aqui de crianças que quando chegou aqui pra mim: -ah eu não sei nada, eu nunca vou aprender nada. Aí a gente vai trabalhando, saiu daqui outra criança, até a convivência em casa, as mães relatam bastante sabe? Que a convivência em casa deles melhora depois que a gente começa a trabalhar os valores com eles.

- E o aprendizado de outras matérias?

Também interfere porque eles começam a compreender, a convivência deles com as outras pessoas. Nas salas de aula, a gente tem desde o começo do ano os combinados né? Então, levanta a mão pra falar, quando um estiver falando, o outro espera, isso já é trabalhar valores, pra convivência pacífica dentro da sala de aula né? Temos caso de aluno agressivo, que jogava a carteira, gritava né? Aí começa a trabalhar isso eles vão de acalmando, eles vão compreendendo na verdade. Então, eu acredito que a paz, a gente trabalha, é possível converter, melhorar o ser humano.

2- Em que você acha que a pedagogia dos direitos humanos pode colaborar para uma Cultura de Paz na sua escola?

Direitos humanos a gente trabalha, mas no sentido do estatuto da criança e do adolescente, teve até uma aula da TV que específica sobre o estatuto, aí lá tem direito à vida, direito à educação. Temática voltada para o 4º e 5º ano.

3- Em que você acha que a pedagogia dos conflitos pode colaborar para uma Cultura de Paz na sua escola?

Conflito na escola é o que mais aparece né? Você vai pra sala de aula, às vezes você planeja a aula toda, as vezes me avisam antes, você precisa ir lá porque a professora vai faltar eu planejo uma aula de português, daí eu chego lá, a turma tá agitada, sai um conflito você tem que mudar na hora assim, todo o teu planejamento, sair daquilo que você planejou, pra resolver, mediar o conflito né? Para depois você voltar para o que você tinha planejado.

- Você consegue ver esse conflito como algo positivo?

Sim, porque a gente começa a conversar com a turma, daí é a turma inteira, você tem que conversar com uma turma inteira, por causa daquele conflito às vezes de dois, três que estavam envolvidos né? Daí eu tento sempre pegar a turma inteira e

trazer pra turma, por que que aconteceu? Por que agiram dessa maneira? E depois a gente traz para discussão né? A gente sempre debate bastante com eles, eles falam demais (risos). Porque encontra muitas dinâmicas para trabalhar o conflito, mas, você não para isso, você estava preparada para outra coisa, aí você chega lá e dá de cara com aquilo né? Então, eu digo assim para as professoras, você tem que estar prepara pra tudo, você tem que chegar lá e na hora você tem que resolver e as vezes a solução não é você pegar aqueles dois que estavam brigando, discutindo e mandar para a pedagoga. Às vezes não resolve, vem pra pedagoga ali, mas e o resto da turma? Então não vão falar sobre aquilo, eles voltam para a sala continua a mesma coisa. Então você tem que trabalhar aquele conflito que estava acontecendo de uma maneira positiva para a turma toda.

4- Em que você acha que a pedagogia da ecoformação pode colaborar para uma Cultura de Paz na sua escola?

Não ouvi falar.

D

Profa. Giovana Clausen Justus

Escola Municipal Alda dos Santos Rebonato

3º ano

Eixo 1: Cultura de Paz

1) Qual a sua concepção sobre a Paz e Cultura de Paz? Descreva.

Na minha visão, paz é você viver em harmonia. Mas assim, essa harmonia está ligada aos conflitos do dia a dia, porque nem sempre a paz é uma coisa, linda, maravilhosa, branca, redonda, não! Paz envolve os conflitos que a gente tem, como que a gente está vivendo esses conflitos, como estou resolvendo os meus problemas diários e mesmo assim eu estou em paz? Isso é a minha visão. Então, eu preciso ter uma cultura de que eu vou trabalhar essa paz em mim, sabendo os problemas que eu tenho, mas tentando resolvê-los sem criar mais conflitos.

2) Você acha possível inserir a Cultura de Paz nas escolas, conforme preceitua a LDB desde 2018?

Eu acho possível, desde que haja uma formação um pouquinho maior, uma formação mais específica para os professores.

3) Qual a relação entre Cultura de Paz e Educação para a Paz?

Então, a cultura de paz, na minha opinião, é a maneira como a pessoa se vê frente aos conflitos e tenta superá-los de uma maneira mais digna, respeitando sempre a outros conflitos. A educação para a paz é a função da escola, é o que vai levar à família os conceitos e valores que possam ajudar nessa cultura de paz.

4) Você acha que o incentivo e a utilização dos valores humanos podem colaborar com uma cultura de paz na sua escola?

Com certeza, porque a partir do momento que eu ensino e ajuda o meu aluno a valorizar o respeito, a solidariedade, a amizade, eu vou estar favorecendo a ele um conhecimento muito maior, né? E aí vai se dispersando essa cultura de paz e esses valores só vão crescendo. Tenho experiências bem positivas com isso.

5) Você tem alguma prática pedagógica que inclua os valores humanos para uma cultura de paz na sua escola? Se sim, comente:

Assim, uma prática específica não, porque a gente começou também com a formação humana, né? Mas nesse “20” ... a formação humana, na verdade, começou há 2 (dois) anos eu acho ..., mas nesses 20 e poucos anos de jornada a gente tem algumas coisas, uns truques assim, né, que a gente chama. Por exemplo, tinha uma criança que tinha o costume de pegar as coisinhas dos colegas, sabe? E nessa de pegar, acabava levando embora, não devolvia... é uma coisa que vai se repetindo os anos, assim. E a gente, como vai trabalhar com isso? Então essa criança se tornou o anjo da guarda da sala: “olha, a partir de hoje, tudo que acontecer aqui na sala você vai ajudar a prof, vai juntar, vai contar para a prof, vai mostrar, né? Tipo um lápis no chão, uma borracha...”. Porque é complicado o dia a dia das crianças na escola, daí essa criança foi, assim, criando essa atitude de pegar o objeto e dizer: “olha, professora, encontrei aqui um objeto, de quem será?”. Aí depois ela, independentemente da professora, já pegava e dizia para os coleguinhas “olha, fulano, o seu lápis está no chão” ... então ela continuava com aquela atenção que ela tinha, de pegar o objeto, mas ela tinha que devolver para o dono, né?

E foi uma coisa muito positiva, deu, assim, resultados bem legais, e foi mais de uma experiência, foram umas 2 ou 3 crianças, assim, que posso citar em específico.

E essa prática de vocês na TV, com essa prática de valores, o que vocês estão tendo de retorno?

Eu acho que o retorno ainda está um pouco difícil, sabe? Porque a gente está muito longe das crianças neste momento... eu não estou vendo, assim... porque a gente tem material escrito, a gente tem que corrigir... eu não estou em contato com eles, né? E aí eu vejo, assim, pelas mães, e percebo, assim, algumas coisas... como no dia do kit... que a gente entrega alguns kits de alimentação... as tias na escola, elas entregam... eu tenho uma mãe que manda foto do que ela fez com o kit. O bolo cenoura, a alface para o menininho comer... e a criança agradece, ela agradece e diz “muita gratidão, professora”, sabe? Acho muito lindo isso, então... só que isso vem da família também, não é porque a aula está influenciando neste momento. Então eu acho muito difícil, neste momento, dizer qual é o impacto direto das aulas, sabe? Tem influência da família, a influência da família é muito grande.

Eixo 2: Ensino Religioso/Espiritualidade

1- Qual a sua opinião sobre ministrar a matéria de Ensino Religioso, conforme consta da legislação educacional brasileira?

É uma atividade difícil de ser feita porque a gente precisa estudar muito, como ali no caso dos nossos encontros que a gente faz é semanalmente, nas terças-feiras a gente estuda, a gente debate, a gente né? estipula mais ou menos o que vai fazer durante a aula. E quando a gente chega em casa, a gente vai estudar os conteúdos, por exemplo, indumentárias religiosas. O que é indumentária? Indumentária não é uma roupa comum, é a roupa que o líder religioso utiliza. E quais são essas indumentárias? Pra começo tem que conhecer as cinco matrizes né? tem ocidental, oriental, matriz africana, os povos indígenas né? então você tem que ter uma noção disso, então depois você vai estudar sobre as roupas né? vai comentar alguma coisa e depois de tudo que você fez, você vai ter um tempo determinado para falar né? então você tem que dar uma enxugada. Mas o desafio maior é você conhecer, é o conhecimento você tem que buscar, tem que se virar, cada um por si né?

2- Como se dá a aplicação da matéria de Ensino Religioso na escola em que atua? Descreva:

Lá na escola “Alda” quando a gente trabalha formação humana, ... antes da pandemia, que eu não tinha essa formação que eu tenho agora, então antes da pandemia, a gente trabalhava formação humana, com uma forma, uma oralidade entre as crianças, a diretora deixou bem claro, as pedagogas, que era uma atividade oral, então a gente se sentava com as crianças em círculo no chão, ou em volta de uma árvore, onde já está com dois anos que tem essa prática. E a gente colocava as questões para serem discutidas, questões familiares como o respeito, e daí colocava uma musiquinha, e trazia as crianças pra refletir sobre a música, podia falar sobre alguma questão especial, por exemplo a proximidade da família, porque a gente queria chegar num consenso que a gente pudesse conversar com as crianças né? a gente colocava uma gravura por exemplo, falando sobre o que tinha sobre aquela gravura, podia ter alguma coisa que deixasse a criança a vontade para contar sobre alguma experiência em casa positiva mesmo né? às vezes sobre o luto né? Quando a gente via Ah professora, meu gato morreu né? então a gente fazia alguma atividade que falasse sobre, mas era muito simples assim.

E agora?

Agora eu percebo que a minha formação aqui nesse grupo está favorecendo quando eu voltar as aulas vão ser bem diferentes.

3- Você entende que Religião e Espiritualidade são sinônimos? Comente:

Bom, pela minha experiência de vida, religião não tem nada a ver com espiritualidade. Eu tenho experiência muito negativa na igreja, na religião, na prática da religião para mim foi muito negativa. Então, é uma cobrança de dinheiro, de dízimo é uma coisa que eu não concordo. Então foi uma experiência negativa, mas, eu acredito na espiritualidade, acredito no ser supremo acredito. Faço orações né? então eu fui batizada na igreja, por que eu não fosse batizado ia ficar pensando: Nossa como que eu ia me comportar né? são coisas bem diferentes, então pelo estudo que eu fiz agora, nesse tempo que eu tô estudando, religiosidade é a maneira como estou é ligada à religião, a maneira que eu vou professar essa fé é, ligada à cultura da religião, mas, não sei definir assim...porque por exemplo para a umbanda a religiosidade é a prática né? São as guias que vão no pescoço, são as entidades, é a prática do jogo de búzios por exemplo. Pro católico é outra coisa né? É a novena então, é como que

tá ligado, essa ligação na fé, como ele busca essa fé no dia a dia né? pros budistas é diferente né? Eles vão procurar a meditação. Então, esse é o meu conceito através do conhecimento que eu tive, mas, a minha prática como leiga que não estudou nada, é assim, é Deus e eu.

4- Você acredita que o binômio Ensino Religioso/Espiritualidade possa servir de estratégia para promover ações de Cultura de Paz na escola em que atua e outras escolas? Já existe alguma prática nesse sentido na sua escola?

Sim, até pela diversidade que existe muito grande dentro das religiões. Na minha sala de aula, eu tenho crianças que são evangélicas e eu já tive experiências de outros anos que tinham crianças que eram Testemunhas de Jeová, um outro grupo religioso que é muito forte né? Não praticam nada, nem aniversário eles não celebram, quando entram na sala ele causa um impacto é muito grande, porque a gente porque você todo dia se comemora o aniversário os parabéns você canta feliz aniversário e a menininha dizia assim: professora eu não posso cantar parabéns pra mim, vocês não vão poder cantar parabéns pra mim, mas ela queria que a gente demonstrasse feliz aniversário, que a gente desejasse pra ela, então eu fiquei em conflito como que eu vou cantar parabéns né? Daí a gente foi até a mãe conversou com a mãe tudo e a mãe achou por bem que a gente falasse pra ela: feliz aniversário sem cantar os parabéns tradicional, mas que desejasse que ela fosse muito feliz durante a vida dela. E aí a gente fez isso, e a gente entendeu ali naquele momento que a diversidade é muito grande e que cada criança tem a sua ligação com a sua religião muito forte porque quando eles vão nas igrejas, vão nos templos eles contam pra gente, eles contam as coisas pra professora, então quando a gente aprender a trabalhar com essa diversidade, a gente estará aprendendo a trabalhar os valores. E vai desenvolvendo no dia a dia isso. Isso porque não é que foi um desafio pra nós que a gente agora vai ficar vendo isso, sempre como uma coisa negativa. Então nós temos que trabalhar isso, mas trabalhamos de uma maneira tranquila, que a gente fique tranquila, e que viva em paz né? Como aquele dia, que foi resolvido que a gente não conseguiu resolver. E assim existem outros conflitos, por exemplo: ah fulaninho bateu no fulano, e como que eu vou resolver isso sem causar mais conflito? Vou começar a gritar? Ou dizer então você vai ficar sem recreio? Como é que eu vou deixar, vou punir alguém? Então envolve muito mais. Então: você conhece os seus direitos, sabe que você não

pode bater, então vamos conversar sobre isso! Por que você bateu? Sempre que houver um momento em que você quer bater pense um pouquinho antes né?

Eixo 3: Cinco Pedagogias da Paz

1- Você conhece as cinco pedagogias da paz?

Profundamente eu não conheço.

2- Você acha que a pedagogia dos valores humanos, intrínsecos ao ser humano pode colaborar para uma Cultura de Paz na sua escola?

Sim, com certeza.

3- Em que você acha que a pedagogia dos direitos humanos pode colaborar para uma Cultura de Paz na sua escola?

Porque é o desenvolvimento do valor e o valor só vai ser desenvolvido quando a criança conhece. Porque a gente toma por base que a criança sabe respeitar o outro, que a criança sabe tolerar o outro, mas não sabe, ele vai agir instintivamente né? Então quando você mostra para ele que, aquilo que ele fez, foi intolerante aí ele vai entender: Ah existe a palavra tolerante, então eu vou partir do conhecimento da palavra tolerância. E essa pedagogia deve ser uma coisa bem lúdica assim eu digo né? Porque você falar para um adulto o que é a tolerância é mais fácil. É isso que o nosso trabalho aqui no grupo, principalmente o meu e o da Edi, que a gente trabalha com crianças de primeiro, segundo e terceiro ano. Então, meu Deus, como a gente vai trabalhar “indumentárias religiosas” com criança no primeiro ano, que significado que tem isso no Judaísmo? Então eu preciso conhecer e demonstrar de um jeito lúdico. Bonequinhos que se vestem, e mostrar para eles viajaram e perderam as roupas, de repente vai estar na mala o que tá guardado. Porque tem que ter um jogo de cintura assim muito objetivo e positivo, pra que você possa partir pra construção desse conhecimento é pra ver se vai sendo construído.

Desde o começo do direito da criança na sala direitos dos direitos e deveres da criança. Então eles já têm uma noçãozinha né? Agora esses direitos humanos eu acho bem importante porque, poderia fazer uma disciplina de direito e não sei como fazer também isso né?

Por que as questões de direitos elas não são isoladas né? Então eu vou ter o meu direito e agora não tenho mais! Então vai ter que se envolver em alguma situação, pelo direito de lutar por alguma coisa, por exemplo olha eu quero um bebedouro na sala. Ah, então vamos pedir para a diretora um bebedouro. Então a gente vai lutar por isso, a gente pode reivindicar fazendo cartinhas, a gente pode fazer entrevista nas salas, ver se mais alguns alunos vão querer.

A gente fez alguma coisa no sentido de pedir para diretora, era um dia para brincar na quadra. Porque assim, na nossa escola a gente tem que cumprir algumas regras né? Então fica meio difícil né? A criança tem que brincar é 15 minutos, comer nos outros 15, voltar pra sala e escovar os dentes nos outros 15 e ainda começar a aula. Daí as crianças falam: ah professora, eu queria tanto brincar mais. Mas, gente eu não posso fazer nada, é diretora que manda. Como a gente pode falar com a diretora? Vocês vão chegar lá falando que vocês querem brincar mais e ela vai dizer que não dá. Então a gente podia perguntar para as outras turmas se eles querem. Então foi surgindo, eles foram nas outras turmas, fizeram uma pesquisa nas outras, foram no outro segundo ano. Ah nós queremos também, então nós vamos juntar as duas turmas, as duas professoras. Então vamos fazer uma coisa grande. Os alunos saíram em grupos de pesquisa, tinha entrevistador, escritor, cada um com sua função, com crachá, daí eles saíram de sala em sala. O que vocês acham se a gente pedisse pra diretoria pra gente brincar na sexta-feira depois das dez? Eles ficaram bem loucos né? Daí quando a gente levou a resposta para ela, a gente preparou na sala como se fosse um problema de matemática, a gente trabalhou interdisciplinaridade. Um gráfico muitas pessoas queriam. Foi 100% (risos). A gente tinha que fazer uma expectativa, se alguém não quisesse quanto que ia dar né? Aí a gente levou a resposta completa para a diretora, que respondeu: Então diante dessa reivindicação, a gente vai deixar sexta-feira para algumas classes. A classe tinha que se destacar durante a semana e ganhava de presente brinquedo na sexta, depois das dez. [...] São coisas que dão resultado.

4- Em que você acha que a pedagogia dos conflitos pode colaborar para uma Cultura de Paz na sua escola?

Eu vejo que quando eu comecei na rede, como professora na rede municipal, as professoras reprovaram muito né? Não no sentido de reprovar a criança no ano né? No sentido de reprovar a atitude. [...] Então eu comecei a entender que não é

assim que a gente faz né? Acho que de tanto a gente ler, de tanto a aprender, de tanto a gente conviver com a criança, a gente vai pegando o jeitinho no caso. E esse jeitinho já podia vir antes em forma de uma pedagogia né? Que é a prática você conversar com a criança, trocar ideias, mostrar para ela, o que está certo ou errado, através de um jogo né? Acho que a gente até tenta fazer isso na sala, na matemática, no português.

5- Em que você acha que a pedagogia da ecoformação pode colaborar para uma Cultura de Paz na sua escola?

São coisas que são importantes ser trabalhado o quanto antes. Quando teve aquele problema em Brumadinho, as crianças levaram essas questões para a sala, então são questões muito importantes e que a gente trabalha de uma maneira muito superficial, pois a gente comenta aquele fato. Mas, fazer um projeto que desenvolva melhorias no Rio Verde, que é o lugar eles estão, é bem complicado, pois a gente não faz. A gente procura fazer, a gente trouxe ano passado para fazer a horta na escola, tentamos, fomos, conhecemos, até colocamos minhoca pra produzir uma terra melhorzinha, mas chegou um ponto que não foi mais. A gente não conseguiu render por causa de tempo, então se houvesse um direcionamento melhor de toda equipe, de formação...

6- Em que você acha que a pedagogia das vivências/convivências pode colaborar para uma Cultura de Paz na sua escola?

Eu acho muito interessante, quando a escola não era período integral, era período parcial era uma coisa, aí a escola foi se adaptando e se tornou integral, os alunos ficam o dia todo na escola, eu estou o dia todo na escola, a outra professora que é 20 horas sai e entra outra à tarde, então gente tem que levar aquela turma mais ou menos junta, então há uma interação maior. Na hora do almoço, a professora ajuda a criança, corta a carne, ensina os outros. [...] a professora tem a responsabilidade de limpar a mesa, quando eles saíssem, e a gente criou uma estratégia diferente pra se ajudar. A escola integral favorece para a gente conhecer a criança, porque a gente vê a criança do dia todo né?

Pra escola andar bem, a união das pessoas é muito importante, a minha escola Alda é excelente, a gente tem uma equipe muito boa, a diretora é muito firme, as pedagogas são muito firmes e elas vão sempre buscando o melhor, o que você pode

fazer de melhor para o seu aluno. O que tem de melhor? As famílias não vão gostar disso, elas pensam em tudo, na família, como vão receber esse recado de vir no outro dia buscar o kit. Não é automático, são coisas que eu considero muito importantes, sempre a criança em primeiro lugar, pra todos.

E

Professora Lialiane Siemieniaco

Escola Municipal Professora Braulina Carneiro de Quadros

2º ano integral

Eixo 1: Cultura de Paz

1- Qual a sua concepção sobre a Paz e Cultura de Paz? Descreva.

Minha concepção sobre paz e cultura da paz, é a de que é a única maneira para termos uma convivência harmoniosa com os demais.

2- Você acha possível inserir a Cultura de Paz nas escolas, conforme preceitua a LDB desde 2018?

Com certeza. Trabalho com as classes de alfabetização, nas séries iniciais e a cultura da paz está presente em nosso cotidiano pedagógico.

3- Qual a relação entre Cultura de Paz e Educação para a Paz?

A cultura da paz traz princípios adquiridos no ambiente familiar enquanto a educação para a paz se dá no ambiente escolar, onde reunimos diferentes opiniões, hábitos e atitudes e orientamos para uma convivência harmônica.

4- Você acha que o incentivo e a utilização dos valores humanos podem colaborar para uma Cultura de Paz na sua escola?

Sem dúvida, vemos isso nas mudanças que ocorrem no transcorrer do período escolar, em que as crianças vão aprendendo a respeitar os demais. Outro exemplo é quando vemos nossos ex-alunos com hábitos e valores adquiridos na escola, que o ajudaram a melhorar na vida.

5- Você tem alguma prática pedagógica que inclua os valores humanos para uma Cultura de Paz na sua escola? Se sim, comente:

Para que se tenha um ambiente harmônico, se faz necessária a prática pedagógica na educação para paz, como uma constante no espaço escolar. Sempre trabalhei nas séries iniciais, onde a criança aprende com mais facilidade, pois é inocente e está moldando sua personalidade. Tenho por hábito, momentos de diálogo no início das aulas, onde os alunos podem contar as novidades. Espaço esse em que posso interferir com conselhos e incentivo de boas atitudes.

É a diversidade de conceitos, hábitos e atitudes, onde estão reunidas crianças de todas as classes e diferentes maneiras de serem educadas. Outro fator são os vícios de familiares como: álcool, drogas, violência doméstica. Aquilo que o aluno vive julga como certo.

A não aceitação do conhecimento de outras culturas religiosas. Vemos familiares bem arraigados em conceitos religiosos tido como certos e uma visão de que os outros estão errados, não respeitando a escolha dos outros, vendo a sua como única certeza.

Eixo 2: Ensino Religioso/ Espiritualidade

1- Qual a sua opinião sobre ministrar a matéria de Ensino Religioso, conforme consta da legislação educacional brasileira?

As pessoas têm direito de escolher sua religião, mas penso que temos o dever de conhecer as demais religiosidades, a fim de desenvolver o respeito à diversidade religiosa e isso só acontecerá se ensinarmos aos nossos alunos sobre as diferentes culturas religiosas no mundo.

2- Como se dá a aplicação da matéria de Ensino Religioso na escola em que atua? Descreva:

Ela acontece nas aulas de formação humana, uma vez por semana, as quais estão sendo efetivadas por meio da educação remota, na tevê, devido a pandemia.

3- Você entende que Religião e Espiritualidade são sinônimos? Comente:

A religião se dá através de atos de ritos de fé em cultos. A espiritualidade é

íntima, vem do íntimo, da alma.

4- Você acredita que o binômio Ensino Religioso/Espiritualidade possa servir de estratégia para promover ações de Cultura de Paz na escola em que atua e outras escolas? Já existe alguma prática nesse sentido na sua escola?

Acredito que sim. Desenvolvemos algumas atividades, em que pudemos levar nossos alunos a vivenciar a cultura da paz, inclusive levando para a comunidade em que moram, através de uma caminhada pela paz.

O distanciamento e a falta de diálogo com nossos alunos. Fruto de uma sociedade onde temos muitas diferenças sociais, econômicas e culturais.

Eixo 3: Cinco Pedagogias da Paz

1- Você conhece as cinco pedagogias da paz?

Não conheço. Iniciei no grupo de formação humana no ano passado, onde desde então passei a formular as questões de formação humana e ensino religioso para o primeiro ano.

Conheci o prof. Nei nesses encontros, mas não conheço o seu trabalho, portanto não posso responder as questões referentes ao trabalho dele.

E

Professora Silmara Aparecida Lopes

Escola Orival Carneiro Martins

2º ano

Eixo 1: Cultura de Paz

1- Qual a sua concepção sobre a Paz e Cultura de Paz?

A paz, eu acredito que seja, não ter conflitos, né? Na parte pessoal, na parte do mundo. Então, a paz é estar calma, estar sem conflitos, sem guerras, sem brigas. Acredito que a paz seja isso. A Cultura de Paz seria cultivar nas pessoas e no mundo valores humanos. Acredito que seja isso.

2- Você acha possível inserir a Cultura de Paz nas escolas, conforme preceitua a LDB desde 2018?

Eu acho que nós enquanto escola sempre tentamos inserir, né? Está cada vez mais difícil os valores, os valores estão se perdendo, mas a escola tem o papel fundamental de inserir a Cultura de Paz. Tanto que agora, essa pandemia serviu para que a gente puxe mais isso (?), não que antes a gente não fizesse, mas agora percebemos outros valores com as aulas na TV, outros conceitos. Eu serei sincera, muitas coisas eu não sabia, porque temos a cultura dos valores, mas não de um trabalho voltado somente para aquilo (?). A partir de agora, com as diretrizes (que a prefeitura organizou), tem um cronograma de formação humana. Creio que agora estamos conseguindo mais.

3- Qual a relação entre Cultura de Paz e Educação para a Paz?

Eu acredito que a cultura seja as formas que você irá levar para educar as pessoas, as crianças, para ter a paz, valores, participar ativamente de, por exemplo, ter respeito com o próximo, da diversidade.

4- Você acha que o incentivo e a utilização dos valores humanos podem colaborar para uma Cultura de Paz na sua escola?

Sim, com certeza.

5- Você tem alguma prática pedagógica que inclua os valores humanos para uma Cultura de Paz na sua escola? Se sim, comente:

Com o tempo as coisas começam a se perder e agora acredito que houve um resgate. A gente sempre trabalhou, até fazíamos uns cadernos de trabalhos sobre valores. Porque nós não tínhamos aquele parecer com os objetivos da formação humana. Quando eu entrei agora na TV, fiquei pensando como a gente não sabia trabalhar, porque você aprende tantas coisas que são novas e pensa como nunca trabalhei isso, ou nunca falei isso para as crianças né? Tem uma professora, a Adriane que é excelente, e você fica “babando” nas aulas dela, escutando-a falar. E agora, daqui para frente será outra concepção.

Eixo 2: Ensino Religioso/Espiritualidade

1- Qual a sua opinião sobre ministrar a matéria de Ensino Religioso, conforme consta da legislação educacional brasileira? Como se dá a aplicação da matéria de Ensino Religioso na escola em que atua? Descreva:

Pensando agora, a minha concepção é totalmente diferente. Então, a partir do ano que vem, se tudo voltar ao normal, serão outros encaminhamentos, porque a gente trabalhava e pensava nos valores humanos apenas, né? Claro que dávamos uma pincelada nas religiões, mas agora abriu aquele leque. Penso que entendi, posso ajudar com que as crianças aprendam Ensino Religioso, por exemplo.

2- Você entende que Religião e Espiritualidade são sinônimos? Comente:

Acho que são sinônimos, porém têm significados diferentes. (?) Acho que religião é reunir, religar. E Espiritualidade vai muito além, depende da pessoa, do ser humano, o que ele busca em relação a sua espiritualidade.

3- Você acredita que o binômio Ensino Religioso/Espiritualidade possa servir de estratégia para promover ações de Cultura de Paz na escola em que atua e outras escolas? Já existe alguma prática nesse sentido na sua escola?

Acho que sirva como estratégia porque um liga o outro e as práticas nunca deixamos de trabalhar, sempre procurando fazer com que a criança reflita, mas como te falei, agora a prática será outra. A partir do momento que eu entrei para trabalhar na formação humana nas aulas do “Venham aprender” (?), a minha concepção é outra. Será tudo diferente, melhor. A gente vai aprendendo e tem que pensar em como passarei tudo isso para as professoras. Nós temos um material riquíssimo, que são as aulas. Primeiro fazer uma formação com os professores da escola para que quando colocassem as aulas para os alunos assistirem, poderem explicar também. Acho que um liga o outro, a espiritualidade, a formação e buscar o respeito entre os seres humanos.

Eixo 3: Cinco Pedagogias da Paz

1- Você conhece as cinco pedagogias da paz?

Não conheço, mas como eu te disse, agora eu estou aprendendo muito nesse período. Mas assim, do que eu já li, vou te falar que não.

2- Em que você acha que a pedagogia dos valores humanos, intrínsecos ao ser humano pode colaborar para uma Cultura de Paz na sua escola?

Sim, lógico que pode. Os valores foram se perdendo, então sempre o professor, não só o professor, mas todos que trabalham na escola, resgatar, por exemplo, peça por favor quando vai pedir algo na secretaria. Esse resgate é muito importante, porque a criança tem de aprender desde pequenininha, para que quando for adulta consiga passar isso para os outros.

3- Em que você acha que a pedagogia dos direitos humanos pode colaborar para uma Cultura de Paz na sua escola?

A gente percebe que essa parte dos direitos humanos, a diversidade, está cada vez mais aflorada no convívio social, as vezes de forma positiva, as vezes negativa. Existem pessoas que sabem avaliar/trabalhar isso, existem pessoas que não. A própria família dos alunos, percebemos que acontecem algumas coisas que algumas famílias sabem “tratar”, outras não. A escola está sempre como mediadora disso, e o respeito é essencial né?

4- Em que você acha que a pedagogia dos conflitos pode colaborar para uma Cultura de Paz na sua escola?

Essa parte do conflito acho muito interessante, eu vi uma palestra, que não me lembro o autor, mas ele explicou do conflito da filha, que a filha estava lendo um livro sobre fantasma, ou algo do tipo e ela ficou assustada, começou a chorar e ele pensou, mas é um conflito, então pensou em trabalhar tal conflito, em ler o livro novamente para a menina, até que ela entendeu que fazia parte de uma história, que não era verdadeiro e como ela lidaria se fosse. Achei muito legal e sempre penso nisso até mesmo com as crianças. Em pensar sobre como resolver os conflitos. Essa pedagogia que ele escreveu criou é boa porque pensando nisso, podemos agregar tantas coisas.

5- Em que você acha que a pedagogia da ecoformação pode colaborar para uma Cultura de Paz na sua escola?

O que entendi da ecoformação, é que o respeito sobre o ambiente em que você vive, conversamos muito sobre isso com as crianças na escola. Temos que respeitar desde a garrafinha de água, que deve ser cuidada porque a mãe mandou, do teu lápis,

do material que ganha, deve ser cuidado, o uniforme sempre limpo. Isso é sempre trabalhado né?

6- Em que você acha que a pedagogia das vivências/convivências pode colaborar para uma Cultura de Paz na sua escola?

Com as crianças não é tão difícil de lidar, o mais difícil é lidar com os adultos, os pais. Falamos com os alunos e eles entendem, por exemplo, quando o aluno joga lixo no chão e você pede para ele juntar e jogar no lixo, não generalizando, mas às vezes, quando os alunos chegam e contam para os pais, estes não entendem muito bem o porquê isso foi pedido para a criança. Eles se perdem por não terem esses valores, quando a escola ou outra pessoa quer ajudá-los, os pais não deixam, por exemplo. E assim, eles crescem achando que tudo que eles fazem está certo, né?

G

Professora Izolde Hilgemberg de Oliveira

Secretaria Municipal de Ensino

Coordenadora do Ensino Fundamental

Eixo 1: Cultura de Paz

1- Qual a sua concepção sobre a Paz e Cultura de Paz? Descreva.

Paz para mim é o se sentir bem né? É o sentimento de estar bem com a gente mesmo e com as pessoas que estão ao redor da gente, bem em todos os sentidos. Espiritualmente, sem amarras, se sentir muito bem assim, isso é a paz pra mim. Bem com o próximo, bem com a natureza sabe isso para mim é paz. E a cultura de paz eu vejo assim que é o trabalho que é feito para que se cultive essa paz né? Para que essa paz reine na sociedade, porque eu vejo que a sociedade hoje ela está muito, muito violenta e a paz é o contrário da violência é o oposto da violência né? A paz é a sensação tranquilidade é sensação de bondade aquela sensação de espiritualidade mesmo, de estar em sintonia com o universo né? sem turbulência né? de forma tranquila, sem turbulência, sem ofensas né? ao outro e ofensas em todos os sentidos, a cultura da paz é cultivar esse sentimento de ajuda ao outro, de ajudar o próximo, de entender o próximo, que não é porque o próximo é diferente de você que você tem que atacá-lo né? é ter respeito ao próximo né? respeito à natureza, respeito a todas

as coisas porque o bonito da vida é o diferente né? são todas as pessoas diferentes, com pensamentos diferentes, cores diferentes, e sim todo mundo junto tá todo mundo junto, trabalhando junto em harmonia isso para mim é paz, é a cultura da paz mesmo, a cultura da paz é criar esse ambiente mesmo de entendimento, de diálogo de aceitação e de uma convivência harmoniosa sabe? isso para mim é a cultura da paz.

2- Você acha possível inserir a Cultura de Paz nas escolas, conforme preceitua a LDB desde 2018?

Com certeza, com certeza é tem como e é o que a gente na rede municipal está tentando fazer né? é colocar essa cultura da paz mesmo dentro das escolas, porque é mesmo desde pequeno que se aprende a respeitar né? A entender que o diferente não precisa ser igual a você né? Ele não precisa ser igual, você pensa de um jeito, o outro pensa de outro, mas muitas vezes o que eu penso de repente pode até ser, não é questão de ser correto de ser certo ou ser errado, são formas diferentes de ver o mundo, formas diferentes de ver a vida né? De ver o universo, são formas diferentes de ver. Isso precisa ser posto dentro da escola. O que tá agora falando muito em voga a questão da religião, eu vejo é há um tempo atrás, antes de se falar em religião, falava-se muito na questão da inclusão né? são naquele momento quando se falava da inclusão, o que existiam? eram as crianças que eram crianças especiais, elas eram segregadas da sociedade ela estavam longe, elas não eram vistas, elas não estavam aqui nesse mundo digamos assim né? Eram um mundo à parte, os pais as mães e enfim, tinham vergonha muitas vezes de apresentar o filho para a sociedade né? e isso eu vi assim um grande sofrimento para família, para a criança e quando começaram a falar e vinham aquelas discussões na época, eu pensava: “meu Deus que maravilha isso” porque a criança, ela só vai aprender a respeitar se ela conhecer o outro né? aí ela vai aprender a respeitar e quando a gente via na escola onde eu trabalhava naquela momento, eu via assim, como era bonito ver as crianças é, se relacionando com uma criança deficiente. Eu tinha na escola uma criança que ela era, ela não tinha, ela não falava, ela não andava, ela era tetraplégica. A gente só se comunicava com ela assim pelo olhar. Mas, a gente não sabia que ela pensava, ela não se comunicava nada e como as crianças vinham e abraçavam ela e beijavam ela sabe? Ajudavam a levar no banheiro e ajudavam... Gente isso era tão bonito, e me emocionava isso, em várias salas cada sala tinha uma criança, cada uma com uma deficiência diferente, e todos ajudavam, todos ajudavam. Então veja, é assim que se

constrói a paz né? é assim que se constrói, por que é convivendo com o diferente que se aprende a respeitar o diferente, se segregar, aí complica.

2- Qual a relação entre Cultura de Paz e Educação para a Paz?

Isso é Educação para a paz, exatamente, porque é na convivência que você aprende a respeitar né? É na convivência, por isso que quando veio para a LDB, falando de ensino religioso e acho que isso é muito importante porque quando a gente trabalhava antes na escola, a gente já trabalhava a cultura da paz, mas, era um projeto né? Um projeto que podia começar hoje acabar amanhã, agora, a cultura da paz da forma que foi colocada dentro de uma lei maior né? E dentro da diretriz do município, o que é para todas as escolas, não é para uma, faz um projetinho aqui, ou faz um projetinho lá, não né? é para todos, é para todos isso né? E eu vejo assim que poxa vida, você tem que conhecer as diferenças, porque você só respeita quando você conhece, se você não conhece cria fantasias em cima daquilo que você não sabe né? e muitas vezes, você ofende a outra pessoa, sem saber o que a outra pessoa pensa, o que a outra pessoa faz e as muitas vezes o que a outra fala, tem uma forma diferente de ver as coisas. Quando aceitaram religião na escola, você não vai trabalhar religião, os dogmas né? a tradição naquela religião, você não vai ensinar a fazer oração, a rezar né? você não vai ensinar a fazer os rituais lá da Umbanda... não é isso, mas, é saber que tem formas diferentes de se louvar a Deus cada um tem seu jeito né? cada um respeitar o jeito do outro, então isso é educar para a paz, é educar para conviver, para respeitar. Respeitar não só a questão da religião, respeitar o idoso, respeitar o negro, porque pensa hoje eu não sei se você chegou a ver, não sei, mas você viu que a, fazendo essa relação, a vereadora em Curitiba PR, que ela é negra, primeira mulher negra, tá recebendo ameaça de morte, por ser negra? Tem que conversar sobre isso na escola, se falar sobre isso, tem que debater sobre isso, orientar, discutir, tem que fazer debates com as crianças, porque é elas né? dentro dessa cultura que elas vão levar para sua vida né? essa nova forma de ver o mundo. Por que chega né? chega de violência, chega de falta de respeito, chega disso né? Vamos criar um mundo de paz.

3- Você acha que o incentivo e a utilização dos valores humanos podem colaborar para uma Cultura de Paz na sua escola?

Pode, com certeza, sem sombra de dúvida, pode sim.

4- Você tem alguma prática pedagógica que inclua os valores humanos para uma Cultura de Paz na sua escola? Se sim, comente:

A prática pedagógica nossa, como eu estou na Secretaria né? A prática pedagógica é essa que nós estamos fazendo né?

- Você pode falar um pouquinho sobre ela?

A Formação? Então, como eu já tinha começado a falar com você né? no início. Quando chegou a LDB e a gente tinha que adequar ao nosso currículo a isso é, a gente não tinha formação para ele isso né? E a gente também sabia que existe muito preconceito com relação a isso né? A falar de religião, existe muito preconceito para falar de religião, para falar do negro, preconceito para falar do homossexual, para falar, enfim né? E principalmente, nós tínhamos muito problema ali na Câmara Municipal, muitas pessoas ali que sempre agiam com preconceito né? Então, a gente tinha muito problema com relação a isso. Mas, o que é trabalhar? como trabalhar? Ai que medo né? de falar, de dizer e daí por outro lado, a gente via que a escola também né? A escola também ficava, e agora o que eu trabalho? que eu faço? e nós da Secretaria tínhamos por obrigação de orientar a escola, mas e quem que nos orientava? quem que nos orientava? Então a maior dificuldade era isso, porque não tinha ninguém para orientar. Nós tivemos que ir atrás, em busca de leitura, de conhecimento, buscamos o Ney para nos ajudar, pra nos respaldar também. Eu fui estudando, lendo, procurando, eu fui apaixonando por isso sabe? me apaixonando mesmo, até eu lembro que um dia eu falei assim, cheguei lá assim e falei para a Perla, sabe Perla eu tinha uma vontade de escrever de fazer um material, que os professores pudessem ter na mão, que elas pudessem né? ter uma base porque a gente via muitos buchichos ali: ai porque lá na escola estavam fazendo assim, na outra escola estava fazendo assado, numa escola estavam fazendo oração no início das aulas né? Ai meu Deus! Então a gente ficava apreensiva pela forma que, porque sabe assim que tem gente que tem a falta de conhecimento mas ela não vai em busca do conhecimento né? ela fica no feijão com arroz ali né? Sem nada científico né? e a gente tem obrigação disso, e daí a gente acabou que foi devagarinho, mas, o caderno está saindo. [...] Na BNCC está como ensino religioso né? E aqui, - não nós não vamos colocar ensino religioso, - nós vamos colocar formação humana, - não vamos colocar ensino religioso, - vamos colocar formação humana, está bom! Mas, daí depois a gente estudando e vendo, não! Nós temos que seguir o que está na BNCC, mas se a

gente colocar só ensino religioso será que a escola vai fazer essa leitura né? Ensino religioso, educar para a paz é aceitar o diferente, é ensinar a história das religiões, não é ensinar a religião, não é rezar uma missa dentro da escola né? E que se eu trabalho com uma, eu trabalho com todas, eu não posso privilegiar uma religião em detrimento da outra, então será que a escola vai entender dessa forma? Aí que a gente resolveu então colocar os dois: formação humana e ensino religioso porque daí combina os dois juntos, não fica fora da lei né? Fora do que diz a BNCC, mas também dá uma ideia de como chegar lá, porque a palavra tem muito peso, a palavra diz muita coisa. Então, até fazendo uma relação né? Da palavra, esses tempos eu estava pensando, quando a gente criou na escola os blocos, para nós é muito claro o que que é um bloco, um bloco eram momentos dentro da escola, que era um momento antes do lanche, antes do recreio né? e o outro bloco é um momento depois do recreio, depois do lanche mas daí a escola começou a entender o bloco alguma coisa, como se fosse um bloco mesmo, uma coisa rígida, que não pode mudar, meu Deus que era muito fechado e não é! É o que já era antes não mudou nada só mudou o nome, mas, a palavra, tem peso né?

Eixo 2: Ensino Religioso/Espiritualidade

1- Qual a sua opinião sobre ministrar a matéria de Ensino Religioso, conforme consta da legislação educacional brasileira?

Eu acredito, que até já respondi isso né? É falar sobre todas as religiões é a trabalhar com a cultura da paz, é trabalhar a questão a respeito das diferenças né? isso que está lá, não é pra trabalhar a religião em si, não é catequese, catequese você faz na igreja, né? na escola se ensina para trabalhar o diferente, a entender o diferente, ensino ao diálogo, à cultura da paz realmente né? Catequese faz na igreja.

2- Como se dá a aplicação da matéria de Ensino Religioso na escola em que atua? Descreva:

Essas aulas do programa, do ensino remoto, foram excelentes porque é, ele está sendo para as escolas uma formação também né? Na medida que vai trabalhando para as escolas, que os professores vão assistindo os programas é a formação também, e a hora que chegar o momento de voltarmos ao presencial, que elas que terão que trabalhar né? Elas vão ter tudo na mão, elas vão ter as aulas e o

programa que vai estar gravado, elas podem voltar no Youtube, voltar e rever as aulas, elas podem pegar o caderno, então agora elas estão com material na mão. É uma formação mesmo, forma a criança e a professora ao mesmo tempo.

3- Você entende que Religião e Espiritualidade são sinônimos? Comente:

Não, eu não vejo assim que religião e espiritualidade são sinônimos, eu vejo como coisas que caminham paralelas né? Caminham paralelas, porque eu vejo que a religião ela é mais voltada assim para as questões de tradição mesmo, religiosa de seguir uma doutrina, um dogma, então eu vejo religião dessa forma, claro que também dentro da religião tem a espiritualidade, mas, a espiritualidade assim não depende de religião, você pode não seguir, não ir numa igreja, não ter uma religião né? Mas, você ser uma pessoa espiritualista né? ser uma pessoa assim ligada ao ser superior, ser uma pessoa que tem harmonia com o meio ambiente, harmonia com as pessoas. Traz esse bem-estar isso pra mim é ter espiritualidade, as vezes uma pessoa que está lá na igreja, que tá rezando na missa que as vezes é aquela pessoa nem é tão ligada, nem é tão espiritualizada como uma outra pessoa que não está, então ela está dentro da igreja sim, mas não tem muito a ver uma coisa com outra, nas duas tem, mas independe.

4- Você acredita que o binômio Ensino Religioso/Espiritualidade possa servir de estratégia para promover ações de Cultura de Paz na escola em que atua e outras escolas? Já existe alguma prática nesse sentido na sua escola?

Eu tenho certeza de que sim, porque é através dessa disciplina que ela acaba criando momentos, discussões, criando momentos de situações pra você resolver e isso não está só na sala de aula, mas, ele leva também pra sala dos professores essas discussões. É porque é até engraçado, esses dias, como as coisas se propagam né?, contagiam. Até mesmo no programa esses dias, porque na hora da nossa aula de ensino religioso a gente não fala essas coisas “Deus te abençoe”, porque é para evitar por conta das outras religiões enfim, já é o nosso lema, foi muito engraçado porque daí teve uma professora da educação infantil inclusive, que terminou a aula dela animada, e assim: fiquem como Deus, depois ela disse, não pode dizer Deus, não é que não pode dizer né? A pessoa que vai trabalhar ensino religioso na escola, tem que ser uma pessoa despida de preconceitos né? Tem que ser aquela pessoa, que ela consegue trabalhar sem ser preconceituosa, se despir da sua própria religião. Tem

que ser neutra naquele momento. Naquele momento em que ela está trabalhando com os alunos ela precisa ser neutra, precisar ser de todas as religiões. Ela tem que ser espiritualista nesse momento, tem que se despir disso. Ela com todos e todos com ela, eu acho que dessa forma ela vai também conseguir contagiar a escola como um todo. E precisa ser trabalhado, se a gente não começar dos pequenos, eu não sei onde que esse mundo nosso vai parar. Porque com todo esse movimento que tem na própria escola de respeitar o outro, de respeitar o idoso, a criança tem que ser respeitada, se não for trabalhado isso, eu não onde que esse mundo vai parar. Tem que ser trabalhado com muito afinco, eu vejo assim que o ensino religioso dentro da escola, eu vejo que é o principal componente sabe? Porque matemática você ensina que dois mais dois dá quatro, a leitura você coloca, mas, trabalhar com “o eu” é difícil, trabalhar com o que já vem da família, arraigado, pra tirar esse preconceito porque está dentro da pessoa. A pessoa que vai trabalhar com o ensino religioso tem que ser uma pessoa muito especial.

Eixo 3: Cinco Pedagogias da Paz

1- Você conhece as cinco pedagogias da paz?

Eu conheço, não profundamente, mas eu conheço sim, o professor Ney fala dos valores humanos, do conflito, de resolver os conflitos, dos direitos humanos, ele fala com relação ao meio ambiente, o respeito ao meio ambiente, eu lembro que ele também coloca a questão da convivência.

- E você vê que isso é um norte para essa formação humana? Dá para trabalhar junto com religião? De forma interdisciplinar?

Dá, eu vejo assim que essas pedagogias, elas estão dentro do ensino religioso né? Porque ensino religioso é isso, o ensino religioso na escola ele não vai catequizar para essa ou para aquela religião né? Ela vai sim catequizar, mas, catequizar para formar um ser humano completo né? Em as suas instâncias, catequese na escola é isso. Catequizar no sentido de formar né? De formação humana né? porque uma pessoa hoje está tentando distante desse “humano”, ela está tão egoísta, tá tão pensando só nela né? A questão de resolver conflitos, ela não resolve o conflito, ela já vai pra briga, ela não tem diálogo. [...], Mas, sabe eu até no começo quando foi pra TV, eu fiquei bem apreensiva no início sabe? Mas, você acredita que nós não tivemos problema? Nós tivemos uma ouvidoria só, durante o ano todo, só uma ouvidoria, que

a mãe falou assim, era pra não insistir mais nessas aulas, que ela aprende em casa, que não precisa. Mas, não é isso, ela não entendeu ainda. Eu até achei que nós teríamos mais problemas, mas nós não tivemos.